



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

SELI KODJO DARSHAN RAVEN

La traduction de Poèmes d'amour de l'Égypte antique :
Analyse de "SKHMKHT EA On love Sublime"

Florianópolis
2023

SELI KODJO DARSHAN RAVEN

La traduction de Poèmes d'amour de l'Égypte antique:
Analyse de "SKHMKHT EA On love Sublime

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação
em Estudos da Tradução da Universidade Federal de
Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do
título de Mestre em Estudos da Tradução.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sheila Maria Dos Santos

Florianópolis

2023

Raven, Seli Kodjo Darshan

La traduction de poèmes d'amour de l'égypte antique : Analyse de "skhmt ea on love sublime" / Seli Kodjo Darshan Raven ; orientadora, Sheila Maria dos Santos, 2023.

137 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Estudos da Tradução. 2. crítica de tradução. 3. literatura egípcia antiga. 4. literatura africana. 5. análise textual. I. dos Santos, Sheila Maria . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. III. Título.

SELI KODJO DARSHAN RAVEN

La traduction de Poèmes d'amour de l'Égypte antique :

Analyse de "SKHMKHT EA On love Sublime"

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 07 de Julho de 2023, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.(a) Marie-Hélène Catherine Torres, Dr.(a)

Instituição: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Prof. Gilles Jean Abes, Dr.

Instituição: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Prof. Kall Lyws Barroso Sales, Dr.

Instituição: Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução.



Prof^a. Dr^a. Dirce Waltrick do Amarante

Coordenadora do Programa



Prof.^a Dr.^a Sheila Maria Dos Santos

Prof.(a) Sheila Maria dos Santos, Dr.(a)

Orientadora

Florianópolis, 2023

Ce mémoire est dédié à Geneviève et Edouard, mes parents, pour leur amour
inconditionnel.

AGRADECIMENTOS

Je voudrais remercier la professeure Luiza Reis sans qui rien de tout ceci n'aurait été possible. Mes remerciements vont également à Mr Depelchin et à Mr Somet pour m'avoir accordé leur précieux temps ; aux membres du jury, les professeurs Gilles Jean Abes et Marie Helene Catherine Torres pour leurs précieux conseils ; à mon orientatrice, Dr Sheila dos Santos, pour sa patience ; à la CAPES pour leur appui ; et finalement à ma compagne, Cláudia, qui a toujours cru en moi dans les moments où j'en avais le plus besoin.

RESUMO

A pesquisa proposta, inspirada no artigo *The Translation Studies Reader: Love in the Necropolis* de David Damrosch (2012, pp. 411-428), analisa as complexidades da tradução de poemas de amor egípcios antigos do período Ramesside do Novo Reino Egípcio. Esse gênero literário foi traduzido várias vezes, mas raramente por tradutores africanos. Para realizar esse estudo, o foco está nas traduções do poema *R(a)w nw ta skhmkht-ib eat* (escrito entre os séculos XII e XIII a.C.) realizadas pelo grupo de trabalho Shemsw Bak para a Per Ankh Editions e disponíveis na forma de um livro intitulado *SKHMKHT EA On love sublime: A multilingual translation of an ancient African love poem* (2018), com ênfase nos fatores sociais que influenciam o processo de tradução. O estudo aplica a teoria social de Bourdieu para entender o papel do tradutor como agente cultural e a influência do contexto social no processo de tradução. Ele explora como as ações do tradutor são profundamente influenciadas pelo contexto social mais amplo, caracterizado por um conflito entre culturas dominantes e dominadas. Esse conflito é refletido nas escolhas que os tradutores fazem durante o processo de tradução, que, por sua vez, moldam o contexto social da cultura receptora. A pesquisa também examina as nuances de traduções específicas, concentrando-se em como o tratamento da ambiguidade e a representação do comportamento coletivo ou de experiências compartilhadas contribuem para o tom geral, a disposição e a mensagem do texto. Ela destaca a complexidade do processo de tradução e a miríade de fatores que os tradutores devem gerenciar em seu trabalho, além de fornecer percepções valiosas sobre a dinâmica social do processo de tradução. Ele também discute o papel do tradutor como produtor de capital cultural, destacando a importância do envolvimento ativo do tradutor com o material de origem e a apresentação das traduções. O estudo tem como objetivo contribuir para a compreensão da tradução da literatura egípcia antiga, com implicações para o campo mais amplo da literatura escrita africana.

Palavras-chave: crítica de tradução; literatura egípcia antiga; literatura africana; análise textual; teoria social de Bourdieu

ABSTRACT

The proposed research, inspired by David Damrosch's *The Translation Studies Reader: Love in the Necropolis* by David Damrosch (2012, pp. 411-428), looks at the complexities of translating ancient Egyptian love poems from the Ramesside period of the Egyptian New Kingdom. This literary genre has been translated several times, but rarely by African translators. To carry out this study, the focus is on the translations of the poem *R(a)w nw ta skhmkht-ib eat* (written between the 12th and 13th centuries BCE) carried out by the Shemsw Bak working group for Per Ankh Editions and available in the form of a book entitled *SKHMKHT EA On love sublime: A multilingual translation of an ancient African love poem* (2018), with an emphasis on the social factors influencing the translation process. The study applies Bourdieu's social theory to understand the translator's role as a cultural agent and the influence of social context on the translation process. It explores how the translator's actions are profoundly influenced by the wider social context, characterised by a conflict between dominant and dominated cultures. This conflict is reflected in the choices translators make during the translation process, which in turn shape the social context of the receiving culture. The research also examines the nuances of specific translations, focusing on how the handling of ambiguity and the representation of collective behaviour or shared experiences contribute to the overall tone, mood and message of the text. It highlights the complexity of the translation process and the myriad of factors that translators must manage in their work, and provides valuable insights into the social dynamics of the translation process. It also discusses the translator's role as a producer of cultural capital, highlighting the importance of the translator's active engagement with the source material and the presentation of translations. The study aims to contribute to the understanding of the translation of ancient Egyptian literature, with implications for the wider field of African written literature.

Key words : translation criticism; ancient Egyptian literature; African literature; textual analysis; Bourdieu's social theory.

LISTA DE FIGURAS

Figure 1 – Papyrus CHESTER BEATTY 1 Face 1, rouleau complet.....	70
Figure 2 – Mise en page des traductions	83

SUMÁRIO

1	INTRODUCTION.....	19
2	CONTEXTE DE LA PRODUCTION.....	25
2.1	METHODOLOGIE DE RECHERCHE	25
2.2	CONCEPTION DE LA RECHERCHE.....	26
2.3	COLLECTE DE DONNEES	27
2.4	ANALYSES DES DONNEES	28
2.5	LIMITES.....	29
3	APERÇU DE LA THEORIE SOCIALE DE BOURDIEU.....	31
3.1	LA THEORIE DE LA PRATIQUE DE BOURDIEU.....	32
3.1.1.	La notion de champ	33
3.1.2.	La notion d’habitus.....	39
3.1.3.	La notion de capital	41
3.2	CRITIQUE DE LA THEORIE DE BOURDIEU	45
3.3	LE MODELE DE BOURDIEU EN TRADUCTOLOGIE.....	46
4	L’AGENCE DE TRADUCTION DANS LA LITTERATURE AFRICAINE .	52
4.1	CONCEPT DE L’AGENCE	52
4.2	L’AGENCE EN TRADUCTOLOGIE.....	55
4.3	AGENCE ET LITTERATURE AFRICAINE	64
4.4	NATURE DE LA LITTERATURE AFRICAINE	67
5	TRADUIRE LES TEXTES DE L’EGYPTE ANTIQUE	69
5.1	PRESENTATION DU TEXTE	69
6	ANALYSES DES TRADUCTIONS.....	79
6.1	ANALYSES DES TRADUCTIONS PAR AYI KWEI ARMAH ET ALAN H GARDINER	79
6.2	ANALYSE DES TRADUCTIONS PAR YOPOREKA SOMET ET PIERRE GILBERT	96
6.3	LE MYSTERE DE MEHY	111

7	CONCLUSION	115
	REFERÊNCIAS	121
	ANEXO A - VERSION DU POEME PAR AYI KWEI ARMAH	124
	ANEXO B - VERSION DU POEME PAR YOPOREKA SOMET	129
	ANEXO C - INTERVIEW DE YOPOREKA SOMET	134

1 INTRODUCTION

La traduction des hiéroglyphes dans une langue moderne, comme tout autre acte de traduction, est une pratique régie par un certain nombre de contraintes liées principalement au décalage historique entre l'époque de l'Égypte antique et aujourd'hui et donc à la différence entre la langue et la culture des textes source et cible. Cependant, traduire un poème écrit dans cette langue classique, spécifiquement pour un large public signifie que le traducteur est soumis à des contraintes supplémentaires.

Cela signifie que le traducteur doit faire un choix : privilégier ou non les contraintes qui lui sont imposées par la langue et la culture sources ou celles qui lui sont imposées par le lectorat cible. La première stratégie peut entraîner des incompatibilités avec les normes et les pratiques de la cible, tandis que la seconde serait plus susceptible d'entraîner des décalages par rapport au texte source. Étant donné que la fidélité au texte source est recommandée lors de la traduction des textes en général, tout comme la satisfaction des attentes des langues cibles, la traduction de cette langue peut être considérée comme une tâche difficile, même pour le meilleur des traducteurs.

Depuis la naissance de la traduction des hiéroglyphes, cette pratique a été presque exclusivement l'œuvre d'égyptologues et archéologues dédiés à la lourde tâche du déchiffrement de ces pictogrammes qui nous viennent d'un passé longtemps révolu. En effet, traduire les hiéroglyphes est une tâche ardue jalonnée de multiples difficultés. Mais avec un regain d'intérêt du gouvernement égyptien pour le glorieux passé du pays et l'investissement du géant technologique Google dans la création et l'entraînement d'une intelligence artificielle capable d'aider à traduire les hiéroglyphes, la traduction des textes de l'Égypte antique devrait devenir une tâche accessible à un plus grand nombre de personnes visant à comprendre et à disséminer les messages qui se cachent dans les papyrus et les murs des monuments égyptiens. Et bien que la plupart des textes de cette époque se rapportaient beaucoup plus à la culture et au mode de vie, certains manuscrits contiennent des textes ayant un objet beaucoup plus artistique et sont considérés comme des chansons ou poèmes.

Cette étude vise à adopter le modèle sociologique de Pierre Bourdieu pour étudier les traductions de poèmes de l'Égypte antique comme mentionnés ci-dessus. La traduction a grandement contribué à la littérature africaine. Cependant, si beaucoup a été dit et écrit sur le succès de ces œuvres, peu d'attention a été accordée aux traducteurs qui ont comblé les fossés interculturels pour rendre ces œuvres disponibles dans différentes langues, représentant ainsi

les auteurs originaux dans les cultures des langues cibles. Parce que la littérature dépeint les normes, les croyances et les traditions d'une société particulière, sa langue est forcément ancrée dans la culture de cette société. Il est donc intéressant d'examiner comment les traducteurs de la littérature ont réussi à faire passer les visions du monde des différents auteurs d'une langue à l'autre ou dans notre cas d'une époque à une autre.

Ceci est encore plus intrigant dans le cas de la littérature de l'Égypte ancienne puisque les textes originaux ont déjà été l'objet de plusieurs traductions mais aucunes faites par des traducteurs africains. Ceci donne à la recherche une dimension qui n'a pas reçu beaucoup d'attention de la part des chercheurs dans le domaine de la traduction littéraire africaine.

Étant donné que toute activité de traduction se déroule dans un contexte social spécifique, nous soutenons que la prise de décision dans le processus de traduction est influencée par des facteurs sociaux et qu'une approche sociologique est nécessaire pour comprendre la nature et l'étendue de l'influence desdits facteurs sociaux sur l'activité de traduction. C'est à cet égard que nous adoptons le cadre théorique de Bourdieu, car il offre une lentille permettant d'examiner comment les agents de traduction construisent, et sont construits, par le champ dans lequel ils opèrent.

L'étude examine donc la relation d'influence mutuelle entre le champ littéraire dans lequel les traductions française et anglaise du poème égyptien *R(a)w nw ta skhmkht-ib ea* (13ème et 12ème siècle avant J.-C.) présentées dans l'ouvrage *SKHMKHT EA On love sublime, A multilingual translation of an ancient African love poem* ont été produites, ainsi que les actions au niveau macro et textuel des agents impliqués dans le processus de traduction.

Les recherches récentes en traductologie ont mis en évidence le rôle du traducteur en tant qu'agent. À cet égard, des académiciens comme Baker (2006) affirment qu'un traducteur n'est pas seulement un conducteur de message d'une langue à l'autre, mais quelqu'un qui est très impliqué dans le jeu de pouvoir qui détermine la prise de décision menant au produit traduit. Cela implique que les traducteurs sont des agents de médiation qui représentent l'"autre" original dans la culture de la langue cible. L'efficacité d'une telle représentation est déterminée par le degré de différence entre les cultures source et cible.

En ce qui concerne la traduction de la littérature de l'Égypte ancienne, le rôle d'agence du traducteur est encore plus significatif étant donné qu'il/elle a affaire à un texte source particulier qui est inhabituellement différent de la plupart des textes sources traduits entre des langues et des cultures relativement proches ou non distantes.

Compte tenu de cette particularité, il serait intéressant de savoir dans quelle mesure les forces qui influencent les productions dans ce système littéraire sont similaires ou différentes de celles qui influencent leurs traductions.

Cette étude vise à examiner comment les facteurs sociaux ont influencé les actions des traducteurs du poème égyptien ci-après dénommés SKHMKHT EA. L'étude adopte le cadre théorique de Bourdieu pour examiner la relation d'influence mutuelle entre le champ littéraire et les actions de traduction.

Pour atteindre l'objectif de l'étude, les questions de recherche suivantes sont abordées:

- Comment la théorie sociale de Bourdieu peut-elle aider à expliquer les actions de traduction dans la production de SKHMKHT EA en français et anglais ?
- Quel rôle jouent les aspects littéraires et culturels dans la construction d'une image de la vision du monde des traducteurs du poème ?
- Quelles sont les stratégies utilisées par les traducteurs pour représenter la vision culturelle du monde des textes sources dans les textes cibles ?
- Quels sont les facteurs sociaux qui influencent les choix du traducteur en matière de stratégies, et en quoi sont-ils conformes ou contraires aux théories pertinentes en la matière ?

Cette étude adopte un cadre conceptuel sociologique, qui prévoit l'étude des phénomènes sociaux en examinant la relation entre les agents impliqués dans les phénomènes et leur contexte social. À cet égard, l'étude se concentre sur la relation entre le contexte social et les agents impliqués dans les traductions française et anglaise de SKHMKHT EA, et sur l'impact de cette relation sur les actions des agents impliqués. Par conséquent, l'approche méthodologique que nous adoptons est de nature contextuelle, étant donné que nous examinons le contexte social de l'activité de traduction et son influence sur les actions des agents au niveau macro ainsi qu'au niveau textuel du processus de traduction.

Nous avons adopté ce que nous appelons un " modèle basé sur le contexte ", qui nous permet d'analyser l'agence du traducteur en la situant dans un champ qui intègre le contexte, le processus, les agents et les produits, dans un réseau d'influence mutuelle.

Cette approche est conforme à la théorie sociale de Bourdieu qui sous-tend cette étude et qui prévoit l'étude des phénomènes sociaux en examinant la relation dialectique entre les actions des agents et leurs contextes sociaux respectifs.

Cette étude est de nature qualitative et se penche donc sur l'expérience humaine d'un point de vue holistique et individuel et fournit un cadre permettant de saisir les expériences telles qu'elles se produisent dans le contexte des humains concernés. À cet égard, cette recherche se propose d'étudier les expériences de Yoporeka Somet et Ayi Kwei Armah en tant que traducteurs de la littérature de l'Égypte antique, avec le cas spécifique SKHMKHT EA.

Nous avons donc adopté un paradigme exploratoire et explicatif afin d'étudier le contexte dans lequel les traducteurs ont traduit le poème, et d'analyser les facteurs causaux qui ont conduit à la production de la traduction. Nous avons également adopté une approche de recherche explicative dans le but de déterminer la relation entre les différents facteurs qui ont influencé la nature et l'impact de l'agence dans les traductions de SKHMKHT EA.

L'étude adopte une méthode d'étude de cas dans laquelle les données qui ont été collectées et analysées se sont concentrées sur les traductions de traducteurs choisis. Une étude de cas est une méthode qui permet au chercheur d'étudier n'importe quel sujet, que ce soit un individu, une institution, un produit ou un processus. Cette méthode de recherche est appliquée dans les études de traduction pour étudier les activités, les produits ou les individus liés à la traduction dans des situations réelles, qui ne peuvent être analysées ou comprises que dans leurs contextes spécifiques. La recherche se concentre donc sur le rôle des traducteurs en tant qu'agents dans les traductions du texte source, et sur les facteurs sociaux qui sous-tendent ces traductions. L'avantage d'utiliser une méthode d'étude de cas est que cette méthode est intensive, flexible et contextuelle.

L'utilisation de ses traductions comme étude de cas vise à comprendre le contexte dans lequel le poème a été traduit, afin d'obtenir des informations utiles sur les rôles des autres agents impliqués et leur influence sur les actions du processus de traduction au niveau textuel.

Les données de cette recherche sont constituées de sources primaires et secondaires. Les sources primaires ont trait aux informations provenant des traducteurs et de l'éditeur des textes étudiés. Les sources secondaires sont constituées d'informations documentaires sur le contexte de production des traductions. Les informations provenant du traducteur et de l'éditeur ont été recueillies par le biais d'entretiens médiatisés par Internet. Nous avons envoyé des questions ouvertes au traducteur et à l'éditeur par courrier électronique, et ils ont répondu par le même moyen.

L'avantage d'utiliser cette méthode est qu'elle permet aux participants de répondre à leur propre rythme, ce qui nous a permis d'obtenir des réponses plus détaillées et réfléchies. Cela leur donne le temps de consulter leurs dossiers et leurs collaborateurs, afin de répondre de la manière la plus détaillée et la plus informée possible.

De par la nature du texte source qui demande une expertise en égyptologie que nous ne possédons pas au moment où nous écrivons ce mémoire, les données du corpus ont été collectées par une analyse qualitative dans laquelle nous collectons les différences avec des traductions faites antérieurement. La première étant la traduction du texte source par Alan H

Gardiner et reconnue dans le domaine de l'égyptologie comme étant la première traduction en anglais du texte originale. La seconde traduction est la version de Pierre Gilbert qui est une traduction en français. Ceci dans le but de comprendre les processus de transfert des traducteurs au niveau textuel des traductions. Les termes recueillis sont regroupés, étant donné que les traductions ont été publiées dans le même livre, et que les traductions ont été faites à la même époque.

Les données collectées sont présentées à l'aide d'une approche intégrée basée sur le contexte, dans laquelle les données ont été analysées en deux temps. La première partie de l'analyse portait sur les données contextuelles, tandis que la seconde partie concernait les données du corpus. Les données contextuelles ont été divisées en deux sections, dans lesquelles le contexte social de la production de la traduction a été analysé, suivi par une analyse des résultats des entretiens avec les traducteurs et l'éditeur. Les données du corpus ont été analysées à l'aide d'une méthode sociologique dans laquelle les processus de traduction micro-textuels ont été analysés en tenant compte des facteurs sociaux qui ont pu influencer la prise de décision. Il s'agissait principalement de la traduction du discours lié à la culture. À cet égard, les marqueurs culturels ont été identifiés manuellement dans les textes cibles et comparés aux choix des traducteurs précédents, accompagnés d'une explication des facteurs sociologiques qui ont pu influencer les décisions des traducteurs.

Cette étude explore le rôle d'agence du traducteur dans la représentation de culture antique dans l'intention de contribuer à la littérature actuelle dans le domaine de la traduction en général et de la recherche en traduction en particulier. En outre, l'étude met en lumière la manière dont les actions des agents de traduction sont influencées par les facteurs sociaux prévalant dans le domaine de la production de la traduction. Enfin, l'étude produit de nouvelles données qui mettent en évidence le contexte dans lequel se fait la traduction de la littérature de l'Égypte antique.

Pour atteindre notre objectif, notre document sera segmenté en plusieurs parties : le chapitre 2 explorera la méthodologie de la recherche et les différents aspects de notre recherche ainsi que de la collecte des données nécessaires à notre étude.

Dans le chapitre 3, nous soulignerons la pertinence du modèle de Bourdieu pour comprendre les relations de pouvoir inhérentes aux activités de traduction et la manière dont les traducteurs et d'autres agents façonnent ces dynamiques de pouvoir.

Nous aborderons la littérature africaine dans le chapitre 4 et plus précisément l'agence de la traduction dans ce domaine.

Le chapitre 5 servira à examiner les caractéristiques distinctes de la poésie égyptienne ancienne et les défis inhérents qu'elle pose à la traduction. Nous explorerons le processus de déchiffrement des textes égyptiens anciens, en nous concentrant sur les hiéroglyphes et l'écriture hiéroglyphique.

Le chapitre 6, enfin, traitera de l'analyse des différentes traductions qui font l'objet de notre étude.

2 CONTEXTE DE LA PRODUCTION

2.1 METHODOLOGIE DE RECHERCHE

Cette section explique l'approche et les processus de recherche qui ont été utilisés dans l'étude.

La plupart des études sur les activités de traduction ont tendance à se concentrer sur l'un des trois domaines principaux qui ont émergé : le produit, le processus et le contexte.

Les cas, par contre, sont complets et intéressants par eux-mêmes. Ils constituent, d'une manière ou d'une autre, une unité qui fait partie d'une population plus large (de traductions, de traducteurs, d'institutions de formation, de systèmes littéraires) et nous les étudions parce que nous nous intéressons à cette population. Cependant, l'étude de cas n'est pas menée en supposant qu'elle nous permettra de généraliser les résultats au groupe plus large dont le cas fait partie. (SALDANHA ; O'BRIEN, 2014, p.208, notre traduction)¹.

Les approches basées sur le produit se concentrent sur les textes traduits, soit en comparaison avec les textes sources, soit par rapport à leur impact dans la culture cible ; l'approche basée sur le processus s'intéresse aux processus cognitifs qui ont lieu pendant le processus de transfert, tandis que l'approche basée sur le contexte se concentre sur les facteurs de macro-niveau qui influencent la prise de décision impliquée dans l'activité de traduction.

Nous soutenons qu'aucun des domaines d'étude identifiés ne peut être pleinement étudié sans se référer à l'autre. En d'autres termes, une analyse du produit impliquerait inévitablement une compréhension des facteurs décisionnels et contextuels qui ont conduit à ce que le produit ait une nature particulière ; de la même manière, le processus ne peut être étudié sans se référer aux facteurs contextuels influençant les décisions, ainsi qu'au résultat de ces décisions sous la forme du produit. En outre, toute observation du contexte de la traduction renverrait à l'impact dudit contexte sur le processus et aussi sur le produit. C'est pour cette raison que nous avons adopté ce que nous avons appelé un " modèle intégré basé sur le contexte ", qui nous a permis d'analyser l'agence du traducteur en la situant dans un champ qui intègre le contexte, le processus, les agents et les produits dans un réseau d'influence mutuelle.

¹Cases, on the other hand, are complete and interesting on their own merit. They are, in one way or another, a unit that is part of a larger population (of translations, translators, training institutions, literary systems) and we investigate them because we are interested in that population. However, the case study is not carried out with the assumption that it will enable us to generalize the results to the larger group of which the case forms a part.(SALDANHA ; O'BRIEN, 2014, p.208)

2.2 CONCEPTION DE LA RECHERCHE

Pour cette étude nous avons adopté une approche de recherche explicative car nous cherchions à analyser la relation entre les différents facteurs qui ont influencé la nature et l'impact de l'agence dans les traductions de SKHMKHT EA. Ceci parce que nous avons cherché à expliquer les facteurs qui ont influencé le rôle des traducteurs en tant qu'agents dans ses traductions de SKHMKHT EA.

Notre recherche a adopté une méthode d'étude de cas dans laquelle les données recueillies et analysées se concentrent sur des traductions particulières effectuées par un traducteur particulier. Robert Yin définit une méthode d'étude de cas comme étant :

une enquête empirique qui étudie un phénomène contemporain en profondeur et dans son contexte réel, en particulier lorsque les frontières entre le phénomène et le contexte ne sont pas clairement évidentes. (YIN, 2009, p.18 apud SALDANHA; O'BRIEN 2014, p.207, notre traduction)²

Cela implique qu'une étude de cas est une méthode qui permet à un chercheur d'étudier n'importe quoi, que ce soit un individu, une institution, un produit ou un processus. Cette méthode de recherche a été largement appliquée dans les études de traduction pour étudier les activités, les produits ou les individus liés à la traduction dans des situations réelles, qui ne peuvent être analysées ou comprises que dans leurs contextes spécifiques.

L'utilisation des traductions de Yoporeka Somet et Ayi Kwei Armah comme étude de cas avait pour but de comprendre les facteurs sociaux qui ont influencé ses actions, ainsi que les effets sociaux de ses traductions, afin de fournir des informations utiles sur le concept d'agence dans les études de traduction en général et, en particulier, dans la traduction de la littérature africaine. Bien que la méthode de l'étude de cas ait été critiquée car ses résultats ne peuvent pas être généralisés, les conclusions d'une étude de cas peuvent offrir des lentilles permettant de mieux comprendre d'autres contextes. À cet égard, si les résultats de l'étude des traductions SKHMKHT EA ne peuvent pas être généralisés à d'autres contextes, ils fournissent des informations qui peuvent offrir une compréhension de différents cas de traduction qui ont lieu dans des contextes similaires. Ils fournissent également des informations utiles à la compréhension des rôles des agents de traduction dans les phénomènes de traduction.

²[...] “an empirical inquiry that investigates a contemporary phenomenon in depth and within its real-life context, especially when the boundaries between the phenomenon and context are not clearly evident”.(YIN, 2009, p.18 apud SALDANHA; O'BRIEN 2014, p.207)

2.3 COLLECTE DE DONNEES

Les informations provenant des traducteurs et de l'éditeur ont été recueillies par le biais d'entretiens médiatisés par Internet. Les entretiens sont un outil de collecte de données simple dans lequel le chercheur extrait des informations du ou des participants par un processus de questions-réponses (SALDANHA & O'BRIEN, 2014). Le principal avantage de la méthode de l'entretien dans la collecte de données est qu'elle offre au chercheur un accès privilégié aux pensées et aux perspectives du ou des participants concernant un sujet, ce qui n'est pas toujours accessible par d'autres méthodes d'étude. « Le principal avantage des entretiens est qu'ils donnent un accès privilégié aux pensées et aux opinions d'une personne sur un sujet particulier, qui sont difficiles à obtenir par l'observation directe du comportement. » (SALDANHA ; O'BRIEN 2014, p 169, notre traduction)³.

En ce qui concerne les entretiens médiatisés par Internet, le processus de questions-réponses se déroule sur Internet, sans qu'il y ait de contact physique direct entre le chercheur et le participant. Selon Saldanha et O'Brien (2014, p.187, notre traduction) « L'un des choix clés à faire lors de l'utilisation d'Internet pour la conduite d'entretiens et de groupes de discussion est de déterminer si la communication doit être asynchrone ou synchrone. »⁴

La communication asynchrone consiste en une communication par courriel, tandis que la communication synchrone se fait à l'aide de protocoles de voix sur Internet. Pour cette étude, j'ai utilisé la méthode asynchrone : nous avons envoyé des questions non structurées aux traducteurs et à l'éditeur par courrier électronique et ils nous ont renvoyé leurs réponses par le même moyen. L'avantage de cette méthode est qu'elle permet aux participants de répondre à leur propre rythme, ce qui me permet d'obtenir des réponses plus détaillées et réfléchies.

Nous leur avons donc envoyé les questions sans leur mettre la pression. Cela leur laisse le temps nécessaire pour consulter leurs dossiers et leurs collaborateurs, ce qui les aide à répondre de la manière la plus détaillée et la plus éclairée possible.

Les entretiens semi-structurés et non structurés (et les groupes de discussion) ont tendance à déplacer l'équilibre du pouvoir du chercheur vers le participant à la recherche, ce qui permet la co-construction des connaissances. En conséquence, les participants peuvent se sentir responsabilisés par le rôle qu'ils assument et modifier

³The main benefit of interviews is that they give privileged access to a person's thoughts and opinions about a particular subject, which are difficult to access through direct observation of behaviour.(SALDANHA ; O'BRIEN 2014, p 169)

⁴One of the key choices to be made when using the Internet for conducting interviews and focus groups is whether asynchronous or synchronous communication is to be used.(SALDANHA ; O'BRIEN 2014, p 187)

leur comportement en conséquence. (SALDANHA ; O'BRIEN, 2014, p.173, notre traduction)⁵.

Cela signifiait également qu'un espace était prévu pour poser des questions de suivi, sur la base des informations fournies par les participants. À cet égard, une deuxième série de questions sera envoyée aux traducteurs après qu'ils aient répondu aux premières questions ; l'objectif est d'obtenir des informations supplémentaires sur les sujets étudiés.

Les données du corpus ont été collectées manuellement. Les traductions de Yoporeka Somet et Ayi Kwei Armah ont donc été analysées en tant que textes cibles et ont été comparées à des traductions faites préalablement par Miriam Lichtheim. Les différences majeures dans les textes cibles ont été recueillies dans le but d'analyser et comprendre les décisions qui ont influencé le processus de transfert des traducteurs aux niveaux micro-textuels des traductions. Les termes recueillis dans les textes cibles ont été regroupés, étant donné que les traductions de Yoporeka Somet et Ayi Kwei Armah ont été publiées dans le même livre, et que les traductions ont été réalisées à peu près au même moment. Les termes ont donc été présentés ensemble, en précisant les textes dont ils sont issus.

Des sources secondaires ont également été utilisées dans cette étude et ont été recueillies par le biais d'une méthode documentaire. Ces sources secondaires portaient principalement sur le contexte social et culturel dans lequel les traductions étudiées ont été produites. Ainsi, la documentation historique, les ouvrages critiques relatifs aux contextes des textes sources et des textes cibles ont été traités afin de trouver des informations susceptibles d'éclairer l'auteur, l'environnement social, la publication et la réception des textes sources et des textes cibles. Cette documentation se présentait principalement sous la forme de livres et d'articles générés sur Internet.

2.4 ANALYSES DES DONNEES

Les données recueillies ont été présentées à l'aide de l'approche par champ de Bourdieu, qui, à notre avis, offre une perspective contextuelle intégrée à l'étude des phénomènes de traduction en examinant les actions des agents par rapport à leur contexte social. Les données recueillies ont été analysées en deux temps, la première partie de l'analyse

⁵Semi- and unstructured interviews (and focus groups) tend to shift the balance of power away from the researcher and towards the research participant, allowing for the co-construction of knowledge. As a result, participants can feel empowered by the role they are taking and change their behaviour accordingly.(SALDANHA ; O'BRIEN, 2014, p.173)

portant sur le champ de production, tandis que la seconde partie concernait les données sur le produit ou le corpus.

Pour chacun des cas, le travail a été divisé en deux sections : l'analyse de la structure du champ, suivie de l'analyse des résultats des entretiens avec l'un des traducteurs et l'éditeur, qui étaient les principaux agents impliqués dans les traductions étudiées. Les données du corpus ont été analysées par le biais d'une comparaison entre les traductions de Yoporeka Somet et Ayi Kwei Armah et les textes d'Alan H Gardiner et Pierre Gilbert, dans laquelle les processus de transfert au niveau textuel ont été analysés sur la toile de fond des facteurs sociaux qui auraient pu influencer les prises de décision.

La traduction de Gardiner a été sélectionnée pour cette étude parce qu'elle est la toute première traduction du texte original en anglais. Quant à la traduction de Gilbert, elle n'est pas la première version en français. Ce mérite revient au père Emile Suys qui a publié une traduction du poème un an après celle de Gardiner. Nous n'avons malheureusement pas réussi à obtenir la version du père Suys, alors nous avons décidé d'utiliser celle de Gilbert qui est la seconde version en français du texte original et qui a été publiée 11 ans après la version de Gardiner.

2.5 LIMITES

Cette recherche est une étude de cas qui se centralise sur les traductions en français et anglais de SKHMKHT EA. Les conclusions de l'étude ne peuvent donc pas être appliquées à d'autres contextes. Une étude d'autres projets de traduction auxquels Yoporeka Somet ou Ayi Kwei Armah ont participé pourrait révéler des informations supplémentaires concernant leur agence. De la même manière, une étude d'autres traducteurs dans des contextes différents pourrait révéler des informations susceptibles de remettre en cause l'argument de cette étude.

En outre, il est important de noter que les résultats de cette étude sont limités en raison de notre incapacité actuelle à déchiffrer l'hieratique. Cela nous empêche de comprendre le texte source et, par conséquent, de faire une traduction adéquate. En effet, une étude similaire menée par un égyptologue s'intéressant aux études de la traduction pourrait fournir des informations différentes et plus approfondies sur l'agence des traducteurs en Égypte ancienne. Il est donc clair que la réalisation d'une étude historique approfondie sur les traducteurs de la littérature de l'Égypte ancienne pourrait être bénéfique pour les études de traduction en général. Cependant, il est important de souligner que cette étude ne pourra pas être réalisée sans un certain niveau

de compréhension de l'hieratique, ce qui est un défi majeur pour les chercheurs travaillant dans ce domaine.

3 APERÇU DE LA THEORIE SOCIALE DE BOURDIEU

Les travaux de Pierre Bourdieu ont eu une grande influence sur les études de traduction au cours des deux dernières décennies. Grâce à ses concepts clés de champ, d'habitus et de capital, Bourdieu a contribué à façonner la manière dont les études de traduction tentent de conceptualiser la nature complexe des phénomènes de traduction :

Les implications de concepts clés tels que le champ, l'habitus et le capital, entre autres dans la sociologie de Bourdieu, pour l'étude de différents aspects de la traduction ont été (con)testées dans un nombre significatif de projets de doctorat, de numéros spéciaux de revues à comité de lecture, de volumes édités et de différents colloques universitaires. Il est peut-être trop tôt pour procéder à une évaluation concluante de la viabilité de ces implications alors que les activités de recherche qui les explorent sont toujours en cours. Néanmoins, une chose dont nous pouvons être sûrs est que le méta-discours développé au sein des études de traduction pour saisir la complexité de la traduction a été remarquablement remodelé, grâce aux potentiels ouverts par les approches sociologiques de la traduction en général et les activités de recherche inspirées par la sociologie de la production culturelle de Bourdieu en particulier. (HANNA, 2016, p.1, notre traduction)⁶.

C'est dans cette optique que j'adopte sa théorie dans la présente étude, car elle nous permet d'analyser la question complexe de l'agence, notamment en ce qui concerne la dépendance mutuelle des agents de traduction et de leurs contextes sociaux. Les outils conceptuels de Bourdieu, à savoir le champ, l'habitus et le capital, nous permettent donc d'examiner comment le champ littéraire dans lequel les traductions française et anglaise ont été produites, a influencé les actions des agents impliqués dans le processus. En outre, le fait que la théorie de Bourdieu ait été si largement appliquée aux études de traduction nous permet de comparer notre application avec ce que d'autres spécialistes des études de traduction ont fait. Dans ce qui suit, nous faisons un survol critique des notions de champ, d'habitus et de capital de Bourdieu afin de souligner leur pertinence pour l'analyse de la traduction et leur adéquation à l'étude des traductions de SKHMKHT EA.

⁶The implications of such key concepts as field, habitus and capital, among others in Bourdieu's sociology, for the study of different aspects of translation have been (con)tested in a significant number of PhD projects, special issues of peer-reviewed journals, edited volumes and different academic colloquia. It might be too early for a conclusive assessment of the viability of these implications while research activities exploring them are still ongoing. Nevertheless, one thing we can be sure of is that the meta-discourse developed within translation studies to capture the complexity of translation has remarkably been reshaped, thanks to the potentials opened up by the sociological approaches to translation in general and the research activities inspired by Bourdieu's sociology of cultural production in particular. (HANNA, 2016, p.1)

3.1 LA THEORIE DE LA PRATIQUE DE BOURDIEU

L'origine de la théorie de Bourdieu remonte aux tendances philosophiques dominantes en France à la fin des années 1950 et dans les années 1960, au cours desquelles la pensée théorique était centrée sur le dualisme objectivisme versus subjectivisme. L'objectivisme, ou structuralisme, considérait l'action humaine comme piégée et déterminée par la structure sociale, tandis que le subjectivisme ou agence considérait l'individu comme l'instigateur de toute action :

Compte tenu de l'influence de ces deux figures emblématiques, Sartre et Lévi-Strauss, la scène intellectuelle française des années 1960 était prise entre deux positions diamétralement opposées concernant la pratique sociale et la manière dont les sociologues devaient s'y référer. La première croyait au volontarisme actif de la conscience du sujet humain et que la (re)formation des classes sociales est l'effet de la "praxis" que les sujets individuels exercent dans la réalité sociale. Les sociologues qui souscrivent à ce point de vue conçoivent les agents sociaux comme des sujets libres dont les actions ne sont conditionnées par aucun facteur extérieur. (HANNA, 2016, p.16, notre traduction)⁷.

Bourdieu a cherché à concilier cette opposition binaire en proposant une théorie sociale fondée sur le constructivisme structuraliste ou structuralisme constructiviste :

La praxéologie sociale qui en résulte tisse une approche "structuraliste" et "constructiviste". Dans un premier temps, nous écartons les représentations mondaines pour construire les structures objectives (espaces de positions), la distribution des ressources socialement efficaces qui définissent les contraintes externes pesant sur les interactions et les représentations. Ensuite, nous réintroduisons l'expérience immédiate et vécue des agents afin d'explicitier les catégories de perception et d'appréciation (dispositions) qui structurent leur action de l'intérieur. Il convient de souligner que, si les deux moments de l'analyse sont également nécessaires, ils ne sont pas égaux : la priorité épistémologique est accordée à la rupture objectiviste sur la compréhension subjectiviste. (BOURDIEU ; WACQUANT, 1992, p.11, notre traduction)⁸.

⁷Given the influence of these two iconic figures, Sartre and Lévi-Strauss, the French intellectual scene during the 1960s was caught between two diametrically opposed positions regarding social practice and the way sociologists should relate to it. The first believed in the active voluntarism of the consciousness of the human subject and that the (re)formation of social classes is the effect of the 'praxis' individual subjects exercise in social reality. Sociologists who subscribe to this view conceive of social agents as free subjects whose actions are unconditioned by any external factors.(HANNA, 2016, p.16)

⁸The resulting social praxeology weaves together a "structuralist" and a "constructivist" approach. First, we push aside mundane representations to construct the objective structures (spaces of positions), the distribution of socially efficient resources that define the external constraints bearing on interactions and representations. Second, we reintroduce the immediate, lived experience of agents in order to explicate the categories of perception and appreciation (dispositions) that structure their action from inside. It should be stressed that, although the two moments of analysis are equally necessary, they are not equal: epistemological priority is granted to objectivist rupture over subjectivist understanding.(BOURDIEU ; WACQUANT, 1992, p.11)

Il soutient que l'agence et la structure sont mutuellement dépendantes étant donné que les agents construisent, et sont construits, par leurs contextes sociaux (BOURDIEU, 1977). Cela implique que si les actions des agents dans un domaine particulier sont limitées par les règles de ce domaine, les agents façonnent également les règles de ce même domaine par leurs actions. Bourdieu perçoit donc l'agence non pas comme l'opposition entre l'individu et la structure, mais plutôt comme une relation dialectique entre les deux. Bourdieu (1984, p.101) illustre cette conceptualisation en utilisant la formule :

[(habitus) (capital)] + champ = pratique

Les concepts de champ, d'habitus et de capital sont donc au centre de la théorie de Bourdieu, qui les a développés comme des outils fructueux pour expliquer les forces relationnelles qui génèrent le comportement et les actions humaines :

S'il permet de rompre avec un structuralisme internaliste (centré uniquement sur les œuvres comme structures signifiantes), le concept de champ de Bourdieu est peut-être plus adapté à l'étude de la position et de la valeur différenciée des œuvres et des maisons d'édition qui les soutiennent qu'à celle des producteurs d'œuvres et de leurs conditions de production. Bourdieu a tout à fait raison de considérer les œuvres, passées et présentes, de manière relationnelle, ou en relation les unes avec les autres, en considérant le " champ littéraire " comme un univers de référence plus ou moins autonome que les écrivains perçoivent comme tel. (LAHIRE ; WELLS, 2010, p 444, notre traduction)⁹.

Sa théorie a donc influencé la recherche académique dans une grande variété de disciplines, y compris les études de traduction. Cette section examine donc les notions de champ, d'habitus et de capital, puis donne un aperçu de la manière dont elles ont été de plus en plus appliquées aux études de traduction dans le cadre du tournant sociologique de la discipline.

3.1.1. La notion de champ

Bourdieu a développé le concept de champ en opposition aux modèles structuralistes et systémiques, qui étaient les outils prévalents de représentation et d'explication de la réalité sociale à l'époque, et auxquels il reprochait de se limiter à la description des réalités matérielles

⁹While it enables us to break with an internalist structuralism (focused solely on works as signifying structures), Bourdieu's concept of field may be better suited to the study of the position and differentiated value of works and the publishing houses supporting them than it is to the producers of works and their conditions of production. Bourdieu is entirely right in considering works, both past and present, relationally, or in relation to one another, by considering the "literary field" as a universe of more or less autonomous reference that writers perceive as such.(LAHIRE ; WELLS, 2010, p 444)

du monde social, sans prendre en considération le rôle des agents sociaux dans la construction de ces réalités :

L'objectivisme et la prévisibilité des phénomènes font que le modèle structuraliste de la réalité sociale est statique et bien défini, dans le sens où il exclut tous les phénomènes anormaux qui ne correspondent pas au modèle et où il énonce explicitement les relations entre ses unités internes en termes d'oppositions binaires claires et nettes. Cette délimitation nette des phénomènes sociaux, qui sous-tend le concept de "structure", est censée fournir un outil de description et de prédiction des phénomènes, mais elle contraint en fait la réalité sociale à des modèles déterministes au moyen desquels tous les phénomènes sont projetés comme des actualisations exactes du modèle structuraliste. (HANNA, 2016, p.20, notre traduction)¹⁰.

Il a donc cherché à montrer que la structure n'était pas indépendante des actions des acteurs sociaux et vice versa.

Un champ est considéré comme un domaine relativement structuré d'une activité spécifique au sein duquel différents agents occupent un ensemble de positions qui sont en relation les unes avec les autres et respectent une hiérarchie particulière. Il est autonome, et ses fonctions sont guidées par ses propres règles et institutions, qui sont imposées aux occupants du champ, qui reconnaissent et respectent les règles.

Il existe donc différents champs autonomes, tels que les champs de la religion, de l'économie, de l'éducation, du droit et de la littérature, et leur autonomie est déterminée par les contraintes et les mécanismes de contrôle qui s'appliquent aux activités du champ spécifique, et qui le différencient des autres champs. Le champ est composé de positions objectives qui sont occupées par différents acteurs et institutions qui sont en compétition pour les ressources légitimes qu'offre le champ :

En tant qu'espace de forces potentielles et actives, le champ est aussi un champ de luttes visant à préserver ou à transformer la configuration de ces forces. Concrètement, le champ en tant que structure de rapports de force objectifs entre positions sous-tend et oriente les stratégies par lesquelles les occupants de ces positions cherchent, individuellement ou collectivement à sauvegarder ou améliorer leur position, et à imposer le principe de hiérarchisation le plus favorable à leurs propres produits. Les stratégies des agents dépendent de leur position dans le champ, c'est-à-dire dans la distribution du capital spécifique. (BOURDIEU ; WACQUANT, 1989, p.40, notre traduction)¹¹.

¹⁰Objectivism and predictability of phenomena cause the structuralist model of social reality to be static and neatly defined, in the sense of both excluding all anomalous phenomena that do not fit into the model and explicitly stating the relations between its internal units in terms of clear-cut binary oppositions. This neat delineation of social phenomena which underlies the concept of 'structure' purportedly provides a tool for describing and predicting phenomena, but in fact it constrains social reality within deterministic patterns by means of which all phenomena are projected as exact actualizations of the structuralist model.(HANNA, 2016, p.20)

¹¹As a space of potential and active forces, the field is also a field of struggles aimed at preserving or transforming the configuration of these forces. Concretely, the field as a structure of objective relations of force between positions undergirds and guides the strategies whereby the occupants of these positions seek, individually or

Les positions objectives impliquent que les positions sont occupées sur la base du volume et de la structure du capital ou des ressources que l'agent a accumulées par rapport aux autres acteurs occupant d'autres positions dans le même champ. Il s'agit donc d'une arène de lutte dans laquelle les agents sont en compétition pour les intérêts qu'ils reconnaissent comme en découlant :

Le terme "champ" est utilisé dans la sociologie de Bourdieu pour désigner un espace structuré de positions possibles occupées par des agents. La structure du champ est dynamique et changeante et est toujours conditionnée par la lutte entre ses membres pour différents types de capitaux. (HANNA, 2016, p.21, notre traduction)¹².

Cela implique qu'il existe une structure hiérarchique dans les positions du champ, et que les agents cherchent à accumuler des ressources qui leur permettraient d'accéder à une position de plus grande influence sur ses activités, créant ainsi une situation de lutte ou de compétition, dans laquelle les agents s'efforcent ensuite d'en conserver ou d'en transformer la structure :

Cela signifie qu'on ne peut pas faire une science des classifications sans faire une science de la lutte pour les classifications et sans tenir compte de la position occupée, dans cette lutte pour le pouvoir du savoir, pour le pouvoir par le savoir, pour le monopole de la violence symbolique légitime, par chacun des agents ou groupes d'agents qui y sont impliqués, qu'il s'agisse de simples particuliers, exposés aux vicissitudes de la lutte symbolique quotidienne, ou des professionnels autorisés (et à plein temps), ce qui inclut tous ceux qui parlent ou écrivent sur les classes sociales, et qui se distinguent selon que leurs classifications engagent plus ou moins l'autorité de l'État, détenteur du monopole de la dénomination officielle, de la bonne classification, du bon ordre. (BOURDIEU, 1985, p.734, notre traduction)¹³.

Les agents possèdent différentes ressources (capital) et dispositions (habitus) avec lesquelles ils entrent dans le champ, et qui déterminent les positions qu'ils prennent et le levier qu'ils ont sur les relations de celui-ci. Les frontières de chaque champ sont déterminées par la

collectively to safeguard or improve their position, and to impose the principle of hierarchization most favorable to their own products. The strategies of agents depend on their position in the field, that is, in the distribution of the specific capital.(BOURDIEU ; WACQUANT, 1989, p.40)

¹²'Field' is used in Bourdieu's sociology to refer to a structured space of possible positions which are occupied by agents. The structure of the field is dynamic and changeable and is always conditioned by the struggle among its members over different types of capital.(HANNA, 2016, p.21)

¹³This means that one cannot conduct a science of classifications without conducting a science of the struggle over classifications and without taking account of the position occupied, in this struggle over the power of knowledge, for power through knowledge, for the monopoly of legitimate symbolic violence, by each of the agents or groups of agents who are involved in it, whether they be ordinary individuals, exposed to the vicissitudes of the everyday symbolic struggle, or authorized (and full-time) professionals, which includes all those who speak or write about the social classes, and who are distinguished according to the greater or lesser extent to which their classifications commit the authority of the State, the holder of the monopoly of official naming, correct classification, the correct order.(BOURDIEU, 1985, p.734)

limite à laquelle l'impact des luttes peut être ressenti, et les agents d'autres champs peuvent apporter avec eux le capital et l'habitus acquis dans un autre. La capacité du capital et de l'habitus d'un champ à permettre à un agent de franchir les "barrières d'entrée" (BOURDIEU & WACQUANT, 1989, p.39) d'un autre, indiquerait dans quelle mesure l'influence d'un champ peut s'étendre à un autre. Cela implique que le capital et l'habitus avec lesquels un agent entre dans un champ lui permettent soit de modifier la structure de celui-ci, soit d'être modifié par ce dernier, selon que l'agent occupe une position d'influence supérieure ou inférieure. Cela signifie que les actions des agents d'un champ particulier façonnent effectivement sa structure, tout comme ces actions sont elles-mêmes contraintes par cette même structure. C'est cette relation dialectique entre la structure et l'agence qui constitue la marque de fabrique de la théorie de Bourdieu, et la raison pour laquelle nous affirmons que l'approche convient à l'analyse de la manière dont les agents de traduction sont contraints par leur contexte social, alors qu'ils contribuent également à façonner le contexte social par leurs actions.

Dans notre application du concept de champ à cette étude, nous considérons la traduction comme appartenant au champ littéraire. En effet, la traduction est un moyen par lequel les éditeurs présentent des œuvres étrangères à des publics cibles :

Les éditeurs jouent un rôle majeur dans la circulation internationale des livres, tant en langue originale qu'en traduction. Une approche sociologique de la traduction, considérée comme une pratique sociale, doit donc prendre en compte cette catégorie d'agents. (SAPIRO, 2008, p.154, notre traduction)¹⁴.

Cela sous-entend que les agents impliqués dans la traduction de la littérature sont également situés dans les champs littéraires dans lesquels les œuvres culturelles sont produites :

Faire publier ce que j'aime, c'est renforcer ma position dans le champ - cela que je le veuille ou non, que je le sache ou non, et même si cet effet n'entre en rien dans le projet de mon action. Il n'y a pas de mal à ça, mais il faut le savoir. Les élections mutuelles et pures se font souvent sur la base d'homologies de position dans des champs différents auxquels correspondent des homologies d'intérêts, et des homologies de styles, de partis intellectuels, de projets intellectuels. On peut comprendre ces échanges comme des alliances, donc dans la logique des rapports de force, comme, par exemple, des manières de donner de la force à une position dominée, menacée. (BOURDIEU, 2002, p.6).

Les agents impliqués dans la traduction d'œuvres littéraires sont le traducteur, le commanditaire, l'éditeur, les rédacteurs, l'auteur du texte source, ainsi que le public du texte cible. Ces agents occupent des positions différentes, qui déterminent le rôle qu'ils jouent dans

¹⁴Publishers play a major role in the international circulation of books, in their original language as well as in translation. A sociological approach to translation, considered as a social practice, thus needs to take into account this category of agents.(SAPIRO, 2008, p.154)

le domaine. Le degré d'influence qu'ils y exercent sur les activités dépend également du poids qu'ils peuvent exercer pour influencer les activités afin d'obtenir ou de préserver leurs intérêts à l'intérieur de ce dernier. L'auteur est, par exemple, considéré comme supérieur au traducteur, mais inférieur à l'éditeur, qui à son tour peut être inférieur au lectorat, lequel est à son tour soumis aux politiques institutionnelles telles que la censure. La relation entre ces agents est une lutte de pouvoir, dans laquelle chacun d'entre eux s'efforce consciemment ou inconsciemment d'influencer le domaine afin de favoriser ses intérêts. Dans ce cas, l'intérêt peut être matériel ou symbolique, dans le sens où les agents peuvent chercher à obtenir des avantages économiques ou une reconnaissance sociale ou professionnelle. Un auteur peut écrire pour obtenir une promotion ou des avantages économiques, un traducteur peut traduire pour promouvoir une idéologie particulière, tandis qu'un éditeur peut faire des affaires pour faire du profit ou pour des raisons idéologiques.

Un système politique particulier peut créer des maisons d'édition dans le seul but de promouvoir des ouvrages sur ses idéologies. En écrivant sur le champ littéraire africain, Currey (2008) dans son livre *Africa writes back : The African writers series and the launch of African literature* souligne le fait que le champ littéraire qui a émergé en Afrique pendant la période précédant et suivant l'indépendance, les éditeurs étaient intéressés par l'approvisionnement du marché de l'éducation, qui était jusqu'alors dominé par les œuvres occidentales. Leur intention était de tirer un profit économique de ce marché lucratif, et ils ont donc cherché à publier des ouvrages qui seraient acceptables pour le lectorat ou les institutions politiques des pays cibles.

Le modèle de Bourdieu indique également qu'un champ peut aussi contenir des sous-domaines qui ont des frontières les séparant d'autres sous-domaines du même champ principal :

Une deuxième différence majeure est qu'un champ n'a pas de parties, de composantes. Chaque sous-champ a sa propre logique, ses propres règles, ses propres régularités, et chaque étape de la division d'un champ (disons le champ de la production littéraire) entraîne un véritable saut qualitatif (comme, par exemple, lorsqu'on passe du niveau du champ littéraire à celui du sous-champ du roman ou du théâtre). Tout champ constitue un espace de jeu potentiellement ouvert dont les limites sont des frontières dynamiques qui sont l'enjeu de luttes au sein même du champ. Un champ est un jeu dépourvu d'inventeur et beaucoup plus fluide et complexe que n'importe quel jeu que l'on pourrait concevoir. Mais pour voir pleinement tout ce qui sépare les concepts de champ et de système, il faut les mettre en œuvre et les comparer via les objets empiriques qu'ils produisent. (BOURDIEU ; WACQUANT, 1992, p.104, notre traduction)¹⁵.

¹⁵A second major difference is that a field does not have parts, components. Every subfield has its own logic, rules, and regularities, and each stage in the division of a field (say the field of literary production) entails a genuine qualitative leap (as, for instance, when you move down from the level of the literary field to that of the subfield of novel or theater). Every field constitutes a potentially open space of play whose boundaries are dynamic borders which are the stake of struggles within the field itself. A field is a game devoid of inventor and

Cela implique qu'un champ comme la "religion" peut contenir des sous-domaines comme le christianisme, l'islam ou le judaïsme. En ce qui concerne la traduction, certains chercheurs se demandent si elle constitue un champ ou un sous-champ autonome, étant donné qu'elle joue un rôle subalterne et invisible par rapport aux autres champs. Nous pensons cependant que la traduction peut être à la fois un champ et un sous-champ. En ce qui concerne la traduction en tant que domaine, Hermans (2002, p.243) affirme que « lorsque nous utilisons le terme "traduction" ou son équivalent dans une autre langue, il désigne une catégorie socialement reconnaissable et reconnue, à la fois un concept connu et une pratique socialement reconnue ».

Cela dépeint clairement la traduction comme un domaine indépendant, étant donné qu'elle possède ses propres règles autonomes qui sont connues des agents de la pratique, et qu'il existe des institutions pour faire respecter et conserver ces règles. Dans le même ordre d'idées, Wolf soutient que :

L'autonomie du domaine est principalement associée au capital symbolique, un élément essentiel dans l'effort de résistance à l'asservissement. Par conséquent, les tentatives croissantes des traducteurs de transcender leur image actuelle et d'aspirer à une plus grande reconnaissance professionnelle sont un signe de l'autonomisation progressive du domaine. (WOLF, 2007b, p.116, notre traduction)¹⁶

Puisque la traduction a des règles qui sont respectées par les professionnels impliqués dans la pratique, elle constitue effectivement un domaine. D'autre part, la traduction fonctionne comme un sous-champ lorsqu'elle est située dans un champ plus vaste. Dans le domaine de la production littéraire, par exemple, la littérature traduite constitue un sous-domaine qui peut être différencié du sous-domaine des écrits originaux.

Si nous sommes d'accord pour dire que la traduction peut fonctionner comme un domaine autonome, nous pensons que cela n'est pas facilement applicable à la traduction d'œuvres littéraires. Cela est dû au lien complexe entre la traduction de la littérature et le domaine littéraire général, ainsi qu'au chevauchement des rôles des agents impliqués dans la traduction littéraire. C'est à cet égard que, dans le contexte de cette étude, nous considérons la traduction comme appartenant au domaine général de la littérature africaine dans lequel les

much more fluid and complex than any game that one might ever design. But to see fully everything that separates the concepts of field and system one must put them to work and compare them via the empirical objects they produce. (BOURDIEU ; WACQUANT, 1992, p.104)

¹⁶The field's autonomy is primarily associated with the symbolic capital, a main feature in the effort to resist subservience. Accordingly, the translators' increasing attempts to transcend their current image and to strive for more professional recognition are a sign of the field's gradual autonomization. (WOLF, 2007b, p.116)

traductions de SKHMKHT EA ont été produites. En effet, les traductions ont été commandées et traduites dans le contexte de la publication de littérature de l’Égypte antique, et les traducteurs eux-mêmes étaient d’abord des agents littéraires pour qui la traduction n’était qu’une activité secondaire. C’est dans ce contexte que nous analysons les traductions de SKHMKHT EA dans le domaine de la littérature africaine, les positions et le rôle des différents agents impliqués, tels que l’éditeur et les traducteurs, et comment ces facteurs ont influencé la prise de décision des traducteurs au cours du processus.

3.1.2. La notion d’habitus

La notion d’habitus est intimement liée à celle de champ, et aucune ne peut être discutée sans référence à l’autre. En effet, l’habitus est un produit du champ, tandis que l’habitus des agents conditionne en soi la nature du champ. Bourdieu définit l’habitus comme suit :

des systèmes de dispositions durables et transposables, des structures structurées prédisposées à fonctionner comme des structures structurantes, c’est-à-dire comme des principes de génération et de structuration de pratiques et de représentations qui peuvent être objectivement "régulées" et "régulières" sans être en aucune façon le produit de l’obéissance à des règles, objectivement adaptées à leurs buts sans présupposer une visée consciente des fins ou une maîtrise expresse des opérations nécessaires pour les atteindre et, étant tout cela, collectivement orchestrées sans être le produit de l’action organisatrice d’un chef d’orchestre. (BOURDIEU, 1977, p.72, notre traduction)¹⁷

Dans cette optique, l’habitus est l’ensemble des dispositions qui sont intériorisées par un individu ou un groupe de personnes opérant dans le même espace social, et qui guident les principes de perception et de réponse d’un individu dans l’interaction avec d’autres agents du champ. Cela implique que la façon dont nous répondons aux situations est conditionnée par nos dispositions internes, qui façonnent notre appréciation de la vie.

Bourdieu affirme que l’habitus est un produit de l’histoire, qui dépose les expériences vécues d’un individu dans ses organismes biologiques, où elles deviennent des instruments de « pensée et d’action, et tendent à garantir la "justesse" des pratiques et leur constance dans le temps, de manière plus fiable que toutes les règles formelles et les normes explicites »

¹⁷[...] systems of durable, transposable dispositions, structured structures predisposed to function as structuring structures, that is, as principles of generation and structuring of practices and representations that can be objectively ‘regulated’ and ‘regular’ without being in any way the product of obedience to rules, objectively adapted to their goals without presupposing a conscious aiming at ends or an express mastery of the operations necessary to attain them and, being all this, collectively orchestrated without being the product of the organizing action of a conductor.(BOURDIEU, 1977, p.72)

(BOURDIEU, 1990, p.53, notre traduction). Ce que Bourdieu implique ici, c'est que les expériences des individus sont stockées dans leur mémoire et influencent ensuite leurs actions et leurs perceptions à des stades ultérieurs de la vie. L'habitus est donc l'histoire internalisée qui s'acquiert à deux niveaux, le primaire et le secondaire. Le niveau primaire se situe pendant l'enfance, lorsqu'un individu acquiert une disposition de son environnement immédiat. Un enfant intériorise ses expériences vécues à partir de ce qu'il recueille des expériences de socialisation dans sa famille et son environnement immédiat.

Le deuxième niveau d'acquisition de l'habitus se fait par l'éducation et les expériences ultérieures de la vie. Cela signifie que nos dispositions internes, qui conditionnent la façon dont nous agissons et réagissons aux situations, sont le produit de notre histoire accumulée depuis l'enfance jusqu'au moment de l'action ou de la perception. Nos goûts, nos préférences et notre évaluation de ce qui est bien ou mal sont davantage le résultat d'un comportement inconscient issu de notre intériorisation de l'histoire que le résultat de choix calculés.

L'application de la notion d'habitus aux études de traduction fournirait un outil permettant d'expliquer la causalité des stratégies et des préférences des agents impliqués dans la pratique. Par exemple, un traducteur peut choisir ou refuser de traduire un texte donné parce qu'il va à l'encontre des valeurs idéologiques du traducteur ; ces valeurs idéologiques sont le produit des expériences vécues et de l'éducation du traducteur. Il en va de même pour un commanditaire ou un éditeur qui peut faire des choix similaires par rapport à une œuvre à traduire ou à publier.

Un autre élément important de l'habitus que Bourdieu (1990, p.60) extrapole est qu'il existe un habitus individuel et un habitus partagé. L'habitus individuel est propre aux expériences vécues par un individu, tandis que l'habitus partagé est l'histoire commune internalisée d'une communauté ou d'une classe sociale. Cela implique que les personnes qui partagent des expériences communes, comme des frères et sœurs ou une communauté homogène, ont tendance à adopter des comportements symétriques. Le fait qu'un sport soit plus populaire qu'un autre dans un pays ou une communauté donnée est dû à l'histoire vécue de chacun des pays ou communautés par rapport à ce sport. Dans *Africa Writes Back : The African writers series and the launch of African literature*, James Currey (2008) rapporte que lorsque la traduction anglaise de *Mission Terminée* (1957) de Mongo Beti a été introduite dans le programme de littérature scolaire en Afrique de l'Est en 1964, des protestations ont éclaté non seulement à cause des scènes sexuelles qu'elle contenait, mais surtout à cause de son anticléricalisme. À l'époque, la plupart des écoles étaient dirigées par des missionnaires et le

système avait inculqué aux gens un habitus clérical, qui influençait leur évaluation de la moralité de la littérature. Ceci illustre à quel point l'habitus collectif du système cible peut influencer la réception d'un produit de traduction et, par extension, la décision de le traduire ou de le publier. Cette étude explore la mesure dans laquelle le public cible a pu jouer un rôle dans les traductions de SKHMKHT EA.

3.1.3. La notion de capital

Un autre concept utilisé par Bourdieu pour expliquer le fonctionnement du champ est celui de capital. Il a emprunté ce terme au concept marxiste de capital, mais l'a élargi dans le but de montrer que les luttes sociales sont plus que de l'utilité financière et du capital économique. Cette notion est également intimement liée au champ et à l'habitus, et chacun des concepts ne peut être pleinement compris qu'avec l'incorporation de l'autre. Bourdieu définit le capital comme étant :

le travail accumulé (sous sa forme matérialisée ou sous sa forme " incorporée ", incarnée) qui, lorsqu'il est approprié sur une base privée, c'est-à-dire exclusive, par des agents ou des groupes d'agents, leur permet de s'approprier l'énergie sociale sous forme de travail réifié ou vivant. (BOURDIEU, 1986, p.241, notre traduction)¹⁸

Ce que cela sous-entend, c'est que les agents impliqués dans les activités du champ possèdent une certaine quantité de ressources ou de dotations, ce qui leur permet de participer aux activités, et cette participation vise également à s'approprier davantage de ressources qui sont en jeu dans le champ. Ce capital comprend, sans s'y limiter, le sens économique des ressources matérielles ou monétaires. Il est un facteur déterminant dans la structuration du champ et de l'habitus des agents, étant donné qu'il conditionne le positionnement des agents dans le champ, ainsi que le but que les agents emploient leurs dispositions à atteindre. Bourdieu distingue quatre types de capital convertible : le capital économique, culturel, social et symbolique. Le capital économique fait référence aux actifs matériels et aux revenus financiers d'un agent, qui peuvent facilement être convertis sous forme monétaire. Il constitue un moteur important des activités dans le domaine. Un écrivain peut être dans le métier pour des bénéfices financiers, tout comme une maison d'édition privée pour un profit économique. Leur intérêt

¹⁸accumulated labor (in its materialized form or its 'incorporated,' embodied form) which, when appropriated on a private, i.e., exclusive, basis by agents or groups of agents, enables them to appropriate social energy in the form of reified or living labor.(BOURDIEU, 1986, p.241)

influencerait donc leurs activités dans le domaine, ainsi que leurs interactions avec d'autres agents dans le domaine.

L'établissement des maisons d'édition européennes en Afrique dans la période qui a suivi la Seconde Guerre mondiale visait à favoriser les intérêts économiques aussi bien que culturels :

Des recherches récentes sur l'édition de la littérature africaine ont examiné la manière dont l'éditeur modifiait les textes des auteurs pour créer des produits littéraires qui soutenaient les discours dominants sur l'Afrique. Selon André Lefevre, l'interaction entre les auteurs africains et les éditeurs britanniques a abouti à la formation d'une "poétique hybride". Son aperçu du développement d'un système littéraire en Afrique après la Seconde Guerre mondiale propose que les textes qui ont voyagé de l'Afrique vers la Grande-Bretagne ont été " filtrés par le système dominant ", et ce processus a exigé une écriture qui " tendait à respecter la poétique anglaise dans tous ses éléments sauf un : le thème, qui est franchement africain, et qui donne à ces écrits une sorte de valeur de nouveauté exotique ". (DAVIS, 2013, p.124, notre traduction)¹⁹.

Cela implique que leur décision de sélectionner des textes à publier était basée sur la mesure dans laquelle ces textes étaient alignés sur leurs intérêts. Les maisons d'édition deviennent donc un facteur qui contraint les actions des écrivains, ainsi que celles des traducteurs. C'est dans cette optique que cette étude cherche à découvrir l'intérêt qui a motivé la décision de l'éditeur de commander et de publier les traductions SKHMKHT EA. L'étude examine également si les avantages financiers ont pu influencer la décision des agents de traduire les œuvres.

Selon Bourdieu, le capital culturel existe sous trois formes :

A l'état incorporé, c'est-à-dire sous forme de dispositions durables de l'esprit et du corps ; à l'état objectivé, sous forme de biens culturels (images, livres, dictionnaires, instruments, machines, etc.) ... et à l'état institutionnalisé, une forme d'objectivation qui doit être mise à part car, comme on le verra dans le cas des diplômes, elle confère des propriétés tout à fait originales au capital culturel qu'elle est censée garantir. (BOURDIEU, 1986, p.17, notre traduction)²⁰.

¹⁹Recent research into the publishing of African literature has examined the ways that the publisher modified the authors' texts in the creation of literary products that supported dominant discourses on Africa. According to André Lefevre the interaction between African authors and British publishers resulted in the formation of a 'hybrid poetics'.⁴ His overview of the development of a literary system in Africa after the Second World War proposes that texts which travelled from Africa to Britain were 'filtered through the dominant system', and this process demanded writing that 'tended to respect English poetics in all but one element: theme, which is frankly African, and gives these writings a kind of exotic novelty value'.(DAVIS, 2013, p.124)

²⁰[...] In the embodied state, i.e., in the form of long-lasting dispositions of the mind and body; in the objectified state, in the form of cultural goods (pictures, books, dictionaries, instruments, machines, etc.) ... and in the institutionalized state, a form of objectification which must be set apart because, as will be seen in the case of educational qualifications, it confers entirely original properties on the cultural capital which it is presumed to guarantee.(BOURDIEU, 1986, p.17)

Cela implique que dans le cas de la traduction, les compétences d'un traducteur ou d'un écrivain s'acquièrent avec le temps et peuvent être objectivées dans les œuvres qu'ils ont produites, telles que les œuvres traduites et publiées. De la même manière, les compétences acquises peuvent être institutionnalisées par l'attribution de qualifications académiques comme preuve que ces compétences ont été acquises. Par exemple, les institutions de formation de traducteurs et les organismes de certification accordent effectivement des formes institutionnalisées de capital culturel aux traducteurs professionnels.

Bourdieu affirme également que le capital culturel peut être converti en capital économique dans certaines conditions. C'est le cas lorsqu'un éditeur paie un écrivain pour écrire une œuvre littéraire en vue de sa publication, ou lorsqu'un écrivain gagne de l'argent grâce à la vente de ses œuvres. Dans le même ordre d'idées, lorsqu'un traducteur est payé pour son travail, le capital culturel qu'il incarne est converti en capital économique.

En ce qui concerne le capital social, Bourdieu le définit comme suit :

l'ensemble des ressources effectives ou potentielles qui sont liées à la possession d'un réseau durable de relations plus ou moins institutionnalisées de connaissance et de reconnaissance mutuelles - ou, en d'autres termes, à l'appartenance à un groupe - qui procure à chacun de ses membres l'appui d'un capital collectivement détenu, une "créance" qui leur donne droit au crédit, dans les différents sens du terme. (BOURDIEU, 1986, p. 248, notre traduction)²¹

Cela implique qu'il existe certains avantages qu'un individu peut accumuler grâce aux personnes ou aux institutions auxquelles il est lié, et le volume du capital social possédé dépend du capital accumulé par l'individu, ainsi que de celui accumulé par les personnes ou les institutions de son réseau. Ce réseau social peut prendre la forme d'un nom de famille, d'une classe sociale, d'une école ou d'un corps professionnel. Ainsi, un homme politique issu d'une famille importante aura plus de chances d'être élu qu'un homme issu d'une famille moins connue. De la même manière, un traducteur, un écrivain ou un avocat qui appartient à un corps professionnel important aura plus de chances d'être sollicité qu'un autre qui appartient à un corps moins important. Ceci est pertinent pour cette étude dans la mesure où, sur la base de leurs profils d'universitaires, et d'écrivain de romans à succès, nous soutenons que les traducteurs étaient connectés à un réseau important de personnes et d'institutions impliquées dans la production et la publication de la littérature africaine.

²¹[...] the aggregate of the actual or potential resources which are linked to possession of a durable network of more or less institutionalized relationships of mutual acquaintance and recognition – or in other words, to membership in a group – which provides each of its members with the backing of the collectively-owned capital, a 'credential' which entitles them to credit, in the various senses of the word.(BOURDIEU, 1986, p. 248)

La dernière forme de capital dont parle Bourdieu est le capital symbolique. Il ne s'agit pas d'une forme indépendante de capital, mais plutôt de "la forme que prennent diverses espèces de capital lorsqu'elles sont perçues et reconnues comme légitimes"(BOURDIEU, 1989, p.17, notre traduction)²². Il s'accumule donc sur la base de la reconnaissance que les autres agents du champ accordent aux autres formes de capital accumulé que possède un individu ou une institution. En d'autres termes, un millionnaire se voit accorder un statut sociétal élevé parce que le champ reconnaît le fait que la richesse est importante et mérite d'être acquise. De même, le statut d'un intellectuel ou d'un écrivain éminent est le résultat de la reconnaissance par la société de l'importance du capital culturel qu'ils ont accumulé. C'est également le cas d'une maison d'édition qui se voit accorder un statut particulier en fonction de la quantité et de la nature des œuvres qu'elle a publiées.

Dans le cas de la traduction, un traducteur peut acquérir un capital symbolique en raison de la quantité de ses traductions qui ont été publiées, ou de la qualification académique qu'il possède. Ceci est pertinent pour le sujet de cette étude dans la mesure où les traductions de SKHMKHT EA n'étaient pas les premières œuvres que les traducteurs avaient traduites en ce qui concerne la littérature de l'Égypte antique, et cette étude examine le rôle que le statut qu'ils avaient acquis a pu jouer dans le fait que l'éditeur les a chargés de faire les traductions.

En conclusion, la théorie sociale de Bourdieu démontre que les actions sociales sont les résultats des facteurs suivants : l'espace social dans lequel l'action a lieu, les différents agents dans l'espace social, les positions occupées par les différents agents, les dispositions des agents, les ressources accumulées par les agents, et l'intérêt en jeu dans l'espace social. L'implication de ceci pour la notion d'agence est que, plutôt que d'être une relation d'opposition entre les agents et la structure, l'agence opère dans une relation dialectique entre les agents et leurs contextes sociaux. C'est ce point de vue que j'adopte dans la présente étude pour soutenir que l'agence de traduction est plus complexe que l'opposition binaire dans laquelle l'agent agit contre les règles du domaine ; elle est plutôt liée à la manière dont les agents de traduction construisent et sont construits par les contextes dans lesquels ils opèrent. C'est à cet égard que l'étude se penche sur la relation entre les traducteurs et leurs contextes, et sur la manière dont le contexte a contraint leurs actions dans la traduction de SKHMKHT EA.

L'étude examine également comment les actions des traducteurs ont contribué à façonner le champ littéraire dans lequel ils ont travaillé.

²²[...]the form that various species of capital assume when they are perceived and recognised as legitimate.(BOURDIEU, 1989, p.17)

3.2 CRITIQUE DE LA THEORIE DE BOURDIEU

Le point de vue de Bourdieu selon lequel les agents entrent dans un champ selon qu'ils possèdent le capital et l'habitus nécessaires pour être efficaces dans ce champ indique que ce capital et cet habitus doivent avoir été acquis dans un autre champ. Cela n'exclut donc pas la possibilité que les agents appartiennent à plus d'un champ. Dans cette optique, un universitaire qui est aussi un écrivain peut appartenir simultanément aux champs de l'éducation et de la littérature.

Bien que Bourdieu ne dise pas expressément que l'habitus est hétérogène, nous pensons que lorsqu'il parle des structures cognitives et motivantes qui composent l'habitus, il sous-entend que l'habitus est comme une boîte noire dans laquelle différentes expériences s'insèrent comme des mécanismes qui influencent différentes actions et perceptions dans des situations données.

L'hétérogénéité de l'habitus est donc implicite dans la conceptualisation de Bourdieu. L'habitus est un facteur causal des actions d'un individu. Nous maintenons donc l'argument selon lequel la théorie de Bourdieu est un cadre important qui nous permet de comprendre les facteurs sociaux qui influencent les actions des agents impliqués dans les activités de traduction.

La conceptualisation du champ et de l'habitus par Bourdieu indique clairement que, si les actions des agents sont limitées par la nature du champ et de leur habitus, cela n'empêche pas les choix rationnels de la part des agents :

La rationalité est limitée non seulement parce que l'information disponible est restreinte, et parce que l'esprit humain est limité de manière générique et n'a pas les moyens d'appréhender pleinement toutes les situations, notamment dans l'urgence de l'action, mais aussi parce que l'esprit humain est socialement limité, socialement structuré. (BOURDIEU ; WACQUANT, 1992, p. 126, notre traduction)²³.

Bourdieu résout l'idée fautive selon laquelle l'habitus est contraire au choix rationnel en affirmant que l'habitus détermine à la fois les choix inconscients et rationnels des agents car tous les choix rationnels de la part des agents individuels sont basés sur des principes qui sont encore influencés par leur habitus. Ceci implique que le principe de raisonnement qui conduit

²³Rationality is bounded not only because the available information is curtailed, and because the human mind is generically limited and does not have the means of fully figuring out all situations, especially in the urgency of action, but also because the human mind is socially bounded, socially structured. (BOURDIEU ; WACQUANT, 1992, p. 126)

un individu à faire le choix de se conformer ou d'ignorer les normes contraignantes d'une société, est basé sur la disposition du libre arbitre que l'individu a acquis au cours d'une période donnée.

Nous pensons que la théorie de Bourdieu est un outil approprié qui nous permettra d'atteindre l'objectif de cette étude.

Ceci est basé sur le fait qu'il existe un champ dans lequel les traductions de SKHMKHT EA ont été produites, qu'il y a des agents clairement identifiés occupant différentes positions dans ledit champ, chacun étant doté de différentes formes de capital et qu'il y a l'habitus individuel des agents et l'habitus collectif du champ littéraire qui influencent les actions des agents impliqués dans les traductions du texte étudié.

En outre, nous optons pour la théorie de Bourdieu parce qu'elle a été largement utilisée dans la traductologie, ce qui prouve qu'elle a été testée et s'est avérée être un outil utile dans l'analyse de la traduction.

3.3 LE MODELE DE BOURDIEU EN TRADUCTOLOGIE

La théorie de Bourdieu a été appliquée aux études de traduction pour montrer la relation entre les agents de traduction et leurs contextes sociaux. Cette approche considère la traduction comme une activité dans laquelle le traducteur n'est pas seulement un acteur neutre et marginalisé, mais un agent actif qui façonne et est façonné par le contexte dans lequel il opère.

Dans cette optique, Gouanvic soutient que la théorie sociale de Bourdieu est très significative lorsqu'elle est appliquée à l'analyse de la traduction. Prenant le cas de la littérature, il soutient que la notion de champ de Bourdieu s'applique au contexte de production d'une traduction, dans lequel le champ littéraire est constitué des traditions littéraires d'une société, des politiques de publication, de la culture du lectorat et des normes ou lois régissant la production littéraire. En étudiant les traductions françaises d'œuvres littéraires américaines aux XIXe et XXe siècles, Gouanvic dit que :

La différence importante entre la censure française et la censure américaine, où cette dernière obligeait les auteurs américains à s'expatrier pour se soumettre à la censure française sur le sol français, est que la censure américaine rejetait purement et simplement toutes les œuvres considérées comme indécentes, tandis que la censure française limitait principalement la diffusion des œuvres en appliquant des

"interdictions de vente aux mineurs, d'utilisation d'affiches et de publicité"(GOUANVIC, 2005, p.154, notre traduction)²⁴

Il affirme que la production de littérature originale et traduite en France était clairement soumise aux diktats de la politique au premier siècle, plutôt qu'au second, car le champ littéraire français n'avait pas atteint le même niveau d'autonomie au XIXe siècle qu'au XXe. Il soutient également que dans l'entre-deux-guerres, le champ littéraire français était plus résistant aux contraintes politiques que le système américain, ce qui a poussé certains auteurs américains à émigrer en France pour faire traduire et publier leurs œuvres :

Le cas d'Henry Miller - et des expatriés en général - est très illustratif à cet égard. Les expatriés Hemingway, Dos Passos, e.e. Cummings, T.S. Eliot, Ezra Pound et Henry Miller ont émigré à Paris dans l'entre-deux-guerres pour écrire leurs œuvres, y trouvant une sorte d'extraterritorialité, précisément parce que le champ littéraire réaliste américain n'était pas encore autonome, n'existant qu'à l'état embryonnaire, et parce que la littérature était entièrement soumise aux diktats de l'économie et de la politique, comme en témoigne l'interdiction de la distribution de leurs œuvres aux États-Unis. (GOUANVIC, 2005, p. 153, notre traduction)²⁵.

L'argument de Gouanvic est significatif dans la mesure où il met en évidence l'influence des facteurs sociaux, qui se situent au niveau macro-textuel, sur la production des œuvres littéraires et leur traduction. Il souligne le fait que certaines œuvres peuvent être plus susceptibles d'être sélectionnées pour la traduction que d'autres en raison des facteurs sociaux qui prévalent dans un domaine particulier.

Cette approche est pertinente pour la présente étude dans la mesure où elle examine les facteurs qui ont conduit à la décision de traduire SKHMKHT EA en langues parlées en Afrique.

La traduction en tant que pratique n'a pas grand-chose à voir avec la conformité aux normes par l'utilisation délibérée de stratégies spécifiques ; en d'autres termes, il ne s'agit pas de choisir consciemment parmi une panoplie de solutions disponibles. Les normes n'expliquent pas les choix plus ou moins subjectifs et aléatoires des traducteurs qui sont libres de traduire ou de ne pas traduire, de suivre ou de ne pas suivre de près l'original. Si le traducteur impose au texte un rythme, un lexique ou une syntaxe qui ne proviennent pas du texte source et substitue ainsi sa voix à celle de l'auteur, il ne s'agit pas, pour l'essentiel, d'un choix stratégique conscient mais d'un

²⁴The important difference between French censorship and American censorship, where the latter forced American authors to ex-patriate themselves to French censorship on French soil, is that American censorship rejected outright all works that were considered inde-cent, while French censorship mainly restricted the distribution of works by enforcing 'bans on sales to minors, use of posters and publicity'.(GOUANVIC, 2005, p.154)

²⁵The case of Henry Miller - and the expatriates generally - is highly illustrative in this regard. Expatriates Hemingway, Dos Passos, e.e. Cummings, T.S. Eliot, Ezra Pound and Henry Miller emigrated to Paris in the interwar period to write their works, finding a sort of extraterritoriality there, precisely because the realist American literary field was not yet autonomous, existing only in an embryonic state, and because literature was entirely subject to the dictates of the economy and of politics, as evident in the ban on the distribution of their works in the US.(GOUANVIC, 2005, p. 153)

effet de son habitus spécifique, tel qu'il a été acquis dans le champ littéraire cible. (GOUANVIC, 2005, p.157, notre traduction)²⁶

Ici Gouanvic se penche également sur le concept d'habitus de Bourdieu et soutient que les choix des traducteurs peuvent être mieux expliqués en examinant leur habitus plutôt que les normes du système littéraire, car les normes ne peuvent pas expliquer les actions spontanées et inconscientes des traducteurs. En prenant l'exemple de trois traducteurs différents de la littérature américaine en français, il soutient que la différence d'habitus des traducteurs les a conduits à avoir des préférences littéraires différentes, ce qui a eu une influence sur les textes sélectionnés pour la traduction, ainsi que sur les stratégies de traduction qu'ils ont adoptées. Cela implique que les traducteurs contribuent à façonner le champ littéraire cible en sélectionnant les textes qui sont introduits dans le champ cible par la traduction (MILTON & BANDIA, 2009, p. 1) et leur habitus est un facteur déterminant à cet égard. Inghilleri dans *Special issue on Bourdieu and the sociology of translation and interpreting (2005)* affirme que la théorie de Bourdieu a été appliquée à la traduction pour mettre davantage l'accent sur les traducteurs eux-mêmes, et sur leur rôle d'agents sociaux et culturels qui participent activement à la production de pratiques textuelles et discursives. Elle soutient également que la pertinence de la théorie sociale de Bourdieu pour les études de traduction est qu'elle a conduit à une " approche sociologique de la discipline qui encourage un intérêt pour le rôle des agents des institutions impliquées dans l'activité de traduction " (INGHILLERI, 2005, p.126, notre traduction)²⁷. En outre, elle souligne le fait que la théorie de Bourdieu a contribué à la théorisation des études de traduction d'une manière qui appelle à l'analyse du produit en fonction des pratiques sociales et des domaines pertinents dans lesquels elles sont constituées, à les considérer comme des fonctions des relations sociales basées sur des formes de capital concurrentes liées aux relations de pouvoir locales/globales, et à considérer les traducteurs et les interprètes comme étant à la fois impliqués dans les formes de pratique dans lesquelles ils s'engagent et capables de les transformer. C'est dans cette optique que cette étude examine le

²⁶Translation as a practice has little to do with conforming to norms through the deliberate use of specific strategies; in other words, it is not a question of consciously choosing from a panoply of available solutions. Norms do not explain the more or less subjective and random choices made by translators who are free to translate or not to translate, to follow or not to follow the original closely. If a translator imposes a rhythm upon the text, a lexicon or a syntax that does not originate in the source text and thus substitutes his or her voice for that of the author, this is essentially not a conscious strategic choice but an effect of his or her specific habitus, as acquired in the target literary field. (GOUANVIC, 2005, p.157)

²⁷[...] sociological approach to the discipline which encourages an interest in the role of agents of institutions involved in translation activity.(INGHILLERI, 2005, p.126)

rôle des différents agents impliqués dans la traduction de SKHMKHT EA, et comment leurs interactions ont influencé les choix et les stratégies du traducteur.

Dans la même veine, Wolf soutient que l'adoption du modèle de Bourdieu dans l'analyse de la traduction permet de mieux comprendre la nature socialement régulée du processus de traduction et la responsabilité sociale de la traduction. Sur la base d'un aperçu de l'application de la théorie de Bourdieu dans les études de traduction, elle affirme que le modèle est pertinent car il met en évidence les agents de la production et de la réception des œuvres traduites, ainsi que leur rôle dans le façonnement des relations de pouvoir qui sont inhérentes aux activités de traduction. Selon elle, les facteurs qui influencent la production d'une traduction sont "socialement déterminés et réorganisés au sein de réseaux qui conditionnent le jeu très spécifique des différentes agences médiatrices." (WOLF, 2007a, p.140, notre traduction)²⁸. L'opinion de Wolf est pertinente pour la compréhension du rôle d'agence du traducteur et des autres acteurs impliqués dans le processus de traduction, et cela se rapporte au sujet de cette étude, qui cherche à explorer le rôle du traducteur en tant qu'agent et les facteurs qui influencent son agence.

L'application de la théorie de Bourdieu aux études de traduction mettrait également en évidence le rôle central des traducteurs dans le processus de traduction. Lorsque pour Garcés et Blasi (2010, p.5, notre traduction) « le bilinguisme et le biculturalisme du T/I seraient ce qui forme son habitus et à travers la traduction et l'interprétation, il serait possible d'observer les différents habitus nécessaires à chaque domaine. »²⁹, ils tentent de relier le modèle de Bourdieu à l'analyse de la traduction en affirmant que la traduction se situe dans le contexte d'un champ de différents agents, et que c'est l'habitus du traducteur qui lui permet d'agir d'une manière particulière par rapport aux autres agents. En se concentrant sur l'interprétation et la traduction du service public, ils affirment que l'adhésion ou la divergence du traducteur aux normes de traduction dépend de l'habitus du traducteur individuel.

L'importance de cette affirmation réside dans le fait que les décisions prises au cours du processus de négociation traductionnelle, qu'elles soient conscientes ou inconscientes, sont toujours influencées non seulement par l'habitus du traducteur, mais aussi par sa relation avec

²⁸[...] socially driven and re-organised within networks that condition the very specific interplay of the different mediating agencies.(WOLF, 2007a, p.140)

²⁹[...] the T/I's bilingualism and biculturalism would be what forms his habitus and through translation and interpretation, it could be possible to observe the different habitus needed for each field. (GARCÉS ; BLASI, 2010, p.5)

les autres agents du domaine de la traduction, dont les activités sont également le résultat de leur habitus.

Une application des idées de Bourdieu aux études de traduction peut mettre en évidence le fait que si les actions d'un traducteur sont influencées par son habitus, ces actions sont également facilitées ou limitées par le champ de traduction dominant. Les actions du traducteur sont régulées par des schémas qui sont le résultat d'une internalisation sociale et culturelle, et qui influencent les différents choix que le traducteur fait pour atteindre son objectif. Ces schémas, ou habitus, fonctionnent à différents niveaux dans différents espaces sociaux, culturels, idéologiques et personnels.

Ceci souligne le rôle du champ et de l'habitus dans l'influence de l'action de traduction, ce qui est pertinent pour cette étude puisqu'elle examine le rôle du champ littéraire et de l'habitus du traducteur dans la détermination des décisions de traduction.

Contrairement au modèle poly-systémique, qui reconnaît la nature sociale de la pratique de la traduction, mais néglige le rôle des individus impliqués dans cette pratique, le modèle de Bourdieu met en évidence le rôle de ces individus en prenant en compte l'histoire sociale et culturelle personnalisée des agents de traduction et conduit à une meilleure compréhension de la tension derrière les choix individuels effectués au cours du processus de traduction.

Ceci est significatif dans la mesure où la traduction se situe dans un système de production dont le fonctionnement est déterminé par les différentes forces en présence, le traducteur est lui-même un agent important dont le rôle est de fondre les forces en une seule unité de production.

L'objectif de ce chapitre est de présenter un cadre pour la conceptualisation de l'agence dans une perspective bourdieusienne. Notre argument est que les décisions prises au cours des activités de traduction sont influencées par des forces sociales, ce qui nécessite une approche sociologique pour mettre au jour ces facteurs sociaux qui mettent en avant les actions de traduction. Le but était d'illustrer que l'application des théories sociologiques à la traductologie n'apparaît pas dans le vide mais est le résultat des différents virages qui ont marqué l'évolution de la discipline. Nous avons ensuite développé les concepts de champ, d'habitus et de capital de Bourdieu, puis la manière dont ils ont influencé la recherche actuelle en traductologie. L'objectif était de montrer que l'agence de traduction opère dans une relation dialectique entre les agents de traduction et leurs contextes sociaux, dans laquelle les agents construisent, et sont construits, par les contextes. Les activités de traduction peuvent donc être expliquées en

analysant le domaine dans lequel la traduction a lieu, les agents impliqués et les forces qu'ils possèdent, ainsi que la nature de l'interaction qui a lieu entre les agents et le contexte et son impact sur le comportement du traducteur pendant le processus de traduction. Ceci a fourni un cadre dans lequel nous conceptualisons l'agence en tant que théorie dans les études de traduction et comment elle peut être appliquée dans l'analyse des traductions de SKHMKHT EA, qui sera le sujet du prochain chapitre.

4 L'AGENCE DE TRADUCTION DANS LA LITTÉRATURE AFRICAINE

4.1 CONCEPT DE L'AGENCE

Le concept d'agence dans les études de traduction remonte aux travaux d'Eugène Nida (1952) sur la traduction de la Bible. Dans ce cas, l'agence de traduction s'est concentrée sur le rôle que joue la traduction dans sa culture d'accueil et sur les facteurs systémiques qui contrôlent la pratique de la traduction. Les études de traduction devenant sociales en raison de l'élargissement des perspectives introduit par les approches systémiques et culturelles, le concept d'agence a commencé à attirer davantage d'attention dans les études sur les phénomènes de traduction.

Cependant, bien que de nombreux spécialistes de la traduction aient démontré comment la notion d'agence joue dans la traduction, le concept reste glissant et il ne semble pas y avoir d'accord sur ce qu'il est ou ce qui le constitue. Milton et Bandia dans *Agents of translation*(2009), par exemple, ont démontré comment les agents de traduction prennent des décisions qui ont un impact sur les systèmes culturels et littéraires des cultures réceptrices. Cependant, ils ne s'étendent pas beaucoup sur la notion d'agence car leur approche se concentre principalement sur le rôle d'agence de la traduction, par opposition aux "traducteurs ", dans le changement des politiques et des pratiques culturelles et linguistiques :

Il s'agit souvent d'individus qui consacrent une grande quantité d'énergie et même leur propre vie à la cause d'une littérature étrangère, d'un auteur ou d'une école littéraire, en traduisant, en écrivant des articles, en enseignant et en diffusant la connaissance et la culture. Sager décrit le rôle fonctionnel des agents. Nous tenons à souligner leur rôle en termes d'innovation et de changement culturels, que l'on retrouve dans un certain nombre d'articles de ce volume : ils peuvent aller à contre-courant, remettre en question des lieux communs et des hypothèses contemporaines, mettre en danger leur vie professionnelle et personnelle, risquer des amendes, l'emprisonnement, voire la mort. (MILTON ; BANDIA, 2009, p. 1, notre traduction)³⁰.

De la même manière, Baker a démontré que l'agence est intégrée dans la traduction et devrait constituer un cadre pour l'analyse de la traduction, sans donner beaucoup de détails sur ce qu'est l'agence ni sur qui est un agent.

³⁰Often they are individuals who devote great amounts of energy and even their own lives to the cause of a foreign literature, author or literary school, translating, writing articles, teaching and dissemination of knowledge and culture. Sager describes the functional role of agents. We would like to emphasize their role in terms of cultural innovation and change, which can be seen in a number of papers in this volume: they may go against the grain, challenge commonplaces and contemporary assumptions, endanger their professional and personal lives, risk fines, imprisonment, and even death.(MILTON ; BANDIA, 2009, p. 1)

Pour cette étude, nous conceptualisons l'agence conformément au modèle relationnel de Bourdieu qui met en évidence la relation dialectique entre l'agence et la structure. La théorie de Bourdieu cherche à surmonter l'opposition binaire entre objectivisme et subjectivisme, ou structure et agence, en démontrant que les deux sont interdépendants :

L'analyse objective de l'appréhension pratique du monde familier n'est pas une nouvelle forme d'offrande sacrificielle aux mystères de la subjectivité, mais un moyen d'explorer les limites de toute exploration objective. Elle nous apprend que nous n'échapperons au choix rituel entre objectivisme et subjectivisme dans lequel les sciences sociales se sont jusqu'à présent laissées enfermer que si nous sommes prêts à enquêter sur le mode de production et de fonctionnement de la maîtrise pratique qui rend possible à la fois une pratique objectivement intelligible et une expérience objectivement enchantée de cette pratique ; plus précisément, que nous ne le ferons que si nous subordonnons toutes les opérations de la pratique scientifique à une théorie de la pratique et de la connaissance pratique (qui n'a rien à voir avec la reconstitution phénoménologique de l'expérience vécue), et inséparablement de celle-ci, à une théorie des conditions théoriques et sociales de la possibilité de l'appréhension objective - et par là à une théorie des limites de ce mode de connaissance. (BOURDIEU, 1977, p.4, notre traduction)³¹.

Il explique cela par ses notions de "champ" et d'"habitus", dans lesquelles les contraintes du champ façonnent les actions de l'agent, tandis que les actions des agents contribuent également à la construction du champ :

Le champ des positions est méthodologiquement inséparable du champ des prises de position, c'est-à-dire du système structuré des pratiques et des expressions des agents. Les deux espaces, celui des positions objectives et celui des stances, doivent être analysés ensemble, traités comme "deux traductions de la même phrase" selon l'expression de Spinoza. Il n'en reste pas moins que, en situation d'équilibre, l'espace des positions tend à commander l'espace des prises de position. Les révolutions artistiques, par exemple, ne sont que le résultat de transformations des rapports de force constitutifs de l'espace des positions artistiques qui sont elles-mêmes rendues possibles par la rencontre des intentions subversives d'une fraction des producteurs avec les attentes d'une fraction du public, donc par une transformation des rapports entre le champ intellectuel et le champ du pouvoir. Il va sans dire que ce qui est vrai du champ artistique s'applique aux autres champs. (BOURDIEU ; WACQUANT, 1989, p. 40, notre traduction)³².

³¹Objective analysis of practical apprehension of the familiar world is not a new form of sacrificial offering to the mysteries of subjectivity, but a means of exploring the limits of all objective exploration. It teaches us that we shall escape from the ritual either/or choice between objectivism and subjectivism in which the social sciences have so far allowed themselves to be trapped only if we are prepared to inquire into the mode of production and functioning of the practical mastery which makes possible both an objectively intelligible practice and also an objectively enchanted experience of that practice; more precisely, that we shall do so only if we subordinate all operations of scientific practice to a theory of practice and of practical knowledge (which has nothing to do with phenomenological reconstitution of lived experience), and inseparably from this, to a theory of the theoretical and social conditions of the possibility of objective apprehension - and thereby to a theory of the limits of this mode of knowledge.(BOURDIEU, 1977, p.4)

³²The field of positions is methodologically inseparable from the field of stances or position-takings (prises de position), i.e., the structured system of practices and expressions of agents. Both spaces, that of objective positions and that of stances, must be analyzed together, treated as "two translations of the same sentence" as Spinoza put it. It remains nevertheless that, in situation of equilibrium, the space of positions tends to command

C'est dans la lignée de ce raisonnement que nous considérons l'agence non pas en termes d'opposition binaire entre l'agent subjectif et les contraintes structurelles, mais en termes de relation dialectique entre l'agent et la structure. Nous soutenons donc qu'il existe une relation d'interdépendance entre le social et l'agent individuel, étant donné que les actions individuelles sont déterminées par les contraintes sociales, qui sont elles-mêmes façonnées par les actions individuelles.

C'est dans cette optique qu'avec Wolf (2007b, p. 112, notre traduction) :

La dynamique et l'existence continue du champ sont le résultat d'une substitution graduelle des agents et des institutions dominants par ceux qui avaient été dominés par eux et qui occupent progressivement les positions dominantes dans le champ. La reproduction du champ par la lutte des agents ne se traduit donc pas par une reproduction exacte de ses éléments, mais de sa structure, et par conséquent de son ordre.³³

Nous soutenons que l'agence de traduction est liée à la façon dont le social construit l'agent et est construit par les actions de ce dernier.

Sur la base de cette évaluation, nous percevons l'agence dans les études de traduction comme un cadre théorique qui étudie la traduction en analysant le contexte social d'une activité de traduction et la manière dont il influence les actions des agents impliqués dans le processus, ainsi que l'impact des décisions et des actions des agents sur l'environnement social du produit de la traduction. Cette influence dialectique entre le contexte social dans lequel opèrent les agents de traduction et les actions desdits agents est conforme à la relation dialectique de Bourdieu entre le champ et les agents, et elle souligne la relation d'influence mutuelle entre le contexte social et les actions des agents au niveau macro et textuel des phénomènes de traduction. En d'autres termes, le contexte d'une activité de traduction affecte ce qui se passe aux niveaux macro-textuel et textuel, qui à leur tour ont également un impact sur la formation du même contexte du phénomène de traduction.

the space of position-takings. Artistic revolutions, for instance, are but the result of transformations of the relations of power constitutive of the space of artistic positions which are themselves made possible by the meeting of the subversive intentions of a fraction of producers with the expectations of a fraction of the audience, thus by a transformation of the relations between the intellectual field and the field of power. Needless to say, what is true of the artistic field, applies to other fields.(BOURDIEU ; WACQUANT, 1989, p. 40)

³³Both the dynamics and the continued existence of the field are the result of a gradual substitution of dominant agents and institutions by those who previously had been dominated by them and who progressively occupy the dominant positions in the field. The reproduction of the field through the agents' struggle, therefore, does not result in the exact reproduction of its elements, but of its structure, and consequently of its order.(WOLF, 2007b, p. 112)

C'est la position que nous adoptons dans cette étude, et j'examinerai donc le rôle de traducteurs en tant qu'agents, leurs positions dans le champ littéraire concerné, leurs relations avec d'autres agents du champ comme l'éditeur, et comment ces facteurs - qui sont de nature sociale - ont influencé leurs décisions et leurs actions, ainsi que l'impact de ces décisions et actions sur les traductions de SKHMKHT EA.

4.2 L'AGENCE EN TRADUCTOLOGIE

Dans cette section, nous examinons comment le concept d'agence a été appliqué aux études de traduction.

Nous analysons l'agence à la fois au niveau macro-textuel et textuel. Nous examinons donc les facteurs sociaux qui influencent les décisions ou les actions prises avant la traduction des textes, ainsi que celles prises au niveau textuel, et l'impact de ces décisions ou actions dans la formation du champ littéraire. Cela nous offre un contexte dans lequel j'explore la relation dialectique entre le contexte social de la traduction de SKHMKHT EA, et les actions prises aux niveaux macro-textuel et textuel du processus de traduction.

Lorsque Milton et Bandia disent que :

De nombreuses cultures minoritaires ont survécu à l'assaut des langues mondiales dominantes grâce à une traduction délibérée d'elles-mêmes dans ces langues mondiales, qu'elles subvertissent par des pratiques linguistiques innovantes pour affirmer leur identité sur la scène mondiale. Les écrivains issus de cultures linguistiques minoritaires tels que Wole Soyinka, Salman Rushdie et Patrick Chamoiseau sont des "hommes traduits" qui peuvent être considérés comme des agents œuvrant à la visibilité et à la préservation de leurs cultures nationales respectives. L'hégémonie de la langue anglaise est contrée par les pratiques créatives et esthétiques de ces écrivains issus de cultures dominées et, dans le cas du Martiniquais Patrick Chamoiseau, la créolisation du français par la traduction est un moyen de contrer la politique d'assimilation française et de donner une voix à la petite île martiniquaise des Caraïbes. (MILTON; BANDIA 2009, p.3, notre traduction)³⁴

Ils affirment que la traduction opère dans un contexte de conflit culturel dans lequel les cultures occidentales dominent les cultures minoritaires. Ils affirment que, dans ce contexte,

³⁴Many minority cultures have survived the onslaught of dominant global languages through a deliberate translation of themselves into such global languages, which they subvert through innovative linguistic practices to assert their identity on the world stage. Writers from minority language cultures such as Wole Soyinka, Salman Rushdie and Patrick Chamoiseau are "translated men" who may be seen as agents working towards the visibility and preservation of their respective national cultures. The hegemony of the English language is checked through the creative and aesthetic practices of these writers from dominated cultures, and, in the case of the Martinican Patrick Chamoiseau, the creolization of French through translation is a means to counter French assimilation policy and to give voice to the small Caribbean Island of Martinique.(MILTON; BANDIA 2009, p.3)

les traducteurs des cultures minoritaires deviennent des agents de résistance et de création d'identité qui utilisent la traduction pour permettre à leurs cultures dominées de résister. Ces traducteurs adoptent des stratégies linguistiques qui leur permettent d'affirmer leurs identités culturelles en subvertissant les langues mondiales dominantes dans lesquelles ils traduisent.

Les implications de l'argument de Milton et Bandia sont que les actions des traducteurs au niveau textuel sont influencées par le contexte social plus large qui est caractérisé par le conflit entre les cultures dominantes et dominées. C'est cet environnement social qui influence les choix que les traducteurs font au cours du processus de traduction, ce qui contribue à son tour à façonner le contexte social de la culture réceptrice par la valorisation des identités des cultures dominées.

L'agence des traducteurs dans ce cas est donc relationnelle car elle est déterminée par les contextes sociaux dans lesquels les traducteurs se trouvent et a donc un impact sur les environnements récepteurs en les exposant à des identités culturelles particulières.

La fonction a été comprise comme la potentialité du texte traduit à produire divers effets, à commencer par la communication d'informations et la production d'une réponse comparable à celle produite par le texte source dans sa propre culture. Mais les effets de la traduction sont aussi sociaux, et ils ont été mis au service de programmes culturels, économiques et politiques : programmes évangéliques, entreprises commerciales, projets coloniaux et activisme social, ainsi que le développement de langues, de littératures nationales et de mouvements littéraires d'avant-garde. (VENUTI, 2012, p.5, notre traduction)³⁵

Ici Venuti adopte une position plus militante par rapport à ce point de vue. Il affirme que la traduction s'effectue dans un contexte social marqué par des conflits linguistiques et culturels, qui influencent les décisions de traduction, de la sélection des textes aux stratégies de transfert. L'argument de Venuti provient de son désir de voir la traduction servir d'outil de résistance à la domination de l'anglais sur les cultures minoritaires.

L'implication de l'argument de Venuti est que les traducteurs peuvent changer la perception générale de la traduction comme une entité subordonnée, non seulement en adoptant certaines stratégies, mais aussi en choisissant activement les textes à traduire, ainsi que les combinaisons linguistiques. Cela signifie que les traducteurs doivent être conscients des contextes sociaux dans lesquels ils opèrent et contribuer, par leurs actions, à façonner les

³⁵Function has been understood as the potentiality of the translated text to release diverse effects, beginning with the communication of information and the production of a response comparable to the one produced by the source text in its own culture. Yet the effects of translation are also social, and they have been harnessed to cultural, economic, and political agendas: evangelical programs, commercial ventures, colonial projects, and social activism, as well as the development of languages, national literatures, and avant-garde literary movements.(VENUTI, 2012, p.5)

hiérarchies idéologiques du domaine d'opération. Il soutient en outre que les actions des traducteurs à cet égard contribueront à façonner les perceptions autour des notions de culture et de traduction, soulignant également les hiérarchies sociologiques dans la relation entre les cultures et les langues.

En donnant son point de vue ici :

Les traducteurs n'hésitaient pas à affirmer que leurs libertés ne visaient pas simplement à imiter les caractéristiques des textes sources, mais à permettre à la traduction de fonctionner comme un texte littéraire à part entière, exerçant sa force au sein des traditions autochtones. Par conséquent, la traduction était fortement domesticatrice, assimilant les littératures étrangères aux valeurs linguistiques et culturelles de la situation d'accueil. (VENUTI, 2012, p.16, notre traduction)³⁶

Venuti semble suggérer que les traducteurs disposent d'un certain degré de libre arbitre, qu'ils peuvent exercer comme ils le souhaitent afin d'atteindre certains objectifs. Nous pensons que son point de vue est fondé sur ses expériences personnelles en tant que théoricien et traducteur américain travaillant dans un contexte de sécurité économique et dans lequel les langues et les cultures concernées sont des langues européennes mondialisées. Son argument peut donc ne pas être applicable au contexte d'autres régions du monde, comme l'Afrique, où les pays ont moins de pouvoir économique et où les cultures linguistiques n'ont pas les mêmes niveaux de visibilité que les langues mondiales ou occidentales. Nous soutenons donc que l'argument de Venuti ignore le fait que l'action des traducteurs est limitée ou facilitée par des facteurs sociaux, qu'ils soient humains ou institutionnels. La capacité des traducteurs ou d'autres agents à exercer les pouvoirs qu'il prétend posséder dépend des facteurs sociaux qui limitent les actions des traducteurs. Son point de vue est toutefois précieux en ce qu'il souligne l'impact des traductions dans la construction du social, notamment en ce qui concerne la mise en forme du récit de la traduction et son rôle dans la valorisation des cultures minoritaires.

Venuti, lorsqu'il dit que :

L'interprétation du traducteur s'effectue toujours dans et sous l'influence d'une situation culturelle où les valeurs, les croyances et les représentations ainsi que les groupes sociaux auxquels ils sont affiliés sont disposés selon un ordre hiérarchique de pouvoir et de prestige. Et les relations intertextuelles et interdiscursives établies par l'interprétation affectent aussi bien le texte source que les textes de la culture qui traduit. (VENUTI, 2013 p. 182, notre traduction)³⁷

³⁶Translators were forthright in stating that their freedoms were intended not merely to imitate features of the source texts, but to allow the translation to work as a literary text in its own right, exerting its force within native traditions. As a result, translation was strongly domesticating, assimilating foreign literatures to the linguistic and cultural values of the receiving situation.(VENUTI, 2012, p.16)

³⁷The translator's interpretation always takes place in and under the influence of a cultural situation in which values, beliefs and representations, and the social groups with which they are affiliated, are arranged according

Il montre encore l'impact du social sur le processus de traduction en affirmant que l'interprétation du texte source par le traducteur est toujours influencée par l'environnement social dans lequel il est affilié. En d'autres termes, au cours du processus de traduction, le social sort de l'intérieur de l'individu pour influencer toute action ou décision prise. Ceci est synonyme de l'argument de Bourdieu (1990, p 54) selon lequel les actions des agents sont déterminées par l'habitus, qui est le social qui a été déposé dans l'individu biologique pour constituer les mécanismes de perception et d'action. Les actions de traduction sont donc influencées par le contexte social qui construit les agents impliqués, et qui contribuent également à construire ce même contexte social par leurs actions. L'argument de Venuti est pertinent dans le contexte de la littérature africaine en langues européennes, dans laquelle la résistance à la domination culturelle européenne est l'un des thèmes dominants, ce qui a des implications significatives pour les stratégies de traduction des traducteurs de ces textes littéraires.

Mona Baker est une autre chercheuse qui adopte une position activiste dans l'agence du traducteur. Elle affirme que la traduction est impliquée dans les conflits idéologiques et militaires mondiaux sans fin, qui sont alimentés par des récits qui soutiennent ou sapent les idéologies qui sous-tendent les conflits. Elle affirme que les actions de traduction sont influencées par ce contexte social de conflits, et que les décisions prises par les traducteurs reflètent leur dissociation ou leur empathie avec une position narrative ou une autre :

Les traducteurs et les interprètes sont confrontés à un choix éthique fondamental à chaque mission : reproduire les idéologies existantes telles qu'elles sont encodées dans les récits élaborés dans le texte ou l'énoncé, ou se dissocier de ces idéologies, si nécessaire en refusant de traduire le texte ou d'interpréter dans un contexte particulier. (BAKER, 2006, p.105, notre traduction)³⁸.

Elle définit les récits comme " des histoires publiques et personnelles auxquelles nous souscrivons et qui guident notre comportement "(BAKER, 2010, p.25, notre traduction) et affirme qu'ils influencent forcément l'interprétation que fait le traducteur des énoncés qu'il doit traiter. Le concept narratif de Baker a des implications importantes pour l'agence. Son affirmation selon laquelle les perceptions du traducteur sont façonnées par les récits et les

to a hierarchical order of power and prestige. And the intertextual and interdiscursive relationships established by interpretation affect both the source text and the texts of the translating culture.(VENUTI, 2013 p. 182)

³⁸Translators and interpreters face a basic ethical choice with every assignment: to reproduce existing ideologies as encoded in the narratives elaborated in the text or utterance, or to dissociate themselves from those ideologies, if necessary by refusing to translate the text or interpret in a particular context at all.(BAKER, 2006, p.105)

actions du traducteur contribuent à façonner les récits démontre la nature relationnelle de la façon dont le social construit l'agent et vice versa.

Cela implique que des agents issus de milieux sociaux différents auront des perceptions autres et agiront différemment parce que leurs sens de la perception et de l'action, ou habitus, ont été façonnés par des récits divergents. Un autre aspect important de l'argument de Baker est le fait qu'elle a mis en évidence l'agence explicite ou consciente du traducteur. En d'autres termes, les traducteurs contribuent consciemment à la résistance ou à l'élaboration de récits sélectionnés, et l'un des moyens d'y parvenir est le cadrage, que Baker définit comme " une stratégie active qui implique l'agence et au moyen de laquelle nous participons consciemment à la construction de la réalité" (BAKER 2006, p.105, notre traduction). Ce processus de cadrage fonctionne en s'appuyant sur :

pratiquement n'importe quelle ressource linguistique ou non linguistique, des dispositifs paralinguistiques tels que l'intonation et la typographie aux ressources visuelles telles que la couleur et l'image, en passant par de nombreux dispositifs linguistiques tels que les changements de temps, la deixis, le changement de code, l'utilisation d'euphémismes, et bien d'autres encore. (BAKER, 2006, p. 111, notre traduction)³⁹

Le point à noter dans la notion de cadrage de Baker est qu'elle offre une autre stratégie avec laquelle le traducteur peut affirmer son agence. En d'autres termes, le traducteur peut limiter son intervention au niveau textuel, et utiliser le cadrage paratextuel pour marquer sa position d'agence.

L'initiation est également importante dans le sens où l'initiateur joue un rôle plus déterminant dans la prise de décision relative à la traduction ; en tant que tel, le rôle d'agence du traducteur est encore renforcé lorsqu'il/elle initie le projet. Bien que Baker mette en lumière l'action des traducteurs dans le contexte des conflits mondiaux, nous pensons que son affirmation des pouvoirs qu'ils exercent est exagérée. Le libre arbitre du traducteur ne peut aller qu'aussi loin que les contraintes de son environnement social le permettent. Un traducteur travaillant en Corée du Nord ne pourra pas exercer le même libre arbitre dans ses décisions qu'un traducteur travaillant en Europe. De même, un traducteur travaillant en Afrique, dont la priorité est de subvenir aux besoins de sa famille, n'aura pas le luxe de s'impliquer activement dans des conflits idéologiques. Il serait donc bénéfique pour les études de traduction d'aller au-delà de " l'analyse occidentale de la réalité " (MARAIS, 2014, p.144, notre traduction) et

³⁹[...] practically any linguistic or non-linguistic resource, from paralinguistic devices such as intonation and typography to visual resources such as colour and image, to numerous linguistic devices such as tense shifts, deixis, code switching, use of euphemism, and many more.(BAKER, 2006, p. 111)

d'examiner les implications de l'agence dans ce que les traducteurs font dans différents contextes du monde.

Gentzler et Tymoczko :

[...]les traductions, plutôt que d'être secondaires et dérivées, étaient au contraire l'un des principaux outils littéraires dont disposaient les grandes institutions sociales - systèmes éducatifs, conseils des arts, maisons d'édition et même gouvernements - pour "manipuler" une société donnée afin de "construire" le type de "culture" souhaité. Pour ce faire, toutefois, le texte source lui-même était manipulé pour créer la représentation souhaitée. (GENTZLER ; TYMOCZKO, 2002, p. xiii, notre traduction)⁴⁰

adoptent également une position activiste dans leur conceptualisation de l'agence des traducteurs. Ils soutiennent que les traducteurs sont activement impliqués dans la sélection des textes à traduire, ainsi que dans les stratégies de traduction. Leur intention dans ce cas est de démontrer qu'il existe toujours des dimensions de pouvoir inhérentes à la relation entre le traducteur, le commanditaire, l'auteur, ainsi que les textes source et cible. Ils affirment que la traduction n'est pas simplement une reproduction fidèle de l'original, mais plutôt : un acte délibéré et conscient de sélection, d'assemblage, de structuration - et même dans certains cas, de falsification, de refus d'information, de contrefaçon et de création de codes secrets. De cette façon, les traducteurs, tout comme les écrivains créatifs et les politiciens, participent aux actes puissants qui créent la connaissance et façonnent les cultures.

Deux éléments majeurs ressortent de cet argument : l'idée de falsification, de refus et de contrefaçon de l'information ; et l'idée de comparer les traducteurs aux créateurs et aux politiciens. Le premier cas est d'une grande importance car l'argument semble suggérer que les traducteurs peuvent effectivement retenir des informations ou désinformer le public cible. Cet argument soulève des questions éthiques, mais ma question est de savoir si les traducteurs peuvent s'approprier tous les pouvoirs évoqués si leur environnement de travail ne le permet pas. Le pouvoir du traducteur en matière de sélection de texte dans un contexte social particulier peut-il être transféré dans un autre contexte ? Nous sommes donc d'avis que si les traducteurs ont effectivement la capacité de participer de manière plus active aux décisions de traduction au niveau macro, cela dépend invariablement de facteurs dans le contexte spécifique qui faciliteraient ou limiteraient la mesure dans laquelle ce pouvoir peut être exercé. Cela implique

⁴⁰translations, rather than being secondary and derivative, were instead one of the primary literary tools that larger social institutions-educational systems, arts councils, publishing firms, and even governments-had at their disposal to "manipulate" a given society in order to "construct" the kind of "culture" desired. To do so, however, the source text itself was manipulated to create a desired representation.(GENTZLER ; TYMOCZKO, 2002, p. xiii)

que les actions du traducteur ou des autres agents impliqués dans le processus sont limitées par le domaine spécifique dans lequel ils opèrent. De même, les actions du traducteur au niveau textuel ont pour effet de façonner les perceptions et les préférences des destinataires, ce qui contribue à déterminer la dynamique pré-textuelle du processus de traduction, puisque le goût ou la préférence détermine la production.

Tymoczko plaide également pour un élargissement des frontières des études de traduction, afin de libérer la discipline de la domination des modèles euro centriques. Elle affirme que l'eurocentrisme a étouffé l'action du traducteur en définissant la traduction comme un simple processus de transfert. Elle énonce que cette conceptualisation place un grand contrôle sur le message, et qu'une incorporation d'autres modèles de traduction aiderait à briser les chaînes de contrôle autour du message du texte source. La raison en est que " l'exposition à d'autres modèles de traduction aide les traducteurs à développer une autoréflexivité, ce qui est essentiel pour l'autonomisation et l'exercice d'une agence éthique " (TYMOCZKO, 2009, p. 414, notre traduction)⁴¹. La valeur de l'argument de Tymoczko réside dans le fait qu'elle plaide pour une approche plus large des études de traduction, qui pourrait à son tour révéler différents contextes, textes et agents impliqués dans les activités de traduction au-delà des frontières occidentales. Cela permettrait de mieux comprendre les facteurs sociaux qui sous-tendent les actions des traducteurs et l'impact de leurs actions sur les communautés dans lesquelles ils opèrent. Elle conceptualise donc l'agence comme ayant à voir avec l'habilitation des traducteurs à agir en tant qu'agents de résistance et de construction d'identités culturelles et idéologiques. En utilisant le cas de la traduction de la littérature irlandaise, elle soutient que les traducteurs irlandais ont eu recours à des stratégies de manipulation textuelle afin de résister aux perceptions culturelles et idéologiques construites par le discours colonial britannique. Les traducteurs sont ainsi devenus des agents autonomes du changement social en s'engageant dans "la manipulation radicale des textes, la construction d'images et d'identités culturelles, la promotion de l'autodéfinition et la création de connaissances à travers leur travail"(TYMOCZKO, 2007, p.200, notre traduction)⁴².

Son point de vue souligne le lien de causalité entre les facteurs socioculturels du contexte d'intervention du traducteur et les actions ou décisions qu'il prend dans le processus

⁴¹[...] exposure to other models of translation helps translators develop self-reflexivity, which is essential for empowerment and the exercise of ethical agency.(TYMOCZKO, 2009, p. 414)

⁴²[...] radical manipulation of texts, constructing cultural images and identities, fostering self-definition, and creating knowledge through their work.(TYMOCZKO, 2007, p.200)

de traduction. Elles mettent également en évidence l'impact des actions du traducteur sur la formation des perceptions culturelles et idéologiques dans le système cible. Cela montre la relation d'influence mutuelle entre les actions du traducteur et le contexte dans lequel il travaille.

C'est à cet égard que nous soutenons que l'agence de traduction est spécifique au contexte, car des contextes de traduction différents sont liés à des facteurs sociaux différents qui sous-tendent les actions des agents impliqués dans le processus. À cet égard, une étude des traductions de SKHMKHT EA, qui réunit des traducteurs d'horizons et un texte de nature particulière, révélerait probablement des relations d'agence intéressantes qui contribueraient à la conceptualisation des études de traduction.

Marais :

Qu'il n'y ait pas d'espaces neutres, je le tiens pour acquis. Cependant, une réflexion méta-conceptuelle est possible (Hofstadter, 1979), et c'est vers cela que je me dirige. Je ne demande donc peut-être pas "Qu'est-ce que la traduction ?", ce qui pourrait être interprété comme la recherche d'une définition typique nécessaire et suffisante. Je me demande plutôt comment le phénomène de la traduction est lié à d'autres phénomènes dans la réalité et quelles en sont les implications pour la traductologie en tant qu'entreprise scientifique. Je demande : "Quelle est la relation de la traduction avec d'autres choses ?". (MARAIS, 2014, p.75, notre traduction)⁴³

a également apporté une contribution importante à la notion d'agence en traductologie. Il soutient l'idée que la neutralité des traducteurs est illusoire, et que les individualités des traducteurs conduisent toujours à des interventions partiales de leur part dans les activités de traduction. Marais déplore toutefois que le débat sur l'agence, tel qu'il a été mené par les chercheurs, ait été de nature réductionniste, s'inspirant principalement de la théorie critique occidentale. Il soutient donc qu'une approche plus complexe est nécessaire pour les études de traduction afin d'étudier d'autres domaines de l'agence qui ont été négligés par les fondements occidentaux du discours sur l'agence. En d'autres termes, comme Tymoczko a plaidé pour l'élargissement des études de traduction, Marais ici :

Considérez les millions de pages de textes traduits qui entrent dans la construction de l'Union européenne. Pensez également aux milliards de mots traduits qui rendent possible le fonctionnement de l'économie informelle dans les pays en développement. Pensez également à la traduction d'idées sur la réforme économique de Washington

⁴³That there are no neutral spaces, I take for granted. However, meta-conceptual thinking is possible (Hofstadter, 1979), and this is where I am heading. Perhaps then, I am not asking, "What is translation?" which could be construed as looking for a typical necessary and sufficient definition. Rather, I am asking how the phenomenon of translation relates to other phenomena in reality and what the implication of this is for translation studies as a scholarly enterprise. I am asking, "What is the relationship of translation with other things?"(MARAIS, 2014, p.75)

à Kampala ou sur la sélection végétale de l'Université de l'État libre à une ferme rurale en Éthiopie et à son rôle dans le développement de cette dernière. Il faut réfléchir au type d'agence impliqué dans ces actions et, pour faire référence à Latour (2007), l'agence est la chose dont nous ne savons pratiquement rien. (MARAIS, 2014, p.144, notre traduction)⁴⁴

plaide pour un élargissement de la théorisation de l'agence. Il soutient que les notions occidentales ne devraient pas être les seules lentilles à travers lesquelles percevoir l'agence des traducteurs, car il existe d'autres domaines moins visibles, mais dans lesquels les traducteurs ont également un impact significatif sur les sociétés. L'implication de l'argument de Marais est que si les études de traduction se battent pour se libérer de la cage de l'invisibilité, elles risquent de créer une situation asymétrique dans laquelle les rayons de la visibilité brilleraient sur certains domaines et seraient coupés d'autres.

Marais utilise le cas de l'économie informelle en Afrique du Sud comme exemple, en faisant valoir que les traducteurs jouent un rôle important dans l'avancement de l'agenda du développement dans le secteur informel des communautés multilingues. L'argument de Marais est pertinent pour les études de traduction en Afrique car le continent est principalement informel et les communautés sont caractérisées par un multilinguisme dense. La traduction et les traducteurs sont donc des atouts importants qui facilitent le commerce, la gouvernance et la prestation de services dans les communautés.

Le contexte social particulier dans lequel travaillent les traducteurs africains signifie que les facteurs sociaux qui influencent leur travail sont différents de ceux qui prévalent en dehors du continent. Dans ce cas, l'agence de traduction est donc forcément différente car les facteurs causaux et intentionnels sont différents. Ceci est pertinent pour la présente étude dans la mesure où les textes impliqués ont émergé d'un contexte antique, où les textes littéraires sont de nature plus complexes et donc différents des textes typiquement homogènes qui ont informé les notions occidentales de la traduction.

Un autre chercheur qui a appliqué l'agence au niveau du processus de traduction est Hermans, qui affirme que les traducteurs ne sont jamais neutres, étant donné que les traductions auront toujours les positions soumises des traducteurs inscrites dans les choix qu'ils font au niveau textuel de la traduction. Selon lui, le sujet traducteur ne peut pas être éludé ou éliminé

⁴⁴Consider the millions of pages of translated text that go into the construction of the European Union. Also consider the billions of translated spoken words that make the running of the informal economy in developing countries possible. Further consider the translation of ideas on economic reform from Washington to Kampala or on plant breeding from the University of the Free State to a rural farm in Ethiopia and its role in developing the latter. The kind of agency involved in these actions needs to be thought about, and to refer to Latour (2007), agency is the one thing we know virtually nothing about.(MARAIS, 2014, p.144)

des traductions parce que, en tant que forme de production de texte, la traduction exige le déploiement de moyens linguistiques dans la langue d'accueil, ce qui implique des dimensions autres que celles de l'original. En conséquence, les énoncés du traducteur sont nécessairement marqués, révélant un sujet positionné discursivement.

Cela implique qu'un texte source traduit par divers traducteurs produirait des textes cibles différents, et ces divergences seraient le résultat des choix ou préférences linguistiques que les traducteurs auraient faits. En tant que tel, face à une variété d'options, un traducteur opérerait pour des préférences d'intervention particulières afin de résoudre les défis textuels pendant la traduction, ce qui implique une agence de la part du traducteur. Hermans soutient en outre que les traducteurs interviennent également pour marquer leur visibilité dans les traductions par le biais d'annotations.

Nous soutenons donc que l'interprétation et la perception des situations par le traducteur sont influencées par son milieu socioculturel et professionnel et qu'il serait bénéfique pour l'analyse de la traduction de se concentrer sur la relation causale entre ledit milieu et les choix faits par le traducteur au cours du processus de traduction. C'est dans cette optique que la présente étude explore les facteurs sociaux qui composent le milieu des traducteurs et leur influence sur leurs traductions de SKHMKHT EA.

4.3 AGENCE ET LITTÉRATURE AFRICAINE

La traduction a joué un rôle important dans le développement de la littérature mondiale. Cela met en évidence le rôle des traducteurs en tant qu'agents de représentation, qui introduisent des systèmes littéraires étrangers dans les différentes cultures du monde. Dans ce processus de représentation littéraire, les traducteurs n'ont pas été de simples vecteurs de transfert, mais ils ont été activement impliqués dans la sélection des textes, ainsi que dans l'adoption de stratégies qui introduisent de nouvelles formes dans les systèmes littéraires de la culture cible :

Nous aimerions nous appuyer sur la définition de Sager, bien que nous incluons les traducteurs parmi nos agents, qui peuvent également être des mécènes, des organisateurs de salons, des hommes politiques ou des entreprises qui contribuent à changer les politiques culturelles et linguistiques. Ils peuvent aussi être des

magazines, des revues ou des institutions. (MILTON; BANDIA, 2009, p.1, notre traduction)⁴⁵.

La prédominance de la traduction littéraire dans le débat sur la théorie de la traduction témoigne du rôle significatif des agents de la sous-discipline dans le développement de la traductologie. Alors qu'une grande partie du débat s'est concentrée sur les traditions littéraires occidentales, des études récentes ont élargi les frontières de la discipline pour y intégrer d'autres traductions littéraires. Cela a contribué à mettre en lumière différents contextes d'agence, qui ont enrichi sa conceptualisation.

La traduction littéraire est une pratique ancienne et variée en Afrique, allant des représentations de récits oraux en pictogrammes ou en hiéroglyphes à des expressions plus contemporaines en arabe, en lingua franca locale ou en langues coloniales européennes. (BANDIA, 2008, p.159, notre traduction)⁴⁶.

Dans ce cas, la traduction était plus sémiotique que linguistique, puisqu'il s'agissait de transférer le sens d'un code d'expression à un autre. Outre les anciens systèmes d'écriture et les pratiques de traduction interlinguistique en Afrique avant la colonisation, la traduction peut être retracée dans les activités des griots, qui étaient des chanteurs de louanges multilingues attachés aux cours des rois africains. Ces griots étaient des agents experts qui servaient de médiateurs entre les différentes communautés lors de traités de paix, de commerce ou d'accords de mariage. Leur rôle d'agence était donc crucial dans la mesure où leurs interventions permettaient de mettre fin aux conflits et de forger des relations. Si l'existence de pratiques de traduction au cours de ces périodes de l'histoire africaine ne fait aucun doute, il n'existe pas suffisamment de preuves pour analyser pleinement leurs implications pour les études de traduction. Il pourrait donc être bénéfique qu'une étude historique approfondie soit réalisée pour avoir une image complète de la discipline. La forme écrite de la littérature africaine a commencé avec l'arrivée des missionnaires européens sur le continent, et la littérature à ce moment-là était principalement en langues africaines. Cette littérature n'a cependant reçu qu'une attention limitée dans les études de traduction, qui se sont principalement concentrées sur la littérature produite dans les langues européennes par les Africains qui sont passés par le système éducatif occidental. La littérature africaine en langues européennes a des implications

⁴⁵We would like to build on Sager's definition, though we do include translators amongst our agents, who may also be patrons of literature, Maecenas, salon organizers, politicians or companies which help to change cultural and linguistic policies. They may also be magazines, journals or institutions.(MILTON; BANDIA, 2009, p.1)

⁴⁶Literary translation has been a long and varied practice in Africa, ranging from representations of oral narratives in pictograms or hieroglyphic scripts to more contemporary expressions in Arabic, local lingua francas, or European colonial languages.(BANDIA, 2008, p.159)

d'agence par sa nature même, étant donné qu'elle est produite dans un environnement social qui façonne sa forme et sa fonction. Ici :

La langue de la littérature africaine ne peut être discutée de manière significative en dehors du contexte des forces sociales qui en ont fait à la fois une question exigeant notre attention et un problème demandant une solution. D'une part, l'impérialisme, dans ses phases coloniales et néocoloniales, ne cesse de presser la main de l'Africain sur la charrue pour retourner le sol, et de lui mettre des œillères pour qu'il ne voie le chemin à suivre que tel qu'il a été déterminé par le maître armé de la bible et de l'épée. (WA THIONGO'O, 1986, p. 4, notre traduction)⁴⁷

Wa Thiongo'o affirme que la littérature africaine ne peut être comprise sans les forces sociales qui conditionnent sa production. L'implication de ceci est que les différents agents impliqués dans la production littéraire sont influencés par leur environnement social, qu'ils cherchent également à influencer à travers leurs œuvres. À cet égard, le contexte social fait référence à la domination politique et culturelle de l'Occident colonial à laquelle les écrivains africains ont cherché à résister en adoptant un style d'écriture et en abordant les questions sociales qui touchent leurs communautés. C'est ce contexte social influençant les actions littéraires, et vice versa, qui met en lumière l'implication de l'agence dans la littérature africaine. L'agence impliquée dans la traduction de cette littérature est encore plus significative en ce qui concerne le rôle de la traduction dans ladite littérature.

Nous soutenons donc que la littérature africaine offre un contexte particulier pour les études de traduction parce que la tradition littéraire du continent est différente de la tradition occidentale en termes de forme et de fonction ; cette différence est nécessaire pour constituer la base de l'analyse du rôle des différents agents impliqués dans les activités de traduction dans ce système littéraire. C'est à cet égard que l'étude des traductions de SKHMKHT EA offre un contexte pertinent pour examiner les agents impliqués dans le processus et les facteurs sociaux qui influencent leurs actions.

Dans ce qui suit, je présente les implications d'agence qui peuvent être tirées de la nature et de la fonction de la littérature africaine dans les langues européennes afin de montrer le lien de causalité entre les facteurs sociaux et les actions des agents dans la production de cette catégorie de littérature. Ceci est pertinent pour la présente étude car elle se concentre sur

⁴⁷The language of African literature cannot be discussed meaningfully outside the context of those social forces which have made it both an issue demanding our attention and a problem calling for a resolution. On the one hand is imperialism in its colonial and neo-colonial phases continuously press-ganging the African hand to the plough to turn the soil over, and putting blinkers on him to make him view the path ahead only as determined for him by the master armed with the bible and the sword. (WA THIONGO'O, 1986, p. 4)

la façon dont le contexte social et les actions des agents impliqués dans les traductions de SKHMKHT EA s'influencent mutuellement.

4.4 NATURE DE LA LITTÉRATURE AFRICAINE

La littérature africaine en langues européennes présente une caractéristique particulière dans la mesure où elle est écrite par des auteurs dont les langues de production ne sont pas les langues maternelles. Il en résulte un texte source différent du texte source produit par un locuteur natif de la langue européenne en question.

La différence majeure dans le texte source littéraire africain est que le texte est grandement influencé par la tradition orale des modèles de communication africains. Cela a conduit certains chercheurs à affirmer que la littérature africaine dans les langues européennes est une forme de traduction dans laquelle les écrivains africains conçoivent leurs idées dans leur langue maternelle avant de les traduire dans les langues européennes en question. Bandia a cependant souligné le risque de confondre le processus de traduction impliqué dans un texte de littérature africaine produit dans une langue européenne et la traduction interlinguale de la littérature africaine entre les langues européennes.

Cette tension oblige l'écrivain africain de langue européenne à recourir à diverses formes de solutions esthétiques et linguistiques, y compris la traduction stratégique créative comme moyen de concilier les impératifs littéraires mondiaux et les obligations nationales. Comme tout autre artiste, il peut recourir à des pratiques linguistiques spécifiques destinées à soutenir l'africanité de son œuvre. (BANDIA, 2008, p.166, notre traduction)⁴⁸

Il soutient que l'approche de traduction interculturelle impliquée dans la littérature africaine dans les langues européennes n'est pas toujours une traduction en soi, mais une stratégie esthétique et linguistique créative à travers laquelle les écrivains cherchent à concilier l'impératif d'écrire dans les langues mondiales et la nécessité de préserver leurs identités culturelles. Une telle approche a une fonction réparatrice, car les écrivains cherchent à récupérer les identités culturelles de leurs communautés qui ont été érodées par la domination coloniale. Les dynamiques impliquées dans la traduction de tels textes sont donc susceptibles d'être différentes de celles impliquées dans les textes issus des traditions occidentales. Le

⁴⁸This tension forces the African European-language writer to resort to various forms of aesthetic and linguistic solutions, including creative strategic translating as a way of reconciling global literary imperatives and national obligations. Like any other artist, they may resort to specific language practices designed to sustain the Africanness of their work.(BANDIA, 2008, p.166)

problème de cet argument est qu'il semble négliger le fait que la forme de langage utilisée dans la production littéraire africaine en langues européennes peut également être le résultat de l'évolution que subit la langue étrangère en raison de l'influence du contexte local africain, ce qui entraîne une transformation de la langue.

On peut alors se demander si la manière dont les langues européennes sont utilisées dans la littérature africaine est différente de la manière dont ces langues sont parlées dans les communautés linguistiques dont les auteurs sont originaires. Il convient d'observer que certains écrivains, comme Amadou Kourouma, ont eux-mêmes affirmé qu'ils adoptaient une forme d'écriture de traduction dans leurs textes. D'autres attribuent plutôt leur style à « l'adoption des modèles discursifs prévalant dans leurs communautés africaines » (LOPEZ ; SAIVRE, 1982, p.121) dans lesquelles les langues européennes ont été domestiquées pour prendre une saveur plus locale. Je soutiens donc que s'il est évident que la littérature africaine en langues européennes implique une forme de traduction des pensées africaines, les auteurs ont également adopté de manière significative les modèles discursifs de leurs communautés dans la façon dont ils utilisent les langues européennes.

L'implication ici est que la langue française utilisée par les écrivains n'est pas nécessairement, ou totalement, le résultat d'un effort de traduction de la part de l'écrivain, mais une adoption des tendances discursives dans sa communauté linguistique. Bandia affirme également que la nature plurilinguistique des sociétés africaines fait que les langues européennes, qui sont les langues officielles, sont fortement influencées par les langues locales, ce qui conduit à une version hétéroglossique, qui est à son tour adoptée par certains écrivains. Cela indique une fois de plus qu'il y a eu une évolution historique des langues européennes en Afrique, qui a donné lieu à des modèles discursifs mêlant les langues européennes aux langues locales, et que le processus se poursuit. Je soutiens donc que la description des textes littéraires africains doit explorer les cas où les auteurs manipulent délibérément les langues européennes et les cas où les tendances discursives des communautés africaines ont trouvé leur chemin dans les textes littéraires. Étant donné la nature particulière de cette littérature, je soutiens que les implications en matière d'agence sont propres au contexte social qui sous-tend le système littéraire africain. Une analyse de la traduction de ces textes devrait donc se concentrer sur les facteurs sociaux qui influencent les productions littéraires et l'impact des actions des agents impliqués sur l'environnement plus large.

5 TRADUIRE LES TEXTES DE L'EGYPTE ANTIQUE

5.1 PRESENTATION DU TEXTE

Les textes qui sont à l'origine de l'analyse de notre mémoire sont les traductions en français et anglais d'un poème qui nous vient de l'Égypte antique.

Ces traductions sont présentées dans le livre *SKHMKHT EA On love sublime, A multilingual translation of an ancient African love poem* publié en 2018 par PER ANKH PUBLISHERS. Ce livre est le fruit de la collaboration entre le SHEMSW BAK WORKGROUP et différents universitaires africains. En effet, en plus des traductions en français, anglais et portugais, cet ouvrage contient des versions en Akan (langue parlée par une majorité de la population de l'actuel Ghana et quelques habitants de la Côte d'Ivoire), Bambara (une des langues nationales de l'actuel Mali), Hausa (langue principalement parlée dans l'actuel Nigeria et Niger, mais aussi au Ghana, Cote d'Ivoire, Cameroun, Tchad, Soudan et Congo-Brazzaville), Kikongo (parlée en Angola, République démocratique du Congo, Congo-Brazzaville et Gabon), Kiswahili (parlée au Kenya, République démocratique du Congo, Ouganda, Burundi, Mozambique, Malawi, et Zambie), Pulaar (parlé principalement au Sénégal, mais aussi en Guinée, en Guinée-Bissau, en Gambie, au Mali et en Mauritanie), Wolof (langue nationale du Sénégal mais également parlée en Mauritanie), Yoruba (majoritairement parlée au Nigéria, mais aussi au Bénin et au Togo) et isiZulu (langue nationale de l'Afrique du Sud et également parlée en Eswatini, au Lesotho, au Malawi et au Mozambique).

Le texte source nous vient de l'Égypte antique à travers le papyrus CHESTER BEATTY I qui heureusement est un papyrus particulièrement bien conservé.

Le papyrus est en fait écrit en écriture cursive "hiératique", une écriture abrégée et rapide qui utilise de nombreuses simplifications de caractères. Une étude intensive du style d'un scribe donné est nécessaire pour distinguer de nombreuses lectures dans les textes hiératiques, et les égyptologues se fient généralement aux transcriptions hiéroglyphiques réalisées par la personne qui publie le texte. La fascination de Gardiner pour l'orthographe de notre scribe est basée sur de nombreuses heures d'étude de son style. (DAMROSCH, 2012, p. 428, notre traduction)⁴⁹.

⁴⁹The papyrus is actually written in cursive "hieratic" script, an abbreviated, rapidly-written script that employs many simplifications of characters. Intensive study of a given scribe's style is needed to make out many readings in hieratic texts, and Egyptologists usually rely on hieroglyphic transcriptions made by the person who publishes the text. Gardiner's fascination with our scribe's orthography is based on many hours of study of his style.(DAMROSCH, 2012, p. 428)

Ce papyrus contient différents textes dont trois collections de poèmes d'amour. Il s'agit de : (La) Un cycle intégré de sept strophes, chacune avec un titre de strophe numéroté, et l'ensemble introduit par un titre. Une collection libre de sept poèmes, non intégrée comme un cycle mais maintenue par un titre introductif. Il occupe une page et demie aux pages 16 et 17 du recto. Et les textes de ce papyrus ont déjà été l'objet de plusieurs publications et traductions :

- a) Müller, W. M. **Die Liebespoesie der alten Ägypter**. Leipzig: Hinrichs, 1899.
- b) Gardiner, A. H. *The library of A. Chester Beatty: description of a hieratic papyrus with a mythological story, love-songs, and other miscellaneous texts*. London: Oxford University press, 1931.
- c) Gilbert, P. **La Poésie Egyptienne**. 2. ed. Bruxelles : Éditions de la Fondation Égyptologique Reine Élisabeth, 1949.
- d) SCHOTT, G. **Liebeslieder**. Wiesbaden: Harrassowitz, 1954.
- e) Posener, G. *Catalogue des ostraca hiératiques littéraires de Deir el Médineh v.2*. Paris : Librairie C. Klincksieck, 1972.
- f) SIMPSON, W. K. **Literature of Ancient Egypt**. New Haven, Yale University Press, 2003.

Ainsi le texte qui nous intéresse est le poème de sept strophes du papyrus. Dans les sept strophes du premier cycle de CHESTER BEATTY, il y a une alternance régulière entre les locuteurs masculins et féminins. Les amants s'appellent "frère" et "sœur", ces mots étant les termes d'affection habituels dans l'usage égyptien ancien. Bien que sophistiqués dans le contexte de leur époque, les poèmes ont la simplicité conceptuelle et la brièveté de la langue qui sont les marques de la littérature égyptienne ancienne.

Figure 1 – Papyrus CHESTER BEATTY 1 Face 1, rouleau complet



Source : Chester Beatty, 2022

HISTOIRE DE LA TRADUCTION DES TEXTES DE L'EGYPTE ANCIENNE

L'histoire du déchiffrement et de la naissance miraculeuse de l'égyptologie a été beaucoup racontée, mais le récit a été obscurci par la rivalité entre les deux principaux participants, et aggravé par les sympathies nationalistes. Le travail des autres chercheurs, qui était d'une importance fondamentale, a été constamment sous-estimé. (PARKINSON, 1999, p.31, notre traduction)⁵⁰

Le mérite en revient à Jean-François Champollion et à la pierre de Rosette. Contre ces spéculations infructueuses, l'observation aiguë occasionnelle d'hommes exceptionnels comme de Guignes, Warburton et Carsten Niebhur n'a servi qu'à peu de choses en l'absence d'un indice précis sur le déchiffrement des écritures anciennes. Un tel indice fut enfin fourni lorsque des soldats français, travaillant sur les fondations d'une forteresse à Rosette, tombèrent sur une inscription trilingue en grec, démotique et hiéroglyphique (1799). Cette inscription, connue depuis lors sous le nom de pierre de Rosette, s'est avérée être, d'après sa partie grecque, un décret en l'honneur de Ptolémée Epiphane, que les prêtres d'Egypte ont fait ériger dans tous les temples du pays (196 av. J.-C.). Malheureusement, seule une partie relativement faible du texte hiéroglyphique est conservée, et c'est sans doute pour cette raison, mais aussi en partie à cause de la nature symbolique alors attribuée aux hiéroglyphes, que les chercheurs se sont d'abord intéressés à la section démotique. La pierre elle-même était passée aux mains des Anglais, mais une copie était restée chez le célèbre orientaliste français Silvestre de Sacy. Après une tentative avortée, de Sacy remet la copie au diplomate suédois Akerblad, un homme d'un niveau considérable qui se consacrait alors à des recherches orientales à Paris. En l'espace de deux mois, Akerblad réussit, en comparant le texte grec et le texte démotique, à identifier dans le second tous les noms propres qui apparaissent dans le premier, et à reconnaître, dans l'ordre alphabétique et sous leur forme copte correcte, les mots "temples" et "Grecs", ainsi que le suffixe pronominal "lui" et "son". Dans la lettre à de Sacy, publiée en 1802, un premier pas, très important, est fait vers le but atteint par Champollion vingt ans plus tard. Le fait qu'Akerblad n'ait pas réussi à faire de nouveaux progrès dans la voie où il s'était montré un si grand pionnier est dû à une préposition dont il n'a pu se libérer ; les mots déchiffrés par lui avaient été écrits alphabétiquement, et il croyait donc que l'écriture démotique était exclusivement alphabétique.

⁵⁰The story of the decipherment and the miraculous birth of Egyptology has been much told, but the narrative has been obscured by the rivalry between the two main participants, and aggravated by nationalistic sympathies. The work of other scholars, which was fundamentally important, has been repeatedly underplayed. (PARKINSON, 1999, p.31)

Le prochain grand progrès est dû à un Anglais, le célèbre Thomas Young, l'auteur de la théorie ondulatoire de la lumière. Homme d'une grande culture et d'intérêts variés, Young était toujours prêt à essayer une nouvelle énigme ; aussi, lorsqu'en 1814 une copie de la pierre de Rosette tomba entre ses mains, il s'attaqua au problème avec enthousiasme. Tout en approuvant les résultats d'Akerblad dans la mesure où ils étaient valables, il se rendit rapidement compte que le démotique regorgeait de signes qui ne pouvaient être expliqués comme étant alphabétiques. De plus, il comprit que les systèmes d'écriture démotique et hiéroglyphique étaient intimement liés. Remarquant que la section grecque était pleine de mots qui se répétaient, il s'en servit comme base pour diviser les trois sections en mots constitutifs, et il ne fallut pas longtemps pour que son vocabulaire grec-démotique s'élève à quatre-vingt-six groupes, dont la plupart sont corrects, bien que ses tentatives d'indiquer les sons dont ils sont composés et de trouver des équivalents coptes se sont révélées en général erronées. En 1816, il annonça de nouvelles découvertes obtenues à partir de matériaux autres que la pierre de Rosette. Il avait à ce moment identifié de longs passages sur des papyri (appartenant au Livre des Morts) écrits en hiéroglyphes et en hiératique, et avait ainsi établi l'équivalence des formes picturales et cursives des signes. Il était certain que le démotique et le hiéroglyphique se composaient en grande partie d'éléments phonétiques. Et après avoir démontré le fait, deviné bien avant par de Guignes et Zoega, que les cartouches ou "anneaux royaux" vus dans les hiéroglyphes contenaient les noms des rois et des reines, il identifia "très ingénieusement" mais plutôt par chance le cartouche de Bérénice en plus de celui connu de Ptolémée, et suggéra correctement qu'un autre cartouche devait être celui de Thoutmosis de la XVIII^e dynastie. Il a également signalé dans les hiéroglyphes les caractères alphabétiques pour le f et le t, ainsi que le "déterminatif" utilisé dans les textes tardifs pour les noms féminins, et a reconnu d'après les variantes dans les papyri que différents caractères pouvaient avoir les mêmes pouvoirs - bref, le principe de l'homophonie. Tout cela était mêlé à de nombreuses conclusions erronées, mais la méthode poursuivie conduirait infailliblement à un déchiffrement certain.

Entre-temps, Jean-François Champollion, le jeune savant français qui devait acquérir une gloire immortelle en tant que déchiffreur des hiéroglyphes, n'avait encore que peu de résultats positifs à enregistrer. Né à Figeac, dans le département du Lot, le 23 décembre 1790, Champollion s'intéresse très tôt à l'Égypte. Dès sa douzième année, il possédait déjà des rudiments d'hébreu et d'arabe et, à partir de ce moment, son enthousiasme pour tout ce qui est oriental, chaleureusement encouragé par son frère aîné Jacques Joseph Champollion-Figeac,

ne se démentit jamais. Sa maîtrise totale des matériaux disponibles lui permet d'étendre ses découvertes avec une rapidité et une sûreté qui dépassent de loin celles de ses contemporains.

Passons sur les premiers écrits de Champollion, dont le premier et le plus ambitieux fut la partie géographique, en deux volumes, d'un projet d'ouvrage encyclopédique intitulé *L'Égypte sous les Pharaons* (1814). Une étude approfondie lui avait apporté la conviction que les trois types d'écriture égyptienne n'étaient que des modifications les unes des autres, et lorsque, au cours de l'été 1821, il imprima sa brochure sur l'écriture hiératique, il n'eut aucune difficulté à convertir les groupes démotiques connus de lui en hiératique, et de là en hiéroglyphes. Le nom de Ptolémée en hiéroglyphes et en démotique lui était depuis longtemps familier grâce à la pierre de Rosette, et c'est à peu près à cette époque qu'il fit connaissance avec le papyrus démotique Casati, où il trouva et, comme nous l'assure son biographe, transcrivit immédiatement en hiéroglyphes un nom qu'il supposa à juste titre être celui de Cléopâtre. La confirmation de cette conjecture manquait cependant pour le moment. En 1815, W. J. Bankes, explorant le temple de Philae, avait découvert un bloc de base couvert d'inscriptions grecques en l'honneur de Ptolémée Physcon et des deux Cléopâtre, près d'un obélisque tombé qui semblait s'y trouver. Le socle et l'obélisque furent transportés en Angleterre en 1819 pour orner le parc de Bankes à Kingston Lacy. Une lithographie des inscriptions grecques et hiéroglyphiques fut réalisée pour Bankes en 1821, et au mois de janvier suivant, Leronne envoya à Champollion une copie avec la suggestion de Cléopâtre faite par Young et griffonnée par Bankes contre le cartouche.

Akerblad avait lu le nom démotique de Ptolémée en alphabétique, et Champollion, bien que toujours enclin à revenir à sa théorie incompatible du caractère purement symbolique des hiéroglyphes, avait prouvé, par son identification des signes démotiques avec ceux contenus dans le cartouche de Ptolémée, que les hiéroglyphes pouvaient aussi, au moins à l'occasion, être alphabétiques. Les mois qui suivirent apportèrent une abondance inattendue de ces résultats : parmi les cartouches successivement translittérés et identifiés se trouvaient ceux d'Alexandre, de Bérénice, de Tibère, de Domitien et de Trajan, ainsi que d'autres contenant des titres impériaux tels qu'Autocrator, César et Sebastos. Mais qu'en est-il de ceux qui appartiennent à des époques plus anciennes ? Les hiéroglyphes d'une époque antérieure étaient-ils aussi en partie alphabétiques, ou étaient-ils entièrement figuratifs, comme Champollion l'avait si souvent soupçonné ? C'est le 14 septembre 1822 qu'il reçoit de l'architecte Huyot des copies de bas-reliefs de temples égyptiens qui dissipent définitivement ses doutes. Il peut reconnaître les noms des pharaons Ramsès et Thoutmosis.

À partir de ce moment, chaque jour apporte sa nouvelle récolte. Ces découvertes, ainsi que d'innombrables autres, furent réservées au merveilleux *Précis du système hiéroglyphique*, qui parut en 1824. Les séjours prolongés à Turin et en Égypte occupaient une grande partie du reste de la courte vie de Champollion. Il meurt le 4 mars 1832, à l'âge précoce de 41 ans.

De nombreux égyptologues et linguistes étonnants ont complété le voyage de Champollion, comme Richard Lepsius, Samuel Birch, Heinrich Brugsch, Emmanuel de Rouge, Gaston Maspero, Adolf Erman, Henry Breasted, Griffith et Alan Gardiner.

Avec le travail ardu des spécialistes susmentionnés, traduire les hiéroglyphes est devenu une tâche relativement facile.

Alors comment savons-nous que ces traductions sont correctes ?

Dans certains cas, elles correspondent à la signification de mots dans d'autres langues anciennes que nous pensons comprendre.

Il y a probablement des erreurs. En fait, il est presque certain qu'il y en a, car certains glyphes ne sont toujours pas compris. Certaines parties des textes des pyramides n'ont pas vraiment de sens, tout comme certaines répliques des pièces de Shakespeare nous laissent perplexes : que voulait-il dire ? Dans les Contes de Canterbury de Chaucer, la plupart des locuteurs natifs de l'anglais peuvent à peine le comprendre ; un non-natif serait complètement perdu.

Pourtant, en essayant de donner aux poèmes la place qui leur revient dans la littérature mondiale, Gardiner et les traducteurs qui l'ont suivi ont dû faire face à des problèmes étonnamment insolubles, même dans le cas du simple quatrain cité plus haut - problèmes de déchiffrement, de grammaire, de vocabulaire et de cadrage culturel. L'examen de ces problèmes peut nous en apprendre beaucoup sur les choix qui doivent être faits lorsqu'une œuvre est transférée de son époque et de son lieu d'origine dans notre propre monde. (DAMSROCH, 2012, p.412, notre traduction)⁵¹

Notre compréhension de toute langue perdue qui n'est pas accompagnée d'un dictionnaire, d'un lexique et d'une littérature abondante peut donc être erronée.

Il est probable que les hiéroglyphes disposent de plus de ressources pour apprendre, car ils sont plus connus et plus largement étudiés que l'hiéroglyphique. Les hiéroglyphes sont une forme d'écriture pictographique utilisée par les anciens Égyptiens pour écrire leur langue. En comparaison, l'hiéroglyphique est une forme plus cursive des hiéroglyphes utilisée principalement

⁵¹And yet, as Gardiner and subsequent translators have tried to give the poems their rightful place in world literature, they have had to struggle with surprisingly intractable problems, even in the case of the simple quatrain quoted above – problems of decipherment, of grammar, of vocabulary, and of cultural framing. Attending to these problems can show us much about the choices that have to be made as a work is brought from its original time and place into our own world.(DAMSROCH, 2012, p.412)

pour écrire les textes religieux et administratifs, et elle est moins connue et moins étudiée que les hiéroglyphes. Cela signifie qu'il existe probablement plus de ressources pour apprendre les hiéroglyphes que l'hiératique.

Les hiéroglyphes ont probablement été inventés en premier, bien que l'hiératique ait été développée peu de temps après.

Les hiéroglyphes restent le principal symbole de l'Égypte ancienne. Ils sont faciles à lire, mais cela ne veut pas dire qu'ils sont faciles à déchiffrer.

Cependant, leur repérage a été long et coûteux. Pour le marquage solennel d'événements sur des monuments ou des artefacts, tels que des temples, des bâtiments royaux ou des stèles funéraires, ces signes étaient inscrits sur des supports durables à tout jamais. De ce fait, ils n'étaient pas adaptés à la vie quotidienne.

Aujourd'hui grâce à des logiciels comme JSesh, par exemple, il est désormais possible de dessiner facilement des hiéroglyphes sans utiliser de ciseau et de maillet.

Cependant, l'Égypte a eu la chance de disposer d'un autre système d'écriture.

Les signes hiératiques, comme l'écriture arabe, sont toujours écrits de droite à gauche, contrairement aux hiéroglyphes, qui peuvent être écrits de gauche à droite et vice versa (parfois les deux dans le même texte). Les signes peuvent également être écrits en segments, mais toujours de droite à gauche.

Le résultat dépend fortement de la main du scribe, comme c'est le cas pour toutes les écritures écrites à la main.

Les signes cursifs sont une version simplifiée des hiéroglyphes, ce qui leur confère un lien étroit. Cependant, il est souvent impossible de distinguer un hiéroglyphe d'un signe hiératique.

La différence entre le hiéroglyphe et le signe cursif du hibou est visible dans l'illustration ci-dessous. Les deuxième et troisième signes sont les mêmes que ceux du hibou hiéroglyphique :



Autre illustration du bateau hiéroglyphique :



Par la suite, il apparaît clairement que comparer un texte hiéroglyphique à des hiéroglyphes rend difficile l'idée de le déchiffrer.

En fait, il faut utiliser des tableaux de corrélation, qui montrent comment un hiéroglyphe et un signe hiéroglyphique sont liés. Un tel ouvrage existe depuis le début du 20e siècle.

Pour traduire les textes hiéroglyphiques, il faut d'abord convertir les signes en hiéroglyphes, plus faciles à manier aujourd'hui grâce à des logiciels comme JSesh.

JSesh est un éditeur de textes pour l'égyptien hiéroglyphique qui permet la saisie des signes hiéroglyphiques soit en utilisant les listes déroulantes prédéfinies, soit en saisissant le code phonétique du signe ou encore le code Gardiner.

Bien sûr, il est possible de traduire directement sans transcription, mais c'est beaucoup plus difficile.

Bien que certains signes présentent des similitudes avec les hiéroglyphes dont ils sont dérivés, la plupart d'entre eux ne se distinguent pas. Certains signes sont faciles à retenir, mais ils sont nombreux et chaque scribe écrit à sa manière. Par conséquent, nous ne pouvons pas éviter d'utiliser des tables de corrélation.

Ces tableaux sont extrêmement utiles. Elles sont dues à Georg Möller, un linguiste allemand qui a publié ses travaux sous le titre *Hieratische Paläographie* (1909). Bien que son organisation soit dépassée, cet ouvrage sert de référence actuelle.

L'examen des tableaux permet de retrouver le pictogramme de l'indication primaire du papyrus. Ce pictogramme, comme d'autres, est rangé dans une classification mondiale créée par Alan Gardiner au XXe siècle (après le travail de Möller).

Il est possible de traduire les hiéroglyphes, du moins ceux qui se trouvent au début des mots, pour qu'ils correspondent à une prononciation au moment de la transcription. Cette prononciation permet de les retrouver dans un dictionnaire. Le code Gardiner de ce signe doit être connu pour identifier le son dans les listes prévues à cet effet, comme celles qui figurent à la fin des dictionnaires.

	F2 : tête du taureau  E2 ; (dd3) ; var.  - h3t-l(w)f - poitrine
	F3 : tête d'hippopotame (3t) ; var.  F9,  - h3t- ^c - commencement ; h3.
	F4 : protome de lion (h3t, h3ty) ; I. front. 1 ; 97, 15 ; Ptah. 42) ; h3t- ^c
	F5 : tête d'antilope bubale (šš3, šš3, šš3w accomplie (Ptah. 42) ; h3t- ^c ↓
	\ Z5 ; var. de  F2, après l'Ancien Etr (RB 64, 4 ; Urk. IV, 1244, 1
	F6 : protome d'antilope bubale ; var. de } pour la première fois depuis que ,
	F7 : tête de bélier (šft, šfyt, šššft) ; var.  pl. 6 36-37) ; h3t- ^c m sb3yt, de
	- h3ty- ^c - prince local,

Le travail à partir du document de G. Möller nécessite une série de recherches longues et fastidieuses. Raison pour laquelle peu d'égyptologues s'attaquent à la transcription des textes hiéroglyphiques.

Le processus de traduction serait facilité si toutes les informations importantes étaient contenues dans le même document. Et cela a créé l'initiative de Jean-Paul Crosefinte qui a publié *Actualisation de l'ouvrage de GEORG MÖLLER Hieratische Paläographie - Tome I* (2021), dont le but " [...] est de mettre de l'ordre et rassembler dans un même tableau des informations jusqu'à présent dispersées. " (Crosefinte, 2021, p. 1).

Pour ce qui est des recommandations pour la traduction des textes issus de la littérature de l'Égypte antique nous pouvons nous tourner vers l'expertise de Faiza Haykal.

Faiza Haykal est professeur émérite d'égyptologie à l'université américaine du Caire (AUC). Elle a été la première femme égyptienne à obtenir un doctorat en égyptologie et la première femme présidente de l'Association internationale des égyptologues. Haykal a également été la première Égyptienne à travailler en Nubie lors de la sauvegarde des monuments menacés par la construction du barrage d'Assouan. Elle a été honorée par la Société d'exploration de l'Égypte, basée en Grande-Bretagne, et par le ministère égyptien des antiquités pour son illustre carrière dans le domaine de l'égyptologie. Elle a donné de nombreuses conférences en Amérique du Nord et du Sud, en Europe, en Extrême-Orient et en Afrique.

Il y a deux ans, elle a présenté une téléconférence publiée sur la chaîne youtube de l'Université américaine au Caire où elle discute de la traduction des textes littéraires issus de

l'Égypte antique⁵². Elle y explique que la traduction de la littérature égyptienne ancienne, en particulier des poèmes d'amour, présente plusieurs défis. La langue égyptienne ancienne est riche en métaphores, en sons et en éléments textuels qui sont difficiles à transmettre dans les langues modernes. Les différences culturelles et régionales entre l'Égypte ancienne et les langues cibles posent également des problèmes importants. En outre, la langue égyptienne ancienne a laissé une documentation écrite si abondante qu'il serait impossible de la couvrir entièrement.

Pour une bonne traduction de la littérature égyptienne ancienne, Mme Haykal suggère aux traducteurs d'essayer de visualiser les images et la culture véhiculées dans le texte, ce qui n'est pas une tâche facile. Elle souligne également l'importance de comprendre l'esprit, les sons et les métaphores de la langue égyptienne ancienne. Elle pense que l'étude de l'arabe égyptien moderne pourrait être bénéfique pour les égyptologues, car elle les aiderait à mieux comprendre l'Égypte ancienne.

Mme Haykal mentionne également que des tentatives de traduction de la littérature égyptienne ancienne ont eu lieu, mais que certains aspects sont intraduisibles en raison des différences culturelles et linguistiques. Elle note également que certaines traductions s'inspirent davantage des textes originaux qu'elles ne sont des traductions directes.

En termes de recommandations, Mme Haykal suggère que les traducteurs incluent des notes de bas de page pour tout ce qui est similaire à l'arabe, car de nombreux mots de l'égyptien ancien sont similaires à l'arabe classique et à l'arabe familier. Elle estime également que les équipes internationales, composées d'étrangers et d'Égyptiens, devraient travailler ensemble sur les traductions, car elles peuvent attirer l'attention de chacun sur les différents aspects de la langue et de la culture.

⁵²https://youtu.be/7MZ6K_Wkrlo

6 ANALYSES DES TRADUCTIONS

6.1 ANALYSES DES TRADUCTIONS PAR AYI KWEI ARMAH ET ALAN H GARDINER

L'implication d'Ayi Kwei Armah dans la traduction et la publication de poèmes d'amour de l'Égypte ancienne par le biais de sa maison d'édition, Per Ankh, offre une perspective fascinante sur le domaine de la production. Nous pouvons examiner l'expérience d'Armah et tenter de mettre en lumière les dynamiques en jeu dans la production de ses traductions.

Lorsque nous nous penchons sur la version en anglais traduite par Armah, il est tout de suite évident qu'il a de l'expérience en traduction et en production littéraire. En effet, il a commencé à traduire depuis 1963 et son premier roman a été publié en 1968. Il a également écrit un livre sur l'apprentissage des hiéroglyphes et c'est lui qui a créé la maison d'édition Per Ankh qui a publié le livre dans lequel se trouvent les traductions que nous analysons.

Nous pouvons donc affirmer que même si il semble que la traduction n'est pas sa profession première, le développement de son habitus de traducteur a été influencé par les facteurs externes de son domaine qui est l'écriture de romans, poèmes et scénarios. En effet, d'un point de vue macro-textuel, la traduction est fluide, le texte est facile à lire en utilisant un lexique relativement accessible à tout lecteur anglophone. Les décisions qu'il a prises ont eu pour but de rendre le sens plus clair dans les textes cibles, la poétique du champ littéraire africain, dans lequel les écrivains utilisent un vocabulaire et des expressions simples. Simples, non pas dans le sens où il infantilise le public cible, mais plutôt dans le sens recréer le dialogue entre les deux amoureux avec des phrases que deux personnes éloquentes useraient dans une situation contemporaine. La décision d'Armah de s'engager dans des traductions multilingues de poèmes d'amour de l'Égypte ancienne démontre son engagement à franchir les barrières linguistiques et culturelles. En traduisant ces poèmes en anglais, il permet à un public plus large d'accéder et d'apprécier la beauté et la sagesse contenues dans les textes anciens. Cet acte de traduction est une intervention délibérée dans le domaine de la production culturelle, Armah se positionnant comme un médiateur entre la culture égyptienne ancienne et les lecteurs contemporains. Car il faut rappeler que le texte est vieux de plusieurs milliers d'années et l'interprétation n'est pas seulement culturelle mais aussi temporelle.

La mission panafricaine qu'Armah s'est donné peut également se sentir dans la traduction. Étant un auteur acclamé par des grands auteurs de la littérature africaine comme Chinua Achebe, il est sûrement familier avec l'usage de certains codes de la littérature africaine comme les proverbes, les mots vernaculaires, les homophones etc. mais il n'en fait pas usage car cela limiterait la compréhension par le public cible. En termes bourdieusiens, on pourrait dire que son action a été influencée par son habitus individuel, en ce sens qu'en évitant l'usage de certains codes, nous pourrions considérer cela comme le résultat de la façon dont son milieu social a façonné sa perception de ce qui est efficace ou pas. En effet, l'usage excessif de certains de ces codes pourrait régionaliser sa traduction. Le but du livre étant de disséminer un texte de l'Égypte antique traduit par des africains prenant en compte son origine africaine, il serait contreproductif de confiner le texte à un groupe restreint.

Mais son expérience en tant qu'écrivain panafricain et le fait qu'il ait créé la maison d'édition qui a publié lui donne un crédit social qui lui permet d'expérimenter et de faire preuve de créativité.

Outre l'acte de traduction, l'implication d'Armah dans la mise en page des livres renforce sa position en tant que producteur de capital culturel. En tant qu'auteur et éditeur, il contrôle la présentation physique des poèmes, y compris la conception, la typographie et l'esthétique générale des publications. Ce souci du détail n'améliore pas seulement l'expérience de lecture, mais ajoute également à la valeur symbolique des livres. En veillant à ce que la présentation corresponde à sa vision artistique, Armah consolide son rôle de producteur légitime et faisant autorité dans le domaine de la production culturelle.

En effet, dès les indications en début de livre nous découvrons qu'il était en charge de la mise en page du livre. Ce qui a donné cette belle apparence des pages où les différentes traductions sont toutes présentes sur la même page en même temps. Nous pensons que cette mise en page a été pensée pour montrer la pluralité linguistique de l'Afrique et exposer le lecteur à toutes les versions disponibles. Une fois de plus, nous pouvons dire que son action a été influencée par sa perception d'une mission panafricaine et tout ce qui peut aider à accomplir cette mission.

Les traductions d'Armah de poèmes d'amour de l'Égypte ancienne peuvent être considérées comme une forme de capital symbolique qu'il accumule dans ce domaine. En s'engageant activement dans le matériel source et en y ajoutant sa propre interprétation créative, il se distingue en tant que traducteur compétent et expérimenté. Cette accumulation de capital

symbolique renforce sa réputation et son autorité en tant que producteur culturel, l'établissant comme une figure notable dans le domaine de la culture.

En outre, l'engagement d'Armah envers Per Ankh en tant que maison d'édition souligne son désir d'indépendance et de contrôle sur le processus de production. En établissant sa propre plateforme d'édition, il affirme son autonomie sur la diffusion de ses traductions et s'assure qu'elles sont présentées d'une manière qui correspond à sa vision artistique. Cette approche indépendante remet en question les structures de pouvoir établies dans le domaine et permet à Armah d'exercer un plus grand contrôle sur les produits culturels qu'il produit.

Grâce à ses traductions multilingues, à son engagement créatif avec le texte source et à son implication dans la mise en page des livres, Armah se positionne comme un producteur légitime de capital culturel. Ses contributions au domaine de l'égyptologie et la création de Per Ankh témoignent de son autonomie et de son désir de défier les structures de pouvoir établies.

L'aspect linguistique des traductions d'Armah, présentées en anglais, soulève des considérations intéressantes. L'anglais est une langue associée à l'héritage colonial et le choix de présenter les traductions en anglais peut être considéré comme un engagement intentionnel dans le domaine linguistique, reflétant les tensions actuelles entre le patrimoine culturel africain et l'héritage du colonialisme.

Les traductions multilingues ne sont pas une nouveauté mais c'est la première fois que nous nous retrouvons face à une mise en page comme celle créée par Armah. Et même si la mission esthétique est réussie, en tant que traducteur nous y voyons deux failles : la première est l'impossibilité d'utiliser des paratextes et plus particulièrement des notes de bas de pages ; la seconde est la fluidité de la lecture pour le lecteur final.

Les paratextes sont des outils importants pour les traducteurs et représente une stratégie dans laquelle le sens des mots est expliqué dans le contexte ou par des notes de bas de page ou de fin de texte.

Le traducteur utilise cet outil pour inclure des informations qu'il considère comme intéressantes ou importantes pour le lecteur, mais qui, pour une raison ou une autre, ne peuvent pas être incluses dans le texte principal. Les notes du traducteur font entendre la voix du traducteur qui s'adresse directement au lecteur, rendant le traducteur visible au lecteur tout en interrompant le flux de la lecture. (BUENDIA, 2013, p.150, notre traduction)⁵³.

⁵³The translator uses this tool to include information he or she considers to be of interest or importance to the reader, but which, for one reason or another, cannot be included in the main text. Translator's notes make the translator's voice heard as he or she speaks directly to the reader, making the invisible translator visible to reader whilst interrupting the flow of reading.(BUENDIA, 2013, p.150)

Il est fort possible que la plupart des traducteurs du livre n'aient pas traduit le texte original mais cela ne les empêche pas d'avoir un message à faire passer au lecteur lorsque le besoin se fait ressentir. Dans les traductions littéraires, on a observé une tendance à utiliser les notes de fin de document dans les traductions de poésie et de pièces de théâtre, alors qu'on a tendance à utiliser les notes de bas de page dans les traductions d'œuvres en prose.

Et placer les notes à la fin du livre rejoint la seconde faille que nous avons soulevée qui est la fluidité de la lecture : avoir à se référer fréquemment aux notes à la fin de l'ouvrage crée une rupture qui est préjudiciable à l'immersion du lecteur. Il ne peut pas être imposé au lecteur d'interrompre sa lecture pour consulter les notes à la fin du livre pour comprendre ce que voulait dire le traducteur. Spécialement avec un texte aussi ancien, les traducteurs auront forcément des commentaires à faire.

Dans le domaine des études de traduction, il est intéressant d'examiner l'apport de Toby Wilkinson à travers son livre intitulé « *Writings from Ancient Egypt* » publié en 2016. Dans cet ouvrage, l'auteur offre au lecteur une préparation approfondie en fournissant des explications sur les différentes techniques de traduction utilisées, telles que l'utilisation de parenthèses, d'ellipses et de l'italique. Cette présentation des conventions du traducteur permet une immersion plus aisée dans la lecture, en facilitant la compréhension du texte. Cependant, Wilkinson va au-delà de la simple traduction en fournissant également des informations contextuelles plus explicites sur la culture ancienne. Ces informations complémentaires sont présentées sous forme de notes à la fin du poème ou du texte, permettant ainsi aux lecteurs de saisir pleinement le contexte culturel dans lequel s'inscrivent les écrits étudiés. Ainsi, l'ouvrage de Wilkinson offre une double contribution aux études de traduction en abordant à la fois les aspects techniques de la traduction et les éléments culturels associés.

Bien que les notes de traducteurs soient un instrument important pour l'analyse des traductions, elles ne sont pas indispensables lorsque le produit final est destiné à un plus large public. Dans le cas du livre que nous étudions, l'usage de notes, même en fin d'ouvrage pourrait très vite dégénérer si tous les traducteurs (rappelons qu'il y en a 12) décidaient d'ajouter leurs notes. Ce qui auraient augmenté le volume du livre et ajouter aux frais d'impression.

Il est évident qu'Armah avec son expérience de traducteur sait à quel point les éléments de paratextes et fluidité de la lecture sont importants mais il a choisi le côté esthétique au côté pratique. Nous affirmons que son habitus de traducteur a été outrepassé par son rôle d'éditeur parce que l'habitus est de nature hétérogène, et l'habitus acquis dans un autre domaine peut provoquer une action dans un domaine spécifique.

Figure 2 – Mise en page des traductions

HIEROGLYPHS	
TRANSLITERATION	<i>r(a)w nw ta skhmkht-ib eat</i>
AKAN	Dɔɔ amapa ho anwonsem
BAMBARA	N balimamuso kelennin
ENGLISH	On Love Sublime
FRANÇAIS	Du grand amour
HAUSA	A kan mafificin jin daji
KIKONGO	Za nkunga'a nzola yilutidi
KISWAHILI	Kuhusu upendo mkubwa
PORTUGUÊS	Do amor supremo
PULAAR	E jimol gilli mawdii
WOLOF	Taalifu mbëggéel bu mag bi
YORUBA	ìfẹ̀-àtinúwá gígá jù lo
isiZULU	Ngentokozo enkulu

Source : Image scannée du livre SKHMKHT EA ON LOVE SUBLIME (2018)

Sir Alan Henderson Gardiner (1879-1963) était un égyptologue et linguiste anglais estimé. Il était réputé pour ses recherches approfondies sur l'Égypte ancienne, en particulier pour ses contributions à l'étude de la langue et de l'écriture égyptiennes anciennes. Gardiner a fait ses études au Queen's College d'Oxford, où il a obtenu une licence en hébreu et en arabe avec les honneurs de la première classe en 1901.

Les principales contributions de Gardiner au domaine de l'égyptologie comprennent l'identification d'une écriture hiéroglyphique inconnue, le plus ancien alphabet sémitique connu, lors de ses travaux à Serabit el-Khadim dans la péninsule du Sinaï en 1915.

Au cours de sa carrière, Gardiner a reçu de nombreuses distinctions et récompenses académiques. Son héritage dans le domaine de l'égyptologie est considérable et ses contributions à l'étude de la langue et de l'écriture égyptiennes anciennes sont encore aujourd'hui très appréciées par les chercheurs.

Alan H. Gardiner était un égyptologue, linguiste, philologue et chercheur indépendant anglais qui a traduit d'anciens poèmes d'amour égyptiens. Au sens bourdieusien, le champ de production de ses traductions peut être analysé en termes de capital culturel et de pouvoir symbolique qu'il possédait en tant que chercheur dans le domaine de l'égyptologie. La théorie du capital culturel de Bourdieu suggère que les individus qui possèdent des connaissances et des compétences culturelles ont un avantage dans la société, car ces connaissances sont valorisées et récompensées par les institutions de pouvoir. Dans le domaine de l'égyptologie, les poèmes de Gardiner étaient appréciés, car ils donnaient un aperçu de la culture et de la langue de l'Égypte ancienne. Les traductions de Gardiner et particulièrement ses travaux sur la grammaire de l'Égypte antique qui sont toujours utilisés de nos jours lui ont également conféré un pouvoir symbolique dans le domaine de l'égyptologie. Ce pouvoir fait référence à la capacité des individus ou des groupes à façonner les perceptions et les croyances des autres. En tant qu'érudit très respecté dans le domaine de l'égyptologie, les traductions de Gardiner auraient été perçues comme faisant autorité et influentes. Ses traductions ont contribué à façonner la manière dont les chercheurs et le grand public ont compris la culture et la langue de l'Égypte ancienne.

En ce qui concerne le processus de traduction lui-même, les traductions par Gardiner des poèmes d'amour de l'Égypte ancienne ont exigé des notions solides de la langue et de la culture de l'Égypte ancienne. Ces connaissances ont été acquises après des années d'études et de recherches, et ont été reconnues et appréciées par d'autres spécialistes du domaine. Les

traductions de Gardiner ont également nécessité un certain niveau de créativité et d'interprétation, car la langue et la culture de l'Égypte ancienne sont très différentes de celles de l'anglais moderne.

Dans l'ensemble, le champ de production des traductions de Gardiner des poèmes d'amour de l'Égypte ancienne peut être analysé en termes de capital culturel et de pouvoir symbolique qu'il possédait en tant qu'érudit dans le domaine de l'égyptologie. Ses traductions auraient été très appréciées et influentes, et auraient nécessité une connaissance approfondie de la langue et de la culture de l'Égypte ancienne.

Au sens bourdieusien, le champ de production de ses traductions peut être analysé en termes de stratégies et de méthodes qu'il a utilisées pour recréer les textes originaux dans une langue et un contexte culturel différents. Les traductions de Gardiner peuvent être considérées comme un exemple de la stratégie de stylisation historique, qui consiste à rendre en traduction le style de textes historiquement éloignés.

Cette stratégie vise à créer un sentiment d'intemporalité et d'authenticité dans le texte traduit, tout en le rendant accessible aux lecteurs modernes. Les traductions de Gardiner peuvent également être analysées en fonction du degré d'extranéité ou de domestication qu'il a employé. L'étrangéisation consiste à préserver le caractère étranger du texte original, tandis que la domestication consiste à rendre le texte plus familier au public cible.

Les traductions de Gardiner ont vu le jour dans le domaine spécifique de l'égyptologie, qui englobait les chercheurs, les institutions et les pratiques liées à l'étude de l'Égypte ancienne. Dans ce domaine, il existe une hiérarchie de prestige, où certains individus et certaines approches jouissent d'une plus grande autorité et d'une plus grande influence. Gardiner, en tant qu'éminent égyptologue britannique, occupait une position de pouvoir et de légitimité considérable dans ce domaine. Son expertise de la langue égyptienne ancienne et des hiéroglyphes lui conférait un capital symbolique qui renforçait sa réputation et son autorité en tant que traducteur.

En outre, le domaine universitaire de l'égyptologie s'inscrivait dans un contexte socioculturel plus large. La toile de fond historique du colonialisme et de l'impérialisme a façonné la dynamique de la production de connaissances dans ce domaine. À l'époque de Gardiner, l'égyptologie était liée aux intérêts coloniaux, les puissances européennes exerçant un contrôle sur les artefacts et le patrimoine culturel égyptiens. Ce contexte a influencé les types de textes traduits, la manière dont ils ont été interprétés et les récits construits autour d'eux.

Les traductions de Gardiner peuvent également être analysées en relation avec la dynamique interne du domaine de l'égyptologie. Au sein de ce domaine, il y avait des débats, des rivalités et des luttes de pouvoir entre les chercheurs. Ces luttes internes ont façonné les choix et les approches adoptés par les chercheurs individuels. Les traductions de Gardiner, influencées par sa propre expertise linguistique et son cadre d'interprétation, représentaient une perspective spécifique dans ce domaine contesté. Ses choix de traduction, tels que l'utilisation d'un langage archaïque ou le respect du texte original, reflètent sa propre position et son engagement dans le discours académique de son époque.

Le concept d'*habitus* de Bourdieu peut éclairer les traductions de Gardiner. L'*habitus* de Gardiner, développé par son éducation, sa formation et son engagement dans le domaine de l'égyptologie, a influencé son approche de la traduction. Son bagage linguistique et sa connaissance de la grammaire de l'égyptien ancien ont influencé ses stratégies de traduction, façonnant les choix spécifiques qu'il a faits.

Dans le domaine des études de traduction, une observation pertinente concerne les différences entre les diverses traductions en anglais, et notamment l'attention particulière accordée à ce poème par Gardiner. En effet, Gardiner consacre un chapitre entier à ce poème, dans lequel il offre une introduction détaillée, mettant en lumière le cadre culturel du texte source. Cette approche permet dès le départ au lecteur de comprendre l'origine de ces poèmes, ou chants d'amour selon Gardiner, ainsi que la raison pour laquelle les termes « frère » et « sœur » sont utilisés tout au long du texte.

De plus, Gardiner partage des informations précieuses sur les différences entre les textes du papyrus Chester Beatty et les textes découverts antérieurement. Cette analyse, bien que succincte, est hautement appréciée par les chercheurs en égyptologie, mais aussi par ceux s'intéressant à la traduction. Il convient de souligner que le livre de Gardiner semble initialement destiné à un public académique, comme en témoignent l'utilisation régulière de notes de bas de page et de références académiques.

Comme nous l'avons mentionné précédemment, Gardiner est le premier, et peut-être le seul, à avoir déchiffré le texte original de l'hiéroglyphique vers les hiéroglyphes, ce qui lui a permis de produire la première traduction du texte original en anglais. Par conséquent, ses notes revêtent une importance considérable pour la compréhension du processus de traduction et pourraient aider à mieux appréhender les choix qu'il a dû faire.

En étudiant les travaux de Gardiner, nous sommes en mesure d'apprécier l'impact significatif de ses recherches dans le domaine de la traduction, notamment dans le contexte de

l'égyptologie. Son approche détaillée et ses notes fournissent un aperçu précieux du processus de traduction, et permettent aux chercheurs et aux étudiants de mieux comprendre les enjeux et les défis auxquels il a été confronté. Ainsi, l'ouvrage de Gardiner constitue une ressource essentielle pour approfondir nos connaissances en matière de traduction et d'égyptologie.

Dans le contexte de la version de Gardiner on note également l'utilisation d'un style archaïque dans l'écriture du poème. L'usage de verbe comme "hath" ajoute un ton archaïque et poétique à la description des attributs et des possessions du sujet. Il contribue au style général et à la langue du poème, pour refléter les conventions linguistiques de l'époque à laquelle il a été composé.

Lors de la traduction d'un texte ancien, tel qu'un poème d'amour égyptien, les traducteurs font souvent des choix délibérés pour maintenir un certain niveau d'authenticité linguistique et stylistique afin de refléter le contexte d'origine. L'utilisation de formes archaïques ou dépassées de verbes, comme "hath" au lieu de "have", peut être l'un de ces choix faits par les traducteurs pour les raisons suivantes :

- Préserver l'exactitude historique : en employant des formes verbales archaïques, les traducteurs cherchent à capturer le style linguistique du texte original et à évoquer l'atmosphère de l'époque à laquelle il a été écrit. Cette approche permet de conserver un sentiment d'exactitude historique et d'authenticité dans la traduction.

- Refléter le ton poétique : l'utilisation de formes verbales archaïques peut conférer un ton poétique et élevé au texte traduit. Il ajoute une touche d'antiquité et un sentiment d'intemporalité, renforçant ainsi les qualités esthétiques et littéraires globales du poème.

- Créer un sentiment de distinction : En utilisant un langage archaïque, les traducteurs peuvent chercher à différencier l'œuvre traduite des textes modernes et à souligner son statut de relique d'une autre époque. Cela permet à la traduction de se démarquer, en soulignant son lien avec le monde ancien.

Il est important de noter que le choix d'utiliser des formes verbales archaïques est une décision délibérée prise par le traducteur en fonction de son interprétation et des objectifs de la traduction. Il s'agit de capturer l'esprit et les nuances du texte original, plutôt que d'adhérer strictement aux normes grammaticales contemporaines.

En général Gardiner utilise des formes verbales archaïques telles que " troubleth ", " maketh " et " hath ", reflétant un style d'anglais plus ancien. Son texte présente un style plus poétique et archaïque, avec des phrases fragmentées et un rythme distinct. Il présente le titre de chaque strophe comme " STANZA THE SECOND ", soulignant une structure formelle et

indiquant peut-être l'utilisation d'une forme poétique spécifique. La traduction tend vers une représentation plus fidèle du texte original en termes de grammaire et de style, évoquant le contexte égyptien ancien à travers un langage archaïque.

En traduction, le langage archaïque peut être utilisé pour préserver le contexte historique et la langue du texte original. Cependant, l'utilisation d'un langage archaïque peut poser des problèmes aux lecteurs modernes qui peuvent ne pas comprendre le sens de certains mots ou de certaines phrases.

C'est probablement pour cela qu'Armah a décidé de traduire en anglais moderne. Le traducteur a utilisé des mots et une grammaire modernes pour transmettre le sens du texte original. Il utilise un langage simple et direct pour transmettre les émotions des protagonistes. L'utilisation de l'anglais moderne dans la traduction rend le poème plus accessible. Armah utilise des structures de phrases plus contemporaines et un langage plus fluide, une stratégie de traduction plus dynamique et adaptative, visant à la lisibilité et à la capture du message du poème original dans un style anglais contemporain. Ceci donne la priorité à la lisibilité et à l'accessibilité pour un public moderne tout en transmettant les émotions et les thèmes du poème.

Avant d'en arriver à l'analyse micro-textuelle qui compare certains choix que Armah a fait dans sa traduction à ceux de Alan Gardiner, il est intéressant d'observer comment l'habitus d'un écrivain et éditeur peut avoir un impact sur le texte final. C'est le cas dans la traduction réalisée par Armah, où son expérience en tant qu'écrivain et éditeur se manifeste de manière significative. Le poème étudié se présente comme un dialogue entre deux jeunes amoureux, un jeune homme et une jeune femme, chaque strophe étant racontée alternativement par l'un des deux protagonistes.

Pour marquer cette alternance des interlocuteurs à chaque strophe, Armah a fait un choix créatif en utilisant l'italique pour les strophes contées par le protagoniste féminin. Cette typographie distinctive permet au lecteur de distinguer intuitivement les paroles de chaque personnage. Ce choix judicieux renforce la compréhension du texte, d'autant plus qu'il n'y a pas de paratextes explicatifs qui décrivent la dynamique de la conversation.

Cette décision de mise en forme est révélatrice de l'habitus d'Armah en tant qu'écrivain et éditeur. Son expérience préalable dans la création et la publication de textes lui permet de manipuler les éléments visuels du texte afin de faciliter la lecture et la compréhension. En tant que traducteur, Armah utilise ainsi sa sensibilité artistique pour enrichir la réception du poème, tout en respectant le message et les dynamiques originales du texte source.

d'abandonner l'idée de voir la personne en question. L'utilisation des guillemets et du discours direct ajoute un ton conversationnel, puisque les paroles de la mère sont directement citées.

Le choix des mots et de la structure de la deuxième phrase révèle une description plus nuancée du point de vue de la mère. L'expression "no doubt" suggère un degré élevé de certitude et de confiance dans la sagesse de la mère, ce qui renforce l'autorité de son avertissement.

Armah décide d'allonger le texte, cela pourrait être un choix stylistique pour mettre l'emphase sur les recommandations de la mère du protagoniste. Cette emphase donne plus de poids aux paroles de la mère et montre au lecteur un obstacle à l'amour des protagonistes. Mais cela pourrait être dû au fait que Yoporeka Somet qui était chargé de préparer le texte original a dupliqué le vers original qui est montré sous la forme d'hiéroglyphes dans le livre. Ce choix de dupliquer le vers original est un choix pour pouvoir ajouter le second sens du vers original.

Dans l'ensemble, si les deux phrases transmettent le message selon lequel la mère conseille de ne pas voir le frère, la deuxième phrase fournit davantage de contexte et de développement du personnage en incluant le discours direct de la mère et en mettant l'accent sur sa sagesse. Ces différences de ton, de structure et de choix de mots ont un impact sur la représentation des conseils de la mère, évoquant un sentiment d'autorité et de conviction dans la deuxième phrase.

- iii) AHG: I put no paint upon mine eyes,
AKA: I no longer dab kohl on my eye,

Le terme "kohl" choisi par Armah dans sa traduction reflète son expérience dans le domaine littéraire africain. Les écrivains africains travaillant dans des langues européennes sont connus pour incorporer des mots de leurs langues maternelles, recourant au mélange et à l'échange de codes lorsque certains mots ou expressions n'ont pas d'équivalents dans les langues européennes et sont intraduisibles dans les langues dans lesquelles ils écrivent. Cependant, "kohl" n'est pas un mot africain vernaculaire, bien qu'il ait pu être assimilé au fil du temps, de la même manière que certains mots portugais ont été ajoutés à la langue vernaculaire des peuples Ewé et Guin de la côte ouest-africaine. Les mots empruntés persistent souvent dans les langues africaines, comme le montrent des exemples tels que l'adoption de noms commerciaux par les marchands locaux à la suite des rencontres entre les Ghanéens et les Européens. L'utilisation continue de mots empruntés illustre leur pérennité dans les langues africaines.

"Kohl" est un mot arabe utilisé depuis plus de 5 000 ans dans diverses régions d'Afrique. Il désigne une substance noire utilisée pour dessiner le contour des yeux, une pratique popularisée par les fresques et les statues de l'Égypte ancienne. Cette méthode d'embellissement des yeux avec une substance noire est encore pratiquée aujourd'hui en Afrique et dans d'autres parties du monde. Les écrivains africains travaillant dans des langues européennes ont tendance à utiliser plus d'une langue dans leurs écrits, reflétant ainsi la nature multilingue de leurs sociétés. L'utilisation du mot par Armah peut avoir été influencée par sa longue expérience de vie dans des régions d'Afrique à forte population musulmane, où il aurait été exposé au concept de "khol". On peut affirmer que son choix dans ce cas a été façonné par son habitus individuel, car son interprétation du texte source a été influencée par ses expériences passées, qui ont contribué à façonner sa perception de la réalité à laquelle il a été confronté au cours du processus de traduction.

Cette expérience lui a permis de transmettre une image entière à travers un seul mot dans sa traduction, ce qui lui a permis de préserver la tradition et le système de croyances de la société de l'auteur, ainsi que la vision culturelle du monde du public cible. L'utilisation de "khol" capture l'essence de la pratique et porte les connotations culturelles qui y sont associées, servant ainsi d'outil puissant pour évoquer des images et des émotions spécifiques.

- iv) AHG Bide not, but get thee home,
 AKA "Don't just stay there. Go in to him"

Les deux phrases diffèrent par le ton et les choix linguistiques. La première phrase, "Bide not, but get thee home", utilise un langage archaïque et emploie le verbe "bide" pour signifier "stay" ou "remain". Ce choix confère à la phrase un caractère formel et démodé, reflétant un registre plus traditionnel ou poétique. L'impératif "get thee home" ordonne à quelqu'un de rentrer chez lui, ce qui suggère un sentiment d'urgence ou de nécessité.

En revanche, la deuxième phrase, "Don't just stay there. Go in to him", utilise un langage plus contemporain et un ton direct et conversationnel. L'expression "Don't just stay there" implique une critique de l'inaction ou de l'hésitation, encourageant la personne à agir. L'ajout de "just" souligne la nécessité d'un mouvement ou d'un engagement. L'ordre "Go in to him" indique que la personne doit s'approcher ou entrer dans l'endroit où se trouve l'autre personne, ce qui suggère une approche plus directe et plus affirmée.

La première phrase, avec son langage archaïque et son ton formel, peut évoquer un sens de la tradition ou refléter un contexte culturel spécifique. Elle pourrait impliquer un cadre

plus traditionnel ou poétique, soulignant l'importance du respect des normes sociales ou des obligations. En revanche, le langage contemporain et le ton conversationnel de la deuxième phrase peuvent trouver un écho auprès d'un public moderne, en soulignant la nécessité d'un engagement actif et d'une communication directe.

- v) AHG Mine eye ...(.?)
 AKA Multitudes would do the same.

La phrase "Mine eye ...(.?)" est incomplète et la partie manquante crée une ambiguïté, laissant le lecteur dans l'incertitude quant au sens voulu. Cette ambiguïté est un choix délibéré : Gardiner s'est retrouvé devant une situation d'intraduisibilité. Dans ses notes de bas de page, il en parle brièvement et mentionne que la traduction littérale (my eye many in likeness) était inintelligible mais il n'explique pas son choix. Cela invite le lecteur à compléter l'information manquante sur la base du contexte ou d'une interprétation personnelle laissant place à la spéculation.

En revanche, la phrase "Des multitudes feraient de même" est complète et énonce clairement la situation. Elle indique que de nombreuses personnes s'engageraient dans une action similaire ou partageraient le même sentiment que le locuteur. Cette phrase suggère une observation plus générale ou une vérité universelle, impliquant un sentiment de comportement ou de réponse collective. Le choix d'utiliser le mot "multitudes" met l'accent sur l'idée d'un grand nombre d'individus, renforçant le sentiment de communauté ou d'expérience partagée.

La gestion de l'ambiguïté et la représentation d'un comportement collectif ou d'expériences partagées contribuent au ton général, à l'atmosphère et au message du texte.

- vi) AHG If only (thy) mother had known my heart;
 AKA If only mother understood my love!

Ces deux phrases, expriment des sentiments similaires, mais différent par leur orientation et leur ton. La première met l'accent sur la connaissance que la mère du locuteur n'a pas de ses sentiments les plus intimes. L'utilisation du verbe "known" suggère une compréhension ou une conscience plus profonde que le locuteur souhaite que sa mère possède. L'inclusion du pronom possessif "thy" qui est un ajout de Gardiner, met l'accent sur la mère du protagoniste qui devrait faire la demande de la main de la protagoniste si elle connaissait les sentiments de la sœur. Ceci rend la sœur et son entourage passif dans le processus de séduction.

En revanche, la deuxième phrase, "If only mother understood my love!", met l'accent sur l'amour de la locutrice et sur la compréhension qu'elle souhaite que sa mère ait.

L'accent mis sur la connaissance spécifique par rapport à la compréhension générale, ainsi que l'utilisation de pronoms possessifs, façonnent le ton et la profondeur de l'expression. Les décisions du traducteur concernant ces différences jouent un rôle crucial dans la transmission du sens voulu et la capture des nuances émotionnelles inhérentes au texte.

vii) AHG To make the brother look upon me in the night.

AKA To let me see the brother in the beauty of the night.

La première phrase met l'accent sur le fait que le locuteur cherche activement le regard du frère, ce qui suggère un désir d'attirer son attention ou de gagner son affection. Le verbe "make" implique une action délibérée de la part du locuteur pour capter l'attention du frère mais toujours dans une tentative de séduction passive.

En revanche, la deuxième phrase met l'accent sur l'expérience et la perception du locuteur. Elle exprime le désir de contempler la présence du frère et d'admirer sa beauté dans le contexte de la nuit.

L'accent mis sur l'action et la poursuite active, par opposition à l'observation et à l'appréciation passive, façonne le ton et la profondeur de l'expression.

iiix) AHG The magicians, no resource is in them;

AKA As for ritual diviners, they have no solution.

Les phrases ont en commun d'exprimer un manque de capacité ou d'efficacité au sein de certains groupes d'individus. Cependant, elles diffèrent dans leur référence et leurs implications spécifiques.

Armah montre son expérience du champ littéraire africain en utilisant l'expression "ritual diviners". La divination est un rituel qui vise à interpréter les événements présents et à prédire l'avenir en observant des signes. On pourrait l'appeler "divination", mais c'est en réalité bien plus que cela. De nombreuses communautés africaines pratiquent la divination pour résoudre des problèmes, guérir des maladies et aider les gens à prendre des décisions importantes dans la vie. Ainsi les devins qui sont chargés de ces rituels, sont l'équivalent dans des magiciens de l'Egypte antique. Ces derniers examinaient et interrogeaient le patient pour déterminer la nature du problème, puis invoquaient le dieu qui lui semblait le plus approprié pour le résoudre.

La phrase de Gardiner se concentre sur les magiciens, soulignant leur inadéquation ou leur incapacité à fournir une solution ou une assistance. L'expression "aucune ressource n'est en eux" suggère que les magiciens ne possèdent pas de capacités ou de moyens inhérents pour faire face à la situation en question. Ce choix peut impliquer un certain scepticisme ou une certaine indifférence à l'égard des capacités des magiciens à résoudre le problème.

D'autre part, la deuxième phrase déplace l'attention sur les devins rituels et leur incapacité à offrir une solution. L'expression "ils n'ont pas de solution" implique que malgré leur expertise en divination, les devins rituels sont incapables de fournir des réponses ou des conseils. Ce choix peut traduire un sentiment de déception ou de frustration face à l'incapacité des devins à remplir le rôle qu'on attend d'eux.

Les différences de référence et d'implication façonnent la perception des capacités et de l'expertise de ces individus. Les décisions du traducteur concernant ces différences jouent un rôle crucial dans la transmission du sens voulu et dans le reflet des nuances culturelles contenues dans le texte original.

- ix) AHG That which I have said, behold it is what reviveth me,
 AKA Only if I were told: "Here she is!" Now that would cure me.

Les deux phrases partagent un thème commun : trouver un réconfort ou une cure de jouvence dans certains événements ou paroles. Cependant, elles diffèrent par leur orientation et leurs implications.

La première phrase met l'accent sur le fait que le locuteur se fie à ses propres mots ou déclarations pour se ressourcer ou rajeunir. L'expression "That which I have said, behold it is what reviveth me" suggère que l'acte de s'exprimer et de formuler des pensées apporte un sentiment de vitalité ou de renouveau. Ce choix souligne le pouvoir de l'expression personnelle et l'importance de l'action personnelle dans la recherche d'une guérison.

En revanche, la deuxième phrase met l'accent sur la validation externe et l'attente d'une déclaration ou d'un événement spécifique. Elle indique que la guérison ou la restauration du locuteur dépend de l'audition de ces mots spécifiques. Ce choix suggère un désir de reconnaissance, d'affirmation ou de réalisation d'un désir particulier.

- x) AHG But she hath gone from me for seven days.
 AKA But since she went away from me, it's seven days.

Ces deux phrases ont en commun le fait que le locuteur fait l'expérience de l'absence de quelqu'un pendant une durée déterminée. Cependant, elles diffèrent dans leurs expressions du temps et dans les implications qui découlent de ces choix.

La première phrase indique une période de temps claire et précise pendant laquelle la personne a été absente. L'utilisation de "for" met l'accent sur la durée de sept jours, suggérant une période de séparation spécifique et quantifiable. Ce choix met en évidence l'aspect temporel de l'absence, en la présentant comme un événement distinct d'une durée déterminée.

En revanche, la deuxième phrase, "But since she went away from me, it's seven days.", met l'accent sur la durée qui s'est écoulée depuis le départ de la personne. L'utilisation de "depuis" suggère un passage continu et permanent du temps, mettant l'accent sur la durée plutôt que sur un moment précis de l'absence. Ce choix implique un sentiment de nostalgie ou d'anticipation, car le locuteur mesure les jours qui passent par rapport au départ.

Les choix de traduction effectués entre ces phrases peuvent influencer la représentation du passage du temps et la perception de l'expérience du locuteur pendant l'absence. Les différences dans les expressions temporelles façonnent l'interprétation de la durée et l'impact émotionnel qu'elle a sur le locuteur.

6.2 ANALYSE DES TRADUCTIONS PAR YOPOREKA SOMET ET PIERRE GILBERT

Yoporeka Somet est un éminent écrivain burkinabé, né en 1963 en Côte d'Ivoire de parents burkinabés. Il est un universitaire accompli, titulaire d'un doctorat en philosophie et en égyptologie. Les recherches approfondies de Somet portent principalement sur les civilisations africaines, en particulier sur la culture égyptienne ancienne.

Dans sa jeunesse, Somet a étudié la philosophie à l'université Joseph Ki-Zerbo de Ouagadougou, au Burkina Faso, avant de poursuivre des études de sociologie et d'égyptologie à l'université de Strasbourg, en France. Aujourd'hui, il est professeur à l'Université de Strasbourg et à l'Université Cheikh Anta Diop de Dakar, au Sénégal, où il transmet ses vastes connaissances des civilisations africaines aux étudiants.

Les contributions de Somet dans le domaine de l'égyptologie sont particulièrement remarquables et son expertise dans la traduction des hiéroglyphes est largement respectée. Il a commencé à étudier les hiéroglyphes en 1996 à l'Institut d'égyptologie de l'Université de Strasbourg et est devenu depuis un traducteur accompli, capable de lire et d'écrire des textes égyptiens anciens. Il traduit même certains des textes les plus complexes, révélant aux lecteurs modernes l'histoire et la culture fascinantes du monde antique.

Cependant, le travail de Somet va bien au-delà de son expertise exceptionnelle en égyptologie. Il a également beaucoup écrit sur les civilisations africaines, apportant un éclairage précieux sur leur culture, leurs coutumes et leur histoire. Dans ses écrits, il se concentre sur l'interaction entre les cultures africaines traditionnelles et la modernité, explorant les relations complexes entre l'Afrique et l'Occident, et offrant des perspectives nuancées sur la place de l'Afrique dans le monde.

Somet a collaboré avec de nombreuses revues scientifiques, dont le célèbre *Ankh Journal of Egyptology and African Civilizations*. Il a également été invité à prendre la parole lors de conférences et d'événements dans le monde entier, où il partage ses idées et son expertise sur les civilisations africaines avec un public international.

Tout au long de sa carrière, Yoporeka Somet a fait preuve d'un engagement dans l'étude et la célébration des civilisations africaines. Son travail témoigne de l'importance de comprendre et de préserver le patrimoine culturel du continent, et il continue d'inspirer les nouvelles générations de chercheurs à explorer et à apprécier la riche histoire et la diversité culturelle de l'Afrique.

En examinant le champ de production entourant la traduction de Yoporeka Somet du poème d'amour de l'Égypte ancienne, il est essentiel de considérer l'influence d'éminents chercheurs tels que Théophile Obenga et Cheikh Anta Diop dans le cadre bourdieusien de la production culturelle. La théorie sociologique de Pierre Bourdieu offre de précieuses indications sur la dynamique du pouvoir, les hiérarchies sociales et le capital symbolique qui façonnent la création et la diffusion du savoir, en particulier dans la sphère universitaire.

Théophile Obenga, égyptologue et linguiste réputé, a contribué de manière significative à la compréhension de la civilisation égyptienne ancienne. Ses recherches approfondies et ses publications l'ont positionné comme une autorité de premier plan dans ce domaine. Les travaux d'Obenga se concentrent sur le déchiffrement et l'interprétation des textes égyptiens anciens, en mettant particulièrement l'accent sur les aspects linguistiques de la langue. Ses travaux ont enrichi le champ intellectuel en approfondissant notre compréhension de la culture, de la langue et de la littérature de l'Égypte ancienne.

Cheikh Anta Diop, un autre érudit influent, a apporté des contributions révolutionnaires à l'étude de l'histoire et de la culture africaines. Les travaux de Diop ont remis en question les interprétations eurocentriques et ont cherché à rétablir le rôle historique et culturel des civilisations africaines, y compris de l'Égypte ancienne. Son approche pluridisciplinaire combine la linguistique, l'anthropologie, l'archéologie et l'histoire pour reconstruire une compréhension globale du passé de l'Afrique. Les travaux de Diop ont joué un rôle crucial dans la décolonisation de l'histoire africaine et dans la promotion d'un récit plus nuancé et plus complet des civilisations africaines.

Dans le contexte des traductions de Somet, l'influence académique d'Obenga et de Diop devient particulièrement pertinente. Leurs études rigoureuses et leurs cadres théoriques ont façonné le paysage intellectuel dont Somet s'inspire. En tant qu'universitaire engagé dans la traduction de la littérature de l'Égypte ancienne, le travail de Somet repose sur les fondations posées par ces érudits influents. Leurs contributions ont ouvert la voie à une compréhension plus approfondie de la civilisation égyptienne ancienne, de ses expressions culturelles et de sa place dans le contexte historique et intellectuel africain plus large.

L'engagement de Somet vis-à-vis des idées d'Obenga et de Diop se manifeste dans sa méthodologie de traduction et ses choix d'interprétation. S'inspirant des recherches linguistiques d'Obenga, Somet utilise une approche méticuleuse pour déchiffrer et traduire les hiéroglyphes de l'Égypte ancienne, en essayant d'obtenir une exactitude linguistique et une certaine fidélité aux textes originaux. Ce respect de la précision linguistique correspond à

l'accent mis par Obenga sur l'analyse linguistique en tant qu'élément clé de la recherche égyptologique.

En outre, les traductions de Somet reflètent également le projet intellectuel plus large de Diop de repositionner l'Afrique et ses contributions historiques. En traduisant et en présentant d'anciens poèmes d'amour égyptiens, Somet participe activement à la décolonisation de la production de connaissances, en remettant en question les récits eurocentriques qui ont marginalisé les civilisations africaines. Par son travail, Somet contribue à l'effort plus large de mise en valeur du patrimoine intellectuel de l'Afrique et de son interconnexion avec l'Égypte ancienne, faisant ainsi écho à la vision de Diop d'un récit historique centré sur l'Afrique.

Dans le cadre bourdieusien, l'influence d'Obenga et de Diop sur les traductions de Somet va au-delà de leurs contributions intellectuelles. Le capital symbolique associé à ces éminents chercheurs imprègne le champ académique et affecte la réception et la reconnaissance du travail de Somet. Leur autorité et leur réputation scientifique confèrent une légitimité aux traductions de Somet et le positionnent dans un champ intellectuel plus large.

En considérant l'influence de Théophile Obenga et de Cheikh Anta Diop, nous parvenons à une compréhension plus nuancée du champ de production entourant les traductions de Somet de poèmes d'amour de l'Égypte ancienne. Leurs recherches et leurs cadres théoriques novateurs ont façonné le paysage intellectuel dans lequel Somet évolue. Leur influence n'informe pas seulement la méthodologie de traduction et les choix d'interprétation de Somet, mais contribue également au projet plus large de décolonisation de la production de connaissances et de repositionnement des contributions historiques et intellectuelles de l'Afrique. Dans ce contexte, les traductions de Somet s'inscrivent dans un effort intellectuel plus large qui remet en question les récits dominants et fait progresser une compréhension plus inclusive et plus complète de l'héritage culturel de l'Afrique.

En examinant le champ de production des traductions de Yoporeka Somet des poèmes d'amour de l'Égypte ancienne, il est essentiel d'adopter une perspective bourdieusienne qui tienne compte des dynamiques complexes en jeu dans la sphère académique. La théorie sociologique de la production culturelle de Pierre Bourdieu offre un cadre précieux pour comprendre les structures de pouvoir, les hiérarchies sociales et le capital symbolique qui façonnent la création et la diffusion du savoir.

Dans ce contexte, le rôle de Somet en tant que traducteur de textes égyptiens anciens a des implications significatives. Sa position d'universitaire et d'expert en égyptologie lui confère un certain capital symbolique, qui lui permet d'exercer une influence et une autorité

dans ce domaine. Sa formation et ses recherches approfondies, dont un doctorat en philosophie et en égyptologie, renforcent encore sa réputation d'érudit et contribuent à son positionnement dans la hiérarchie académique.

La collaboration de Somet avec Per Ankh, a un poids symbolique. En publiant ses traductions dans un ouvrage multilingue aux côtés d'écrivains réputés comme Ayi Kwei Armah, Somet s'engage non seulement dans la production culturelle du canon littéraire africain, mais contribue également à son expansion et à sa diversification. Cette collaboration renforce sa position dans le domaine intellectuel et permet à son travail d'atteindre un lectorat plus large, tant à l'intérieur qu'à l'extérieur du milieu universitaire.

L'aspect linguistique des traductions de Somet, présentées en français, soulève des considérations intéressantes. Le français, en tant que langue associée à l'héritage colonial, porte son propre bagage historique et symbolique. Le choix de présenter les traductions en français peut être considéré comme un engagement intentionnel dans le domaine linguistique, reflétant les tensions actuelles entre le patrimoine culturel africain et l'héritage du colonialisme. La décision de Somet de rendre les anciens poèmes d'amour égyptiens en français montre sa maîtrise de la langue.

La production des traductions de Somet nécessite un processus méticuleux de déchiffrement et de traduction des hiéroglyphes de l'Égypte ancienne. En tant que responsable de cette tâche essentielle, Somet exerce un contrôle important sur la diffusion et l'interprétation de ces textes anciens. Ce contrôle sur le processus de production lui confère une forme d'autorité culturelle, lui permettant de façonner le récit et la compréhension de la poésie amoureuse de l'Égypte ancienne. Cependant, il est important de reconnaître que cette autorité n'est pas absolue, car elle est sujette à négociation et à contestation au sein du champ académique.

Au sens bourdieusien, la production de traductions de Somet s'inscrit dans un champ caractérisé par des luttes de pouvoir, un capital intellectuel et une autorité symbolique. Son parcours universitaire, ses contributions à la recherche, ses collaborations et ses choix linguistiques façonnent sa position au sein de ce champ. De plus, la publication de ses traductions par Per Ankh établit des liens avec le domaine plus large de la littérature africaine, positionnant Somet comme un contributeur précieux au discours actuel sur l'héritage culturel de l'Afrique.

En tant qu'universitaire, le travail de Somet incarne la nature multiforme de la production culturelle, provoquant des discussions critiques et contribuant à l'exploration continue du riche patrimoine intellectuel de l'Afrique.

Aux fins de l'analyse de notre mémoire, nous analyserons le travail de Yoporeka Somet en le comparant à la traduction d'un autre universitaire qui l'a précédé, Pierre Gilbert.

Pierre Gilbert, philologue classique, historien de l'art et égyptologue, était professeur à l'Université libre de Bruxelles. Issu d'une famille cultivée, il se passionne très tôt pour la lecture des poètes et des écrivains de l'Antiquité. Son penchant instinctif allait vers les œuvres philosophiques qui exaltaient l'humanité et sa quête du bonheur. En tant que professeur, il a profondément marqué ses élèves lors de ses cours de poésie à l'Athénée d'Uccle, où il a enseigné jusqu'en 1940.

Gilbert était un érudit sensible aux textes et aux formes, et il avait une passion de poète pour la traduction. Il cherche à transmettre le sens tout en préservant la poésie et la musicalité des mots. Pour lui, la poésie est universelle, c'est un fil vibrant et une musique intérieure qui transcende les barrières linguistiques.

Sa passion pour l'Égypte l'a conduit à explorer les sources égyptiennes de l'épicurisme d'Horace à travers la poésie amoureuse du Nouveau Royaume d'Égypte et les chants des harpistes. Il a également traduit et écrit des articles sur Catulle, dont une anthologie de ses poèmes.

Gilbert est particulièrement attiré par l'architecture égyptienne, qu'il considère comme l'incarnation de la recherche de l'idéal et de la dissolution de toute mesquinerie dans l'unité de la conscience. Il étudie la pyramide comme une forme fascinante, symbolisant l'unité parfaite du sommet et la multiplicité terrestre. Son livre intitulé "Le classicisme de l'architecture égyptienne" souligne la grandeur et la simplicité des œuvres majeures laissées par l'Égypte pharaonique, telles que les pyramides et le temple de Khafre.

Outre son intérêt pour l'Égypte, Pierre Gilbert s'est intéressé aux racines de l'humanisme méditerranéen en explorant les liens entre l'Égypte et la Grèce. Il a cherché à comprendre la contribution de l'Égypte à la formation de la pensée grecque. Son ouvrage *Méditerranée antique et humanisme dans l'art*(1967) et de nombreux articles témoignent de cette recherche.

Au sens bourdieusien, les traductions par Pierre Gilbert des poèmes d'amour de l'Égypte ancienne peuvent être considérées comme un acte de production culturelle dans le domaine de l'égyptologie. Ses traductions n'étaient pas de simples reproductions des textes

originaux, mais impliquaient un engagement créatif avec le matériel source, visant à transmettre à la fois le sens et les qualités esthétiques de la poésie. Cela peut être considéré comme un capital symbolique qu'il a accumulé dans le domaine, renforçant sa réputation et son autorité en tant qu'égyptologue et traducteur.

En outre, son exploration des racines égyptiennes de l'humanisme méditerranéen et ses études sur l'architecture égyptienne démontrent son engagement dans le capital culturel et symbolique associé à l'Égypte ancienne. En analysant les relations entre l'Égypte, la Grèce et la région méditerranéenne, il a contribué au domaine plus large de l'histoire de l'art et à la compréhension de l'interconnexion culturelle dans le monde antique.

Le champ de production des traductions de Pierre Gilbert englobe les institutions académiques, les réseaux savants et les discours entourant l'égyptologie, la poésie ancienne et l'histoire de l'art. Ses traductions peuvent être considérées comme une forme de capital symbolique qu'il a déployé pour établir son autorité intellectuelle et contribuer à la production de connaissances dans ce domaine. Grâce à ses traductions et à ses travaux, il s'est positionné comme une personnalité compétente et respectée dans le domaine de l'égyptologie, dont il a enrichi le capital culturel et intellectuel.

Dans l'ensemble, les traductions des poèmes d'amour de l'Égypte ancienne réalisées par Pierre Gilbert illustrent son engagement scientifique dans le domaine de l'égyptologie et de ses disciplines connexes. Son travail reflète le capital intellectuel et culturel qu'il a accumulé et déployé dans le cadre bourdieusien, façonnant le champ de production et contribuant à notre compréhension de l'Égypte ancienne et de son héritage culturel.

Au niveau macro-textuel, la traduction en français de Somet est bonne et utilise un lexique facilement compréhensible. Somet incorpore certains codes de la littérature africaine, mais cela n'est pas dû à une expertise dans le domaine. Nous pensons qu'il les utilise inconsciemment en raison de son exposition naturelle à la littérature africaine. Il maintient une cohérence dans la logique de sa traduction et la structure du texte, ce qui est la marque de son expérience dans la rédaction de travaux académiques où la cohérence textuelle doit être maintenue. Tout comme Armah, il n'utilise pas de paratextes. Ceci est probablement dû aux limites imposées par la mise en page du livre. Les universitaires ont l'habitude d'utiliser des notes de bas de page pour fournir des explications ou des clarifications, évitant ainsi toute ambiguïté pouvant découler d'un mot, en particulier lorsqu'il s'agit de normes culturelles différentes de celles du public cible. Cela permet au lecteur de comprendre facilement le

contexte. Somet fait preuve d'ingéniosité en utilisant des mots entre parenthèses pour introduire des informations supplémentaires, bien que minimes.

Le texte présente des caractéristiques linguistiques propres à la poésie lyrique, mettant en avant des descriptions élogieuses et riche en termes métaphoriques pour exprimer la beauté et l'amour. Le présent de l'indicatif renforce la présence et l'intensité des émotions. Les phrases sont courtes et donnent un rythme rapide et énergique à la narration.

Quant à la traduction de Gilbert, elle montre certains choix stylistiques qui rehaussent la qualité poétique du poème tout en essayant de rester fidèle au texte original.

L'un des choix stylistiques notables de la traduction est l'utilisation d'un langage poétique et d'images inspire par Molière comme il le mentionne dans ses notes de bas de page. Le traducteur a habilement utilisé un langage descriptif et évocateur pour transmettre la beauté et l'attrait de la bien-aimée. Des expressions telles que "Lumineuse et parfaite, éclatante de teint" et "Sa chevelure de vrai lapis-lazuli" peignent des images vivantes dans l'esprit du lecteur, lui permettant de visualiser les traits captivants de la bien-aimée. En employant de telles images, le traducteur réussit à recréer l'attrait esthétique du poème original.

En examinant la traduction de Gilbert dans une perspective bourdieusienne dans le domaine des études de traduction, nous pouvons discerner les dynamiques sous-jacentes du pouvoir, du capital symbolique et de la production culturelle. La décision de Gilbert de préserver certaines références culturelles et historiques du texte original reflète sa reconnaissance de leur importance dans la culture égyptienne ancienne. Par exemple, la mention de la déesse Hathor et de la "déesse dorée des femmes" souligne l'importance de la mythologie et des figures divines dans la vision du monde de l'Égypte ancienne. En conservant ces références, le traducteur permet aux lecteurs d'entrevoir le point de vue du poète original, ce qui enrichit leur compréhension du contexte historique et culturel.

Cependant, Gilbert choisit également de remplacer les termes "frère" et "sœur" par "ami" et "amante", justifiant ce choix dans ses notes de bas de page. Il soutient que l'utilisation de ces termes dans un sens amoureux peut provenir d'une coutume de mariage entre frères et sœurs qui étaient tombée en désuétude, sauf parmi les princes et les princesses. Le terme ayant perdu son sens originel dans l'usage contemporain, Gilbert ne juge pas nécessaire de le rendre littéralement. Ce choix s'explique probablement par le peu d'informations dont il dispose sur le sujet, ce qui l'incite à opter pour des termes plus conformes à la sensibilité morale de son époque.

En termes bourdieusiens, les décisions de traduction de Gilbert sont façonnées par le contexte social et historique dans lequel il opère. L'acte de traduction lui-même est le reflet de sa position en tant que traducteur, situé dans un champ spécifique de production culturelle. Ses choix sont influencés par le capital symbolique associé à sa position, ainsi que par les normes et les attentes de la langue et du public cibles.

En conservant certaines références et en modifiant d'autres, Gilbert navigue dans le champ de la production culturelle, négociant entre la fidélité au texte source telle que conçue à l'époque et la nécessité de rendre l'œuvre traduite accessible et intelligible pour le public cible. Ses décisions sont influencées par l'habitus culturel et linguistique qu'il incarne, ainsi que par les conditions historiques et sociales qui façonnent sa pratique de la traduction. Les choix de Gilbert reflètent la dynamique du pouvoir, de la légitimité et de l'autorité culturelle dans le domaine de la traduction, puisqu'il met en balance le message perçu de l'auteur original avec les exigences et les contraintes du contexte culturel cible.

Il est essentiel de reconnaître que les choix de traduction de Gilbert ne sont pas uniquement basés sur l'équivalence linguistique, mais qu'ils sont également influencés par des facteurs sociaux, historiques et culturels. L'action du traducteur est conditionnée par l'habitus et les ressources disponibles, y compris les informations historiques et les sensibilités morales dominantes. La traduction de Gilbert représente donc une négociation entre les cultures source et cible, le texte original et les attentes et normes du public cible.

Gilbert a fait un usage abondant des paratextes dans sa traduction. Il a fourni une introduction qui explique au lecteur le contexte culturel de la production du texte original dans l'Égypte ancienne, de nombreuses notes de bas de page tout au long du texte, ainsi qu'un commentaire et une conclusion à la suite de la traduction. Ces différents éléments fournissent des informations précieuses sur le processus créatif de Gilbert, sur ses réflexions et, surtout, sur ce qui l'a motivé à se lancer dans cette tâche extraordinaire. En effet, dès l'introduction, il déclare :

À ma connaissance, il n'existe qu'une traduction anglaise de Gardiner dans son édition magistrale du papyrus, et une traduction française de P. Suys qui, malgré sa valeur, contient des interprétations qui ne peuvent être acceptées. Je voudrais proposer une nouvelle traduction française, naturellement influencée par les travaux précédents, mais avec quelques modifications visant à plus de cohérence et de clarté.(GILBERT, 1942,p.3)

Ainsi, sa traduction sert à la fois d'analyse et de mise à jour des traductions précédentes du poème. Il est important de revoir les traductions des œuvres à la lumière des progrès réalisés dans la compréhension des textes anciens. L'approche de Gilbert démontre la nature évolutive

des études de traduction et la reconnaissance du fait que les traductions doivent être constamment réévaluées et affinées sur la base de nouvelles connaissances et d'une meilleure compréhension des textes sources. En s'engageant de manière critique dans les traductions existantes, Gilbert contribue au discours scientifique en cours et améliore notre compréhension des nuances et de la signification culturelle du poème. Cela met en évidence la nature dynamique et itérative de la traduction en tant que recherche académique, dans laquelle les traducteurs s'efforcent continuellement d'affiner et d'améliorer leurs interprétations afin de mieux capturer l'essence et le message de l'œuvre originale.

Avant d'examiner les différences notoires entre les traductions de Gilbert et Somet, il est important de noter les similitudes dans les choix de traduction. Selon André Lefevere (1992a : 114-115), si toutes les traductions aboutissent à des textes similaires, c'est que les traducteurs étaient tous maîtres de leur métier. Bien qu'il s'agisse de traductions différentes, il existe des similitudes et même des résultats identiques dans les choix des traducteurs, qui suggèrent une maîtrise de leur métier.

PG Son bras surpasse l'or.

YS Son bras surpasse l'or.

Dans un premier exemple, les deux traducteurs utilisent la phrase "Son bras surpasse l'or" sans aucun changement significatif. Cette similitude indique que les deux traducteurs ont reconnu l'importance de maintenir la qualité poétique et l'impact du vers original.

PG Par la déesse d'or des femmes!

YS Par la déesse d'or des dames (Hathor).

Le deuxième exemple, bien qu'il y ait une légère différence dans l'ajout de "Hathor" dans l'une des traductions, les deux maintiennent la référence à une déesse d'or, soulignant l'aspect divin. Cette similitude suggère que les deux traducteurs ont compris la signification de cette référence dans le contexte culturel et mythologique. Somet utilise des parenthèses pour apporter une information supplémentaire, choix probablement dû à l'absence de paratextes.

PG J'ai trouvé sa porte ouverte.

YS J'ai trouvé sa porte ouverte.

Le troisième exemple montre une reproduction exacte de la phrase "J'ai trouvé sa porte ouverte" dans les deux traductions. Ceci implique que les deux traducteurs ont reconnu l'importance de préserver le sens littéral et l'impact de la phrase originale.

PG Ah ! si ma mère connaissait mon cœur,

YS Ah ! Si ma mère connaissait mon désir !

Dans le quatrième exemple, bien qu'il y ait une différence entre "mon cœur" et "mon désir", les deux traductions capturent l'état émotionnel du locuteur, à savoir son profond désir d'être comprise. Cette similitude indique que les deux traducteurs ont cherché à transmettre le sentiment et le désir exprimés par le locuteur, même si les choix linguistiques sont légèrement différents.

PG Elle est pour moi plus que la somme médicale.

YS Elle est plus importante pour moi que la somme médicale

Enfin, dans le cinquième exemple, les deux traductions expriment l'importance du sujet ("elle") en utilisant une structure comparative. Bien qu'il y ait une légère variation dans le choix de "la somme médicale" et "plus importante pour moi", les deux traductions transmettent l'idée que le sujet a une grande importance. Cette similitude suggère que les deux traducteurs ont reconnu la nécessité de souligner la valeur et l'importance attribuées au sujet par le locuteur.

Dans l'ensemble, les similitudes dans les choix effectués par les traducteurs indiquent une maîtrise de leur métier. Ils démontrent une compréhension des éléments poétiques, culturels et émotionnels présents dans le poème original. Bien que des différences mineures puissent exister, ces similitudes démontrent la capacité des traducteurs à transmettre l'impact du texte source dans leurs traductions respectives.

Et bien qu'il y ait des similitudes frappantes entre les deux textes, nous avons également des différences dans les choix des traducteurs :

i) PG Telle cette déesse unique.

YS Elle est alors pareille à l'Unique Déesse Hathor !

L'inclusion du nom d'Hathor ajoute une référence culturelle et mythologique spécifique, susceptible d'influencer l'interprétation du texte. Ces différences de formulation et de spécificité indiquent que les traducteurs ont décidé soit d'exprimer une ressemblance

générale avec une déesse, soit d'établir un lien direct avec une divinité bien connue, Hathor. Le choix de la manière d'exprimer la ressemblance a des implications sur la signification perçue et les connotations entourant le sujet et l'association divine invoquée.

- ii) PG La mère : « Ah ! cesse d'envisager cela.
 YS «Ne songe pas à l'idée
 « Ne songe pas à le voir ! »

La comparaison de ces deux phrases révèle des différences de sens et des choix opérés par les traducteurs, qui peuvent avoir des conséquences sur l'interprétation du texte. Cette phrase indique que la mère exprime sa désapprobation ou son objection à ce que quelqu'un envisage ou considère quelque chose. Le choix du verbe "envisager" donne le sentiment de contempler ou de penser activement à quelque chose. En revanche, la deuxième phrase, "Ne songe pas à l'idée, ne songe pas à le voir !", peut être traduite par "Ne pense pas à l'idée, ne pense pas à le voir !". Ici, l'accent est mis sur l'interdiction ou l'instruction donnée à la personne de ne pas entretenir la pensée ou l'idée de voir quelqu'un. L'utilisation du verbe "songer" indique une activité mentale de pensée ou de réflexion. L'inclusion de "l'idée" ajoute une spécificité à ce qui ne doit pas être pensé. Ces différences de formulation et d'accentuation reflètent les choix des traducteurs pour rendre compte de l'admonestation de la mère et de la manière dont elle décourage ou interdit d'envisager ou de poursuivre une ligne de conduite particulière. Le choix des verbes et l'inclusion d'objets de pensée spécifiques influencent l'interprétation du texte et les implications des mots de la mère.

- iii) PG » Vois, mon cœur se révolte, quand on me parle de lui. »
 YS Vois, mon cœur est triste quand il pense à lui

La comparaison de ces deux phrases révèle des différences de formulation et de sens, qui ont des implications pour l'interprétation du texte. Dans la première phrase, "Vois, mon cœur se révolte, quand on me parle de lui", le locuteur exprime un sentiment de révolte ou de rébellion dans son cœur lorsque quelqu'un parle de lui. Le choix du verbe "se révolte" traduit une réaction émotionnelle forte, suggérant un sentiment d'indignation, de colère, voire de défi. L'utilisation de la construction impersonnelle "quand on me parle de lui" met l'accent sur le fait que les gens parlent généralement de lui et sur la réaction négative du locuteur à cet égard. En revanche, la deuxième phrase, "Vois, mon cœur est triste quand il pense à lui", traduit un sentiment de tristesse dans le cœur du locuteur lorsqu'il pense à lui. Ici, l'émotion exprimée est

plus axée sur la tristesse que sur la révolte. Le verbe "penser" indique un processus mental actif de réflexion sur quelqu'un, et l'utilisation de "quand il pense à lui" suggère une contemplation spécifique et personnelle de ses pensées. La différence dans le choix des verbes et des émotions qui en résultent (révolte ou tristesse) reflète les décisions des traducteurs pour rendre compte de la réaction émotionnelle du locuteur à la mention ou aux pensées le concernant. Ces différences de formulation et de sens contribuent à l'interprétation globale du texte, en façonnant la compréhension des sentiments du locuteur et les nuances de son expérience émotionnelle.

- iv) PG La mère : « Vois, celui-là, c'est un écervelé. »
 YS Vois, il est comme quelqu'un qui n'a pas de sentiment

La comparaison de ces deux phrases montre de nettes différences de formulation et de sens, qui peuvent avoir un impact significatif sur l'interprétation du texte. Dans la première phrase, "La mère : 'Vois, celui-là, c'est un écervelé'", la mère qualifie le protagoniste d'"écervelé", ce qui implique qu'il est écervelé ou irréfléchi. Ce choix de terme suggère un manque de concentration ou de profondeur intellectuelle chez la personne dont il est question. La remarque de la mère véhicule un jugement négatif sur les capacités mentales de l'individu. D'autre part, la deuxième phrase, "Vois, il est comme quelqu'un qui n'a pas de sentiment", dépeint la personne comme quelqu'un qui manque d'émotions ou de sentiments. Cette formulation souligne son détachement émotionnel apparent ou son insensibilité. L'utilisation de "quelqu'un qui n'a pas de sentiment" souligne la perception d'une déficience dans sa capacité à éprouver ou à exprimer des émotions. Les différences de formulation et de sens entre les deux phrases révèlent les choix des traducteurs pour rendre compte de la caractérisation de la personne par la mère.

- v) PG » Tiens-toi en repos, sois calme, l'amante vient vers toi,
 » Ainsi que toute ma vigilance.
 YS Reste tranquille, et le frère viendra vers toi !
 Beaucoup d'autres feront de même.

En comparant ces deux phrases nous voyons des différences marquées dans la formulation et le sens qui contribuent à la représentation de la scène et aux choix faits par les traducteurs. Dans la première phrase, "Tiens-toi en repos, sois calme, l'amante vient vers toi, ainsi que toute ma vigilance", la locutrice conseille à quelqu'un de rester calme et posé à

l'approche de sa bien-aimée, en soulignant l'importance de sa propre vigilance. La formulation implique un sentiment d'anticipation et suggère que l'attention du locuteur est nécessaire pour la rencontre imminente. Dans ses notes de bas de pages sur ces vers, Gilbert explique le choix de l'usage de « amante » par le fait qu'elle serait en train de se parler à elle-même contrairement à ce que Gardiner et Suys considéreraient comme étant une erreur de pronom. En revanche, la deuxième phrase, "Reste tranquille, et le frère viendra vers toi ! Beaucoup d'autres feront de même", nous nous retrouvons face à un dialogue interne, se rassurant que le frère et beaucoup d'autres viendront à elle. Ici, l'accent est plus mis sur l'arrivée du frère. Le choix des mots suggère que Somet partage la même conviction que Gardiner et pense que le papyrus contenait une erreur au moment de l'écriture du texte.

- vi) PG Tant elle inspire d'amour ! »
 YS à cause de la grandeur de son amour.

Les deux phrases mettent en évidence des différences notables de formulation et de sens qui contribuent à rendre compte du caractère captivant du sujet et des choix opérés par les traducteurs. La première phrase, "Tant elle inspire d'amour !", transmet l'idée que le sujet évoque une grande quantité d'amour. L'emploi de "tant" souligne l'intensité ou l'étendue de l'amour inspiré par le sujet. Il suggère que la présence ou les qualités du sujet ont un effet puissant sur les autres, suscitant des émotions profondes. En revanche, la deuxième phrase, "à cause de la grandeur de son amour", indique que l'amour du sujet est d'une grande ampleur. Ici, l'accent est mis sur l'amour du sujet lui-même plutôt que sur l'amour qu'il inspire aux autres. Le choix de "grandeur" souligne la nature immense ou profonde de l'amour du sujet, ce qui peut laisser entendre qu'il est remarquable ou exceptionnel. Les différences de formulation et de sens entre ces phrases façonnent la perception de l'attrait du sujet et reflètent les choix des traducteurs dans la représentation de l'impact de l'amour du sujet. La première traduction met l'accent sur la capacité du sujet à inspirer de l'amour aux autres, tandis que la seconde met l'accent sur l'amour du sujet lui-même et sa qualité extraordinaire.

- vii) PG Que de beaux songes, en passant!
 YS Que c'était agréable, ce qui est arrivé !

La première phrase, "Que de beaux songes, en passant !", évoque la notion de beaux rêves rencontrés en chemin. L'expression "en passant" suggère un caractère fugace ou transitoire, indiquant que ces rêves ont été rencontrés brièvement ou en passant. L'accent est

mis sur la qualité des rêves, ce qui implique qu'ils étaient agréables, inspirants ou peut-être remplis d'émerveillement. En revanche, la deuxième phrase, "Que c'était agréable, ce qui est arrivé !", exprime le plaisir ou l'agrément de quelque chose qui s'est produit. L'accent est mis ici sur un événement ou un fait précis, soulignant le plaisir ou la satisfaction qui en découle. Le choix de "ce qui est arrivé" suggère un événement particulier, en mettant l'accent sur l'expérience positive qui y est associée. Ces différences de formulation et de sens façonnent le ton général et le sentiment des phrases. La première traduction met l'accent sur l'attrait des beaux rêves rencontrés de manière fugace, évoquant que tout ce que la locutrice a conté n'était que douce rêverie. Ce qui est accentué par l'usage du conditionnel le long de la strophe. La deuxième traduction se concentre sur un événement agréable spécifique, transmettant un sentiment de satisfaction et de plaisir indiquant le bonheur de la locutrice après avoir vécu tout ce qu'elle a raconté.

- iix) PG Les exorcistes ? pas de secours auprès d'eux,
 YS Même les prêtres-lecteurs n'y trouveraient solution !

La première phrase, "Les exorcistes ? pas de secours auprès d'eux", transmet l'idée qu'il n'y a pas d'assistance ou d'aide à trouver auprès des exorcistes. L'utilisation de l'expression "pas de secours" met l'accent sur le manque d'aide ou de soutien disponible, suggérant un sentiment de désespoir ou d'inefficacité dans leur capacité à faire face à la situation en question. D'autre part, la deuxième phrase, "Même les prêtres-lecteurs n'y trouveraient pas de solution !", implique que même les prêtres-lecteurs ne trouveraient pas de solution. Ici, l'accent est mis sur l'incapacité des prêtres-lecteurs à fournir une résolution ou une réponse. L'expression "n'y trouveraient solution" souligne l'idée qu'ils seraient incapables de trouver une solution, ce qui implique un sentiment de futilité ou d'insuffisance de leurs connaissances ou de leurs pratiques. Ces différences de formulation et de sens contribuent au ton général et aux implications des phrases. La première traduction suggère un manque d'assistance ou de soulagement de la part des exorcistes, tandis que la seconde met l'accent sur l'incapacité potentielle des prêtres-lecteurs à trouver une solution. De plus, nous remarquons l'usage de prêtres-lecteurs par Somet qui est la traduction littérale du mot *xryw-hhbt* qui provient du texte original.

- ix) PG Ce dont j'ai dit : « C'est cela qui me fera vivre »,
 YS Seul le fait de me dire : « la voici », me ferait revivre!

La première phrase, "Ce dont j'ai dit : « C'est cela qui me fera vivre », transmet l'idée que ce que le locuteur a mentionné lui donnera vie. L'expression "ce dont j'ai dit" souligne la signification des mots du locuteur, suggérant qu'il a identifié quelque chose de vital pour son existence. Elle implique un lien étroit entre la chose mentionnée et le sentiment de vitalité ou de force vitale du locuteur. En revanche, la deuxième phrase, "Seul le fait de me dire : 'la voici', me ferait revivre", suggère que seul l'acte de se faire dire "la voici" pourrait faire revivre le locuteur. Ici, l'accent est mis sur le pouvoir d'être informé ou de prendre conscience de quelque chose de spécifique. L'expression "la voici" souligne l'importance de la présence ou de la révélation de l'objet, indiquant que le réveil du locuteur dépend de cette connaissance. Ces différences de formulation et de sens contribuent aux implications globales des phrases. La première traduction souligne la conviction du locuteur que ce qu'il a mentionné le ramènera à la vie, mettant en évidence l'importance de ses paroles. En revanche, la seconde traduction met l'accent sur le pouvoir transformateur d'être informé ou de prendre conscience de quelque chose, suggérant que la renaissance de l'orateur dépend de cette révélation.

x) PG Que je l'embrasse, elle chasse de moi le mal.

YS Quand je l'embrasserai, elle écartera de moi la tristesse.

La première phrase, "Que je l'embrasse, elle chasse de moi le mal", transmet l'idée que le fait de l'embrasser "elle" éloigne le mal du locuteur. L'acte d'embrasser est dépeint comme une force formatrice qui chasse la négativité ou la malveillance. L'accent est mis sur l'action elle-même, soulignant son pouvoir de bannir la négativité de l'être du locuteur. En revanche, la deuxième phrase, "Quand je l'embrasserai, elle écartera de moi la tristesse", suggère que lorsque le locuteur l'embrasse "elle", la tristesse le quitte. Ici, l'accent est mis sur le résultat de l'étreinte, en particulier sur l'élimination de la tristesse. L'acte d'embrasser est considéré comme un moyen d'atténuer ou de surmonter la mélancolie. Ces différences de formulation et de sens contribuent aux implications générales des phrases. La première traduction met l'accent sur l'aspect transformateur et purificateur de l'étreinte, en soulignant sa capacité à chasser la maladie. En revanche, la seconde traduction souligne l'effet réconfortant et édifiant d'une étreinte, suggérant qu'elle a le pouvoir d'atténuer la tristesse.

6.3 LE MYSTERE DE MEHY

La troisième strophe de l'ancien poème d'amour égyptien a posé plusieurs problèmes de traduction à Gardiner.

Dans son analyse de la troisième strophe du poème d'amour de l'Égypte ancienne, Gardiner s'attaque aux défis posés par le texte. Il suggère que le mot "mhy", écrit comme "lin" dans certains cas, devrait être interprété comme le nom d'un homme, une proposition avancée par le professeur Erman dans une lettre. En adoptant cette interprétation, Gardiner tente d'établir un sens cohérent dans la strophe.

Selon la lecture de Gardiner, la strophe dépeint une jeune fille qui a l'intention de visiter un bel endroit, désigné par "it" dans les deux premiers vers. En chemin, elle rencontre son amant, qui pourrait être un prince royal, monté sur un char et accompagné de compagnons. La jeune fille est désorientée et hésite entre avancer et reculer. Elle craint de révéler ses émotions, car Mehy pourrait alors la tenir en piètre estime et la livrer avec arrogance à l'un de ses disciples. Gardiner identifie le mot-clé du début comme le verbe "to purpose" et note un jeu de mots à la fin de la strophe.

Il spéculé sur la signification du mot "hareem", qui ressemble à un terme collectif désignant "ceux qui appartiennent aux appartements secrets". Gardiner écarte tout lien avec le mot "kpw" signifiant "bird-catchers", car il est toujours déterminé, contrairement au terme en question.

En analysant les notes de Gardiner, il est essentiel de prendre en compte les limites et les préjugés inhérents à son interprétation. Le fait que Gardiner s'appuie sur la suggestion du professeur Erman et qu'il mette l'accent sur les rôles traditionnels des hommes et des femmes et sur les structures hiérarchiques dans les relations peut restreindre les autres lectures de la strophe. Ses hypothèses sur l'identité et la position sociale des personnages reflètent un contexte culturel et historique particulier qui pourrait ne pas représenter fidèlement la vision du monde de l'Égypte ancienne.

En outre, l'analyse de Gardiner s'appuie fortement sur des explications linguistiques et lexicales, soulignant l'importance du sens des mots et des règles de grammaire. Si ces considérations sont essentielles dans les études de traduction, elles doivent être complétées par une compréhension plus large des contextes culturels, historiques et littéraires. Il est nécessaire d'aborder le poème avec une conscience critique des limites imposées par la seule analyse linguistique.

La traduction de la strophe par Gardiner montre des préjugés enracinés dans les attentes et les hypothèses de la société concernant le genre et la sexualité. Il reconnaît la nécessité de changer les pronoms masculins et de ne pas tenir compte de la voix masculine attendue dans la structure du poème pour que sa lecture fonctionne. Cela suggère un parti pris pour les relations hétérosexuelles et une réticence à envisager d'autres interprétations. Le fait que Gardiner s'appuie sur les connotations sexuelles associées au mot "kpw" souligne encore davantage sa compréhension prédéterminée, conduisant à une traduction qui s'aligne sur les normes de genre conventionnelles prévalant à son époque.

De même, l'interprétation de Gilbert est influencée par son milieu culturel, en particulier. Il suggère que Mehy pourrait être un personnage semblable à ceux que l'on trouve dans les comédies italiennes, imposant potentiellement un point de vue classique européen sur le poème qui pourrait ne pas refléter exactement le message original ou le contexte culturel. Cette comparaison révèle un parti pris pour les traditions littéraires européennes et une tendance à considérer la littérature égyptienne ancienne à travers le prisme des normes littéraires européennes. De tels préjugés peuvent restreindre les possibilités d'interprétation et empêcher une compréhension globale du sens originel du poème.

L'influence du christianisme sur les préjugés de Gardiner et Gilbert mérite d'être explorée plus avant. Le christianisme, en tant que religion dominante dans leurs contextes culturels respectifs, a historiquement façonné les normes sociétales, y compris les rôles des hommes et des femmes, la sexualité et les idées sur l'amour. Ces influences peuvent inconsciemment influencer sur l'interprétation des textes anciens, conduisant à l'imposition de cadres et d'attentes chrétiennes à des œuvres non chrétiennes ou pré chrétiennes. La gêne ou la réticence à considérer des interprétations alternatives qui s'écartent des perspectives chrétiennes traditionnelles peut limiter la portée de l'analyse et empêcher une compréhension plus nuancée de la littérature égyptienne ancienne.

Mais on peut aussi imputer les choix de Gardiner et Gilbert au manque d'informations sur le personnage de Mehy.

Selon Peter Feinman qui a publié un rapport sur le site egyptology.com⁵⁴, Mehy est resté une présence mystérieuse et périphérique dans l'égyptologie du XXe siècle. Feinman a examiné plusieurs perspectives savantes sur Mehy, notamment celles de James Henry Breasted, Bill Murnane et John Schmidt.

⁵⁴https://www.academia.edu/27419814/The_Mehy_Papers_Text_and_Lifestyle_in_Translation

L'analyse de Breasted datant de 1899 suggère que Mehy était le frère aîné de Ramsès et le fils aîné de Sêti. Breasted conclut que Ramsès s'est inséré lui-même dans les reliefs, effaçant l'image de son frère aîné pour légitimer sa propre position. Breasted spéculait également sur les événements qui ont conduit à cette altération, proposant que Ramsès ait comploté contre son frère et se soit emparé du trône après l'enterrement de leur père.

L'accent est ensuite mis sur l'étude de la poésie amoureuse égyptienne, en particulier d'une chanson d'amour ramesside sur Mehy. La publication d'Alan Gardiner en 1931 comprend une note de bas de page qui émet l'hypothèse que Mehy pourrait être un prince royal. Paul Smither, en 1948, fournit des preuves supplémentaires en identifiant le nom de Mehy dans les archives égyptiennes, ce qui indique son identité royale. Michael Fox, en 1985, considère Mehy comme une figure de Cupidon représentant le pouvoir de l'amour.

Les recherches de Bill Murnane contribuent à une meilleure compréhension de Mehy. Il suggère que Mehy était un roturier d'origine inconnue qui possédait des qualités de chef militaire et était proche du roi. Murnane note le dédain de Ramsès pour Mehy et ses efforts pour l'éclipser dans les archives historiques. Malgré les tentatives de Ramsès d'effacer l'héritage de Mehy, son impact sur la mémoire égyptienne a persisté.

Le texte explore également la théorie proposée par John Schmidt, qui suggère que Ramsès a dû faire face à un défi à l'intérieur de l'Égypte et qu'il a cherché le soutien de guerriers cananéens. Les complexités géopolitiques de l'époque, notamment la Nubie et l'expansion des Peuples de la mer, sont abordées pour fournir un contexte au règne de Ramsès.

L'auteur émet l'hypothèse que Mehy a pu être le challenger du trône de Ramsès, compte tenu de ses motivations, de ses moyens et de l'opportunité qui s'offrait à lui. L'article conclut en suggérant que le nom de Mehy et la possibilité d'une autre issue ont continué à intriguer les Égyptiens, même si le pouvoir de l'Égypte a décliné à l'époque ramesside.

En conclusion, les préjugés et les limites de Gardiner et Gilbert dans leurs traductions de la troisième strophe de l'ancien poème d'amour égyptien soulignent la nécessité d'un examen minutieux et critique de leurs interprétations. Leurs préjugés, potentiellement enracinés dans leurs origines chrétiennes, démontrent une tendance à imposer des notions prédéterminées et des cadres culturels au poème. Il convient de mentionner que Mehy était pratiquement inconnu lorsque Gardiner et Gilbert ont traduit le poème et que les poèmes d'amour de l'Égypte ancienne sont connus pour être chargés d'érotisme, des détails qui auraient pu renforcer leurs préjugés.

Dans leur traduction, Armah et Somet ont choisi de conserver la séquence conversationnelle entre les protagonistes telle qu'elle est décrite dans le papyrus original. Cette

décision modifie considérablement le ton général de la strophe et la distingue des traductions de Gardiner et Gilbert. Le récit suit le frère, en voyage pour admirer la beauté de sa sœur, qui rencontre Mehy en chemin. Il est déchiré entre le fait de s'engager avec ce personnage important et celui de l'éviter. Cette interprétation souligne le dilemme auquel est confronté un jeune homme qui ne sait pas s'il doit répondre à l'appel de son cœur ou entrer dans le groupe très uni de Mehy, ce qui serait un honneur. Ces choix de traduction faits par Armah et Somet prennent tout leur sens lorsque l'on tient compte des informations sur Mehy qui n'étaient pas disponibles pour Gardiner et Gilbert.

7 CONCLUSION

Dans ce mémoire de maîtrise, nous nous sommes lancés dans une exploration approfondie de la traduction de la poésie égyptienne ancienne, en utilisant une analyse bourdieusienne pour examiner les traductions d'Alan H Gardiner (AHG) et d'Ayi Kwei Armah (AKA) en anglais, et de Pierre Gilbert (PG) et de Yoporeka Somet (YS) en français. Notre recherche s'est penchée sur la complexité des choix linguistiques, des contextes culturels et des antécédents des traducteurs, dans le but d'élucider les dynamiques complexes impliquées dans la traduction de la poésie égyptienne ancienne dans différentes langues. Dans un résumé chapitre par chapitre, nous récapitulerons les idées développées et les conclusions tirées, et nous proposerons des orientations de recherche futures afin d'élargir le champ de cette enquête.

Le chapitre 2 explore la nature complexe de la traduction, en soulignant ses défis inhérents et le pouvoir de transformation qu'elle possède. Il souligne que la traduction n'est pas un simple transfert mécanique de mots d'une langue à l'autre, mais un processus créatif qui exige une compréhension profonde et une sensibilité aux nuances culturelles.

Nous discutons de l'importance de capturer totalement le texte original tout en l'adaptant à un nouveau contexte linguistique et culturel. Ils soulignent le rôle du traducteur en tant que médiateur entre les langues, les cultures et les perspectives. Le traducteur doit trouver le juste équilibre entre la fidélité au texte source et le besoin d'adaptabilité afin de communiquer efficacement avec le public cible.

Le chapitre se penche également sur la nature transformatrice de la traduction, suggérant qu'elle a le potentiel de combler les fossés, de favoriser la compréhension interculturelle et de remettre en question les idées reçues. Il reconnaît que la traduction n'est pas un acte neutre, car chaque traducteur apporte inévitablement ses propres préjugés, expériences et interprétations dans le processus.

En outre, nous reconnaissons les limites de la traduction, en admettant que certains aspects tels que les jeux de mots, les références culturelles et les nuances linguistiques peuvent être difficiles à transmettre pleinement dans une autre langue. Nous soulignons l'importance de la créativité et de l'ingéniosité pour trouver des solutions adaptées.

Dans le chapitre 3, nous discutons de la nature socialement réglementée de la traduction et de la responsabilité sociale des traducteurs. Nous soulignons la pertinence du modèle de Bourdieu pour comprendre les relations de pouvoir inhérentes aux activités de traduction et la manière dont les traducteurs et d'autres agents façonnent ces dynamiques de

pouvoir. Le concept d'*habitus* est exploré en relation avec les actions des traducteurs et leur adhésion ou divergence par rapport aux normes de traduction.

Nous mettons également l'accent sur l'influence du domaine ou du contexte de traduction dominant sur les décisions et les actions des traducteurs. L'interaction entre l'*habitus* du traducteur et les espaces sociaux, culturels, idéologiques et personnels dans lesquels il évolue est considérée comme importante. En considérant le rôle des individus dans la pratique de la traduction, le modèle de Bourdieu permet de mieux comprendre la tension qui sous-tend les choix individuels en matière de traduction.

Nous soutenons que le traducteur est un agent important au sein du système de production, responsable de la fusion de diverses forces en une unité de production cohésive. L'objectif de notre analyse est de présenter un cadre de conceptualisation de l'agence dans une perspective bourdieusienne. Nous proposons que des approches sociologiques soient nécessaires pour découvrir les facteurs sociaux qui influencent les actions de traduction.

Dans l'ensemble, notre analyse met en évidence la relation dialectique entre les traducteurs et leurs contextes sociaux, en soulignant la construction des agents par leurs contextes et l'impact de cette interaction sur le comportement du traducteur au cours du processus de traduction.

Le chapitre 5 a servi de pierre angulaire à notre analyse en examinant les caractéristiques distinctes de la poésie égyptienne ancienne et les défis inhérents qu'elle pose à la traduction. Nous avons exploré les structures linguistiques complexes employées dans les textes égyptiens anciens, l'utilisation courante d'expressions métaphoriques et les contextes culturels et historiques qui influencent l'interprétation des œuvres poétiques. Le chapitre explore le processus de déchiffrement des textes égyptiens anciens, en se concentrant sur les hiéroglyphes et l'écriture hiératique. Les hiéroglyphes, le système d'écriture pictographique, font l'objet de plus d'attention et d'études que l'écriture hiératique. Ce chapitre souligne les difficultés rencontrées pour déchiffrer ces deux systèmes d'écriture propres à l'Égypte antique.

En résumé, le déchiffrement des textes égyptiens anciens pose des problèmes, les hiéroglyphes recevant plus d'attention que l'écriture hiératique. Les outils logiciels et les tableaux de corrélation facilitent la traduction, bien que la nature ardue du processus soit reconnue. La traduction de la littérature égyptienne ancienne, en particulier des poèmes d'amour, présente des obstacles supplémentaires en raison des différences culturelles et linguistiques. Les experts conseillent de saisir les éléments culturels, les métaphores et les

nuances de la langue, tandis que les collaborations et les approches interdisciplinaires améliorent la compréhension.

Le chapitre 6 traite du contexte de production et de la méthodologie de recherche d'une étude dans le domaine de la traduction. Il met en évidence les trois principaux domaines d'intérêt des études sur la traduction : le produit, le processus et le contexte. Nous soutenons que ces domaines ne peuvent être étudiés isolément et proposons un modèle contextuel intégré qui prend en compte l'interaction entre le contexte, le processus, les agents et les produits.

La conception de la recherche implique une approche explicative, visant à analyser les facteurs influençant l'agence dans les traductions. L'étude adopte une méthode d'étude de cas, se concentrant sur des traductions spécifiques réalisées par des traducteurs particuliers. L'utilisation d'entretiens menés par courrier électronique permet d'obtenir des informations approfondies et des réponses réfléchies de la part des participants. La collecte de données comprend également la collecte manuelle d'échantillons de traduction et l'utilisation de sources secondaires pour comprendre le contexte social et culturel des traductions.

Les données recueillies sont analysées à l'aide de l'approche du champ de Bourdieu, qui examine les actions des agents dans leur contexte social. L'analyse comprend l'étude du champ de production et des entretiens avec les traducteurs et les éditeurs, ainsi que la comparaison des traductions afin d'identifier les processus de prise de décision au niveau textuel.

Nous reconnaissons les limites de l'étude, soulignant que les résultats sont spécifiques aux traductions française et anglaise de SKHMKHT EA et ne peuvent être généralisés à d'autres contextes. Nous y donnons un aperçu du contexte de production et de la méthodologie de recherche utilisée dans une étude de traduction. Nous mettons l'accent sur l'interconnexion du produit, du processus et du contexte dans la recherche sur la traduction, en préconisant une approche intégrée. En adoptant une méthode d'étude de cas, nous visons à acquérir une compréhension approfondie des facteurs qui influencent l'agence dans les traductions.

L'utilisation d'entretiens par courrier électronique est présentée comme une méthode efficace de collecte de données, permettant d'accéder aux pensées et aux perspectives des participants. Le texte reconnaît également les limites de l'étude, notamment l'incapacité à déchiffrer l'écriture hiératique et la nécessité de poursuivre les recherches dans d'autres contextes et avec d'autres traducteurs.

Nous mentionnons l'approche du champ de Bourdieu pour souligner l'importance d'analyser les actions de traduction dans leur contexte social. Cela suggère une compréhension

plus large de la traduction en tant que phénomène socioculturel et reconnaît l'influence des facteurs externes sur les processus de prise de décision.

Dans l'ensemble, le texte fournit une vue d'ensemble de la méthodologie de recherche et du cadre contextuel utilisé dans l'étude, préparant le terrain pour une analyse plus approfondie de l'agence en traduction et de ses implications dans des contextes culturels et linguistiques spécifiques.

Dans le chapitre 6, nous nous sommes concentrés sur les traductions anglaises d'AHG et d'AKA, en procédant à une analyse comparative méticuleuse de leurs choix linguistiques et de leurs stratégies d'interprétation. Cette analyse nous a permis d'identifier des divergences significatives entre les deux traductions, notamment en ce qui concerne la représentation des émotions, l'utilisation de termes spécifiques et la tonalité générale de la poésie. Ces résultats mettent en lumière la manière dont les antécédents des traducteurs, leurs inclinations personnelles et leurs préférences linguistiques ont influencé leurs choix et, par conséquent, la perception et l'engagement que des lecteurs pourraient avoir à l'égard des textes poétiques. Les conclusions de ce chapitre mettent en évidence la nature subjective de la traduction et soulignent la nécessité pour les traducteurs de naviguer dans leur propre positionnement socioculturel et son influence sur les versions en langue cible.

Ensuite nous nous sommes penchés sur les traductions françaises de PG et YS, en fournissant un examen approfondi de leurs approches et de leurs décisions pour transmettre l'essence de la poésie de l'Égypte ancienne. Nous avons examiné les variations dans l'expression des émotions, la description des personnages et la représentation des éléments culturels. Grâce à cette analyse, nous avons souligné la nature subjective des interprétations des traducteurs et les implications qui en découlent pour la compréhension et l'appréciation des œuvres poétiques par les lecteurs. Les conclusions tirées de ce chapitre soulignent l'importance de comprendre l'influence des origines et des idéologies des traducteurs dans l'élaboration des textes traduits.

Tout au long de notre recherche, il est apparu que la traduction est loin d'être un acte neutre. Il s'agit au contraire d'un processus actif lié au positionnement socioculturel des traducteurs, à leur accès au capital symbolique et à leur habitus. Ces facteurs influencent considérablement les choix faits par les traducteurs pour représenter le texte source, ce qui a finalement un impact sur la réception et l'interprétation des œuvres traduites par les lecteurs. Nos conclusions soulignent la nécessité de cultiver une compréhension nuancée des pratiques

de traduction, en reconnaissant l'influence profonde des subjectivités des traducteurs et le potentiel d'interprétations divergentes.

Bien que notre mémoire de maîtrise ait apporté des contributions au domaine des études sur la traduction, au vu de l'évolution constante des découvertes sur l'Égypte antique, il existe de nombreuses pistes de recherche futures qui peuvent développer et compléter nos résultats.

Les suggestions suivantes proposent des orientations potentielles pour une exploration plus approfondie :

1. Intégrer d'autres traductions : Bien que nous nous soyons concentrés sur des traducteurs spécifiques et leurs interprétations de la poésie égyptienne ancienne, des recherches plus approfondies pourraient inclure l'examen de traductions d'autres langues. L'exploration d'un éventail plus large de traductions permettrait de mieux comprendre les défis et les possibilités de transmission de l'essence poétique dans différents contextes linguistiques et culturels.

2. Réception des lecteurs et retour d'information : S'intéresser au point de vue des lecteurs et mener des études empiriques sur la manière dont les différentes traductions sont reçues et interprétées par des publics divers pourrait enrichir notre compréhension de l'impact des choix de traduction. L'analyse des réactions des lecteurs et la réalisation d'études qualitatives et quantitatives permettraient d'obtenir des informations précieuses sur l'efficacité des différentes stratégies de traduction et leur résonance auprès des lecteurs.

3. Approches interdisciplinaires : L'intégration de perspectives interdisciplinaires telles que la linguistique cognitive, l'analyse de corpus ou les théories de la traduction postcoloniale peut fournir d'autres angles d'analyse de la traduction de la poésie égyptienne ancienne. Ces méthodologies peuvent offrir de nouvelles perspectives et enrichir notre compréhension des complexités liées à la transmission de la poésie à travers les langues et les cultures.

4. Analyse historique et contextuelle : L'étude du contexte historique et culturel des traducteurs et de leurs publics cibles permettrait d'éclairer davantage les dynamiques socio-politiques qui façonnent les choix de traduction. L'étude de la réception de la poésie égyptienne ancienne à différentes périodes de l'histoire et l'analyse de l'impact socioculturel des traductions pourraient révéler des modèles et des transformations intrigants.

5. Analyse comparative d'autres théories de la traduction : Bien que notre thèse ait adopté une perspective bourdieusienne, des recherches futures pourraient explorer l'application

d'autres théories de la traduction, telles que la théorie du polysystème ou la théorie féministe de la traduction, afin de mettre en lumière différents aspects de la traduction de la poésie égyptienne ancienne. La comparaison et l'opposition des résultats obtenus à partir de différents cadres théoriques peuvent contribuer à une compréhension plus complète du domaine.

En approfondissant ces axes de recherche, les chercheurs peuvent continuer à démêler les nuances complexes de la traduction de la poésie égyptienne ancienne. Grâce à une exploration continue et à une collaboration interdisciplinaire, nous pouvons améliorer notre compréhension des complexités et des possibilités inhérentes à ce domaine d'étude fascinant.

En conclusion, notre mémoire a démontré la relation complexe entre les traducteurs, les textes sources et les langues cibles dans la traduction de la poésie égyptienne ancienne. En nous appuyant sur le cadre théorique de Bourdieu, nous avons mis en évidence l'influence profonde des subjectivités des traducteurs sur l'interprétation et la représentation des œuvres poétiques. Notre analyse des traductions d'AHG, AKA, PG et YS a révélé la complexité de la transmission du caractère de la poésie égyptienne ancienne en anglais et en français. Nous avons identifié des domaines potentiels de recherche future, encourageant les chercheurs à explorer d'autres traductions, à s'intéresser aux perspectives des lecteurs, à adopter des approches interdisciplinaires et à se plonger dans les contextes historiques et culturels entourant les pratiques de traduction. En saisissant ces opportunités, nous pourrions approfondir notre connaissance des complexités liées à la traduction de la poésie égyptienne ancienne et contribuer au domaine en constante évolution de la traductologie.

REFERÊNCIAS

- GARDINER A. H. **The library of A. Chester Beatty: description of a hieratic papyrus with a mythological story, love-songs, and other miscellaneous texts.** London: Oxford University press, 1931.
- BAKER, M. **Translation and conflict: A narrative account.** London: Routledge, 2006
- BAKER, M. Translation and activism: Emerging patterns of narrative community. **Translation, resistance, activism.** Amherst and Boston: University of Massachusetts Press, 2010, p. 23-41.
- BANDIA, P.F. **Translation as reparation: Writing and translation in postcolonial Africa.** Manchester: St Jerome Publishing, 2008.
- BOURDIEU, P. **Outline of a theory of practice.** Tradução: Nice, R. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- BOURDIEU, P. **Distinction: A social critique of the judgment taste.** Tradução: Nice, R. Cambridge: Harvard University Press, 1984.
- BOURDIEU, P. The social space and the genesis of groups. **Theory and Society**, v.14, n.6, 1985, p.723-744.
- BOURDIEU, P. The forms of capital. Tradução: Nice, R. **Handbook of theory and research for the sociology of education.** New York: Greenwood Press, 1986, p. 46-56.
- BOURDIEU, P. Les conditions sociales de la Circulation Internationale des Idées. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, v. 145, 2002, p. 3-8.
- BOURDIEU, P. ; WACQUANT, L. Towards a reflexive sociology : A workshop with Pierre Bourdieu. **Sociological Theory**, v. 7, n. 1, 1989, p. 26-63.
- BOURDIEU, P.; WACQUANT, L. **An invitation to reflexive sociology.** Chicago: The University of Chicago Press, 1992.
- BUENDIA, C. Listening to the voice of the translator: A description of translator's notes as paratextual elements. **Translation and Interpreting**, v. 5, N. 2, 2013, p.149-162.
- CURREY, J. **Africa writes back: The African writers series and the launch of African literature.** Oxford: James Currey, 2008.
- DAMSROCH, D. Translation and World Literature: Love in Necropolis. **The translation studies reader.** New York: Routledge, 2012, p.411-428
- DAVIS, C. **Creating postcolonial literature: African writers and British publishers.** London: Palgrave Macmillan, 2013.

- FEINMAN, P. Ramses and Rebellion: Showdown of False and True. **SBL**. Disponível em: <<https://www.egyptology.com/extreme/mehy/>>. Acesso em 28 mai. 2023.
- GARCÉS, C.V.; BLASI, L.G. Bourdieu and public service interpreting and translation: Towards a social theory in PSIT. **MonTI. Monografías de Traducción e Interpretación**, v. 2, 2010, p. 1-13.
- GENTZLER, E.; TYMOCZKO, M. (Eds.). **Translation and power**. Amherst & Boston: University of Massachusetts Press, 2002.
- GILBERT, P. Le Grand Poeme d'Amour du Papyrus Chester-Beatty I. **Chronique d'Égypte**, v. 17, n. 34, 1942, p.185-198.
- GOUANVIC, J. A Bourdieusian theory of translation, or the coincidence of practical instances. **The Translator**, v. 11, n. 2, 2005, p.147-166.
- HANNA, S. **Bourdieu in translation studies: The socio-cultural dynamics of Shakespeare translation in Egypt**. New York: Routledge, 2016.
- HAYKAL, F. **Translating Ancient Egyptian Culture and Language**. Youtube, 18 jan. 2021. Disponível em: <https://youtu.be/7MZ6K_Wkrlo>. Acesso em 28 mai. 2023.
- HERMANS, T. The production and reproduction of translation: System theory and historical context. **Translations: (Re)shaping of literature and culture**. Istanbul: Bogazici University Press, 2002, p. 175-194.
- INGHILLERI, M. Special issue on Bourdieu and the sociology of translation and interpreting. **The Translator**, v. 11, n. 2, 2005, p. 159-299.
- LAHIRE, B.; WELLS, G. The double life of writers. **New Literary History**, v. 41, n.2, Baltimore: The Johns Hopkins University Press 2010, p. 443-465.
- LOPES, H. ; SAIVRE, D. Entretien avec Henri Lopes. **Recherche, Pedagogie et Culture**, Paris, v. 59, 1982, p. 120-122.
- MARAIS, K. **Translation theory and development studies: A complexity theory approach**. New York: Routledge, 2014.
- MILTON, J.; BANDIA, P. **Agents of translation**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2009.
- NIDA, E. **God's Word in man's language**. Michigan: Harper, 1952.
- PARKINSON, R. **Cracking Codes: The Rosetta Stone and Decipherment**. Oakland: University of California Press, 1999.
- SALDANHA, G.; O'BRIEN, S. **Research methodologies in translation studies**. New York: Routledge, 2014.

SAPIRO, G. Translation and the field of publishing: A commentary on Pierre Bourdieu's "A conservative revolution in publishing". **Translation Studies**, v. 1, n. 2, 2008, p.154-166.

TYMOCZKO, M. **Enlarging translation, empowering translators**. Manchester: St Jerome, 2007.

TYMOCZKO, M. Why translators should want to internationalize translation studies. **The Translator**, v. 15, n. 2, 2009, p. 401-421.

TYMOCZKO, M. Ideology and the position of the translator: In what sense is a translator 'In between'. **Critical readings in translation studies**. Oxon: Routledge, 2010, p. 213-228.

VENUTI, L. **The translation studies reader**. New York: Routledge, 2012.

WA THIONGO'O, N. **Decolonising the mind: The politics of language in African literature**. Nairobi: East African Educational Publishers, 1986.

WILKINSON, T. **Writings from Ancient Egypt**. London: Penguin Classics, 2016.

WOLF, M. Introduction: The emergence of a sociology of translation. **Constructing a sociology of translation**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2007a, p. 1-36.

WOLF, M. The location of the "translation field". Negotiating borderlines between Pierre Bourdieu and Homi Bhabha. **Constructing a sociology of translation**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2007b, p. 111-119.

ANEXO A - VERSION DU POEME PAR AYI KWEI ARMAH

On Love Sublime

Beginning of the poem on the supreme delight:

Ah, the sister without rival
 Most beautiful of all;
 Behold her, like the morning star
 Marking the dawn of a good new year,
 Perfect, bright, with lustrous skin,
 Her eyes seductive as she gazes,
 Her lips delightful when she speaks,
 With never a word too many.
 Slender is her neck, alluring her breasts.
 Her hair is the color of real lapis,
 Her arms put gold to shame.
 Her fingers are like the lotus.
 Rounded her behind, delicate her waist.
 Her thighs extend her beauty.
 Elegant her motion as she glides on earth,
 She's won my heart with her embrace.
 She makes the neck of every man
 Turn round at the sight of her.
 Happy he whom she embraces,
 He becomes the champion of all lovers.
 Behold her as she steps outside,
 Like the Unique Goddess, Hathor.

Second Stanza

My brother breaks my heart with his voice.
 He's made sickness seize hold of me.
 And yet he lives close to my mother's house,
 But I cannot go visit him

As for my mother; she's no doubt wise to warn me:

"Give up the idea

Don't think of seeing him."

See, it tears my heart just to think of him;

I'm ravished by love of him.

But look at him, like a man out of his senses.

Yet come to think of it, I'm just like him.

Little does he know how I yearn to embrace him

Or he would send to my mother.

Oh my brother, I'm your promised one,

Destined by the Gold Goddess of women.

Come to me. Let me see your beauty.

My father and mother would be overjoyed.

All my people would acclaim you together

And they would hail you: Brother!

The Third Stanza

My heart was bent on beholding her beauty

As I happened to be around her house;

But then I found Mehy on the way, in his chariot,

Along with his retinue.

I wondered: should I slip away from his presence,

Or just casually pass him by?

River and road looked alike;

I couldn't think which way to step.

Oh my heart, how unsteady you are!

Why on earth did you wish to meet Mehy?

See, if I pass before him,

I make him aware of my movements

As if I were telling him: Look, I am yours.

Then he would bawl out my name

And draw me into the inner circle

Of his retinue.

Fourth Stanza

My heart turns absolutely restless
 Every time I think about your love.
 It doesn't let me act normally.
 It's broken loose from its moorings.
 It won't let me dress decently,
 Or even throw on a scarf.
 I no longer dab kohl on my eye,
 Or soothe my skin with oil.
 "Don't just stay there. Go in to him"
 That's what my heart says whenever I think of him.
 Ah, my heart, don't push me to act rashly.
 Why are you playing the fool?
 Quiet. Be calm. The brother will come to you.
 Multitudes would do the same.
 Don't let it be said of me: There's a woman brought low by love.
 Just stay calm whenever you think of him.
 Don't go off your balance, my heart.

Fifth Stanza

I've honored the Gold Goddess, sung praises to Her Majesty;
 I've exalted the Mistress of Heaven
 I've offered grace to Hathor,
 And paid homage to the Sovereign Divine,
 Imploring her to heed my prayers.
 In response, the Sovereign Goddess sent me my beloved.
 Yes, my sister came of herself to see me.
 How wonderful, that this happened to me!
 I felt great, estatic, overjoyed
 When I was told: "Hey, there she is!"
 Behold, when she came, all around her bowed,
 So intense is the love she rouses.
 Now shall I praise my Goddess
 To bring me my sister, her gift.

Three days from yesterday since I've been praying
For her. But she's been gone from me these past five days.

Sixth Stanza

I passed by in front of his house
And found his door was open.
There was the brother; standing by his mother,
And all his siblings there with him.
Love for him overpowered every passerby,
Ah, perfect, peerless youth
Excellent brother, a living miracle.
He glanced at me as I passed by.
Alone, I was filled with joy.
How happily my heart skips,
O Brother, the moment I see you.
If only mother understood my love!
She would agree at once.
O Golden Hathor; slip the thought into her heart,
So I can hurry to the brother.
I would kiss him in front of his household,
I would not cry tears for anyone.
I would be happy to have them understand
That you 're the one who knows me.
I would offer a feast to my special Goddess.
How my heart yearns to break loose,
To let me see the brother in the beauty of the night.
How wonderful, this thing that has happened!

Seventh Stanza

Seven days to yesterday since I saw the sister;
Now sickness has bored deep into me;
I've grown heavy in my limbs
And my body has lost all sense of feeling.
Now even if the greatest doctors came to me,

My heart would find no solace in their remedies.
As for ritual diviners, they have no solution.
My illness cannot be diagnosed.
Only if I were told: "Here she is!" Now that would cure me.
Her name: that's what can revive me.
The coming and going of her messengers:
That's what can vitalize my heart.
The sister's better for me than any medicine.
She is worth more to me than any prescription.
My cure is for her to come in at last from outside.
Just seeing her would make me well.
When she opens her eyes, my body sheds years.
Just let her speak, and I'm back alive.
The moment I hug her, she'll drive sorrow away from me,
But since she went away from me, it's seven days.

ANEXO B - VERSION DU POEME PAR YOPOREKA SOMET

Du grand amour

Commencement des paroles du grand poème :

L'Unique, la sœur sans pareille,
 la plus belle de toutes les dames
 Regarde-la, semblable à l'étoile du matin
 quand elle apparaît au début d'une nouvelle année !
 Celle dont brille l'excellence, celle à la couleur éclatante,
 Celle aux beaux yeux quand elle regarde,
 Celle à la lèvre douce quand elle parle :
 Elle n'a aucune parole excessive.
 Celle au long cou et à la poitrine généreuse,
 Ses cheveux sont en lapis-lazuli véritable.
 Son bras surpasse l'or.
 Ses doigts sont comme des lotus.
 Celle aux fesses arrondies et à la poitrine resplendissante,
 Celle dont les deux jambes défendent la beauté,
 Celle à la démarche plaisante quand elle foule le sol
 De son étreinte, elle ravit mon cœur.
 Elle fait que les cous de tous les hommes
 Se tournent pour la contempler.
 Elle est heureuse, toute personne qu'elle embrasse.
 Celui-là devient comme le premier les amoureux.
 Quand on la voit sortir au dehors,
 Elle est alors pareille à l'Unique Déesse Hathor !

Deuxième stance

Le frère est train de ravir mon cœur par sa voix
 Il a fait qu'une maladie s'empare de moi.
 Il est pourtant voisin du domicile de ma mère
 Mais je ne peux aller chez lui.

Quant à ma mère, elle est bien gentille avec sa recommandation :

« Ne songe pas à l'idée

« Ne songe pas à le voir ! »

Vois, mon cœur est triste quand il pense à lui

Son amour s'empare de moi

Vois, il est comme quelqu'un qui n'a pas de sentiment

Mais, en vérité, je suis comme lui.

Cependant, il ne connaît pas mon désir de l'étreindre

Sinon il enverrait un message à ma mère.

Oui frère, Je suis assignée à être à côté de toi

par la déesse d'or des dames (Hathor).

Viens à moi afin que je contemple ta beauté!

Mon père et ma mère en seraient ravis;

Mes familiers t'acclameront ensemble,

comme un seul homme. Ils t'acclameraient, Frère !

Troisième stance

Mon cœur avait l'intention de voir sa beauté

tandis que je me trouverais à son domicile

Mais c'est alors que j'ai trouvé Méhy en route sur son char

en compagnie de ses amis.

Je ne savais comment me conduire devant lui,

ou si je passerai près de lui libre de mes mouvements.

Même le fleuve ressemble à un chemin;

mais je ne sais où poser mes pieds.

Tu es bien inconscient, mon cœur!

Pourquoi donc veux-tu rencontrer Méhy?

Vois, si je passe devant lui,

Je lui dirai ce qui me tourmente.

« Vois, je suis à toi », lui dirai-je !

Il célébrera mon nom

et il me comptera parmi le premier cercle

qui est en sa compagnie.

Quatrième stance

Mon cœur se dérobe à toute vitesse
 aussitôt que je pense à ton amour.
 Il ne permet pas que je me promène comme tout le monde
 Il s'échappe de sa position habituelle.
 Il ne permet même plus que j'enfile ma tunique,
 Je ne revêts pas non plus mon voile.
 De même, je ne mets plus de fard à mes yeux.
 Je ne m'enduis plus d'onguent.
 « Ne reste pas là, rentre plutôt chez lui à la maison ! »
 Me dit-il chaque fois que je pense à lui.
 « Ne fais pas l'insensé ave moi, mon cœur ! »
 « Oh, pourquoi fais-tu donc l'idiot? »
 Reste tranquille, et le frère viendra vers toi !
 Beaucoup d'autres feront de même.
 Ne laisse pas dire de moi : « Une femme égarée par l'amour! »
 Sois ferme chaque fois que tu penses à lui!
 Ne te dérobe pas, mon cœur!

Cinquième stance

J'ai adoré la Dorée (Hathor) et rendu grâce à sa Majesté
 J'ai exalté la Maîtresse du Ciel
 J'ai rendu les adorations à Hathor
 ainsi que des hommages à la Souveraine
 Je l'ai invoquée pour qu'elle entende mes suppliques
 Et la Souveraine me l'a assignée !
 Alors, elle (la sœur) est venue d'elle-même pour me voir.
 Que c'est important, ce qui m'est arrivé !
 J'étais dans l'exultation, la béatitude et la plénitude
 quand on a dit : « Oh, la voici ! »
 Vois, quand elle apparaît, les amoureux se prosternent en adoration !
 à cause de la grandeur de son amour.
 Je ferai des louanges à ma déesse
 pour qu'elle m'accorde la sœur en don!

Cela fait trois jours depuis hier que je fais des suppliques
à son sujet, mais elle est partie loin de moi depuis cinq jours.

Sixième stance

Je suis passée à proximité de sa maison,
J'ai trouvé sa porte ouverte.
Le frère se tenait aux côtés de sa mère
tous ses frères et sœurs étant en sa compagnie.
Son amour saisit le cœur de tout passant sur le chemin.
C'est un jeune homme excellent, sans pareil
Un frère distingué pour ses qualités.
Il a posé son regard sur moi lorsque je suis passée par là,
j'étais alors seule à jubiler !
Qu'il est heureux mon cœur, d'allégresse
lorsque je te vois, frère !
Ah ! Si ma mère connaissait mon désir !
elle rentrerait chez elle au moment opportun
Ô la Dorée, mets cela dans son cœur
Et alors, je me précipiterai vers le frère !
et je l'embrasserai devant ses compagnons.
Je ne pleurerai pas à cause des gens
Je serai heureuse qu'ils comprennent
et de savoir que tu me reconnais.
Je ferai une fête en l'honneur de ma déesse
Mon cœur s'est échappé au point de sortir à l'extérieur,
Et pour faire que je vois le frère cette nuit.
Que c'était agréable, ce qui est arrivé !

Septième stance

Sept jours depuis hier que je n'ai pas vu la sœur !
La maladie s'est emparée de moi
Tout mon corps est devenu lourd
Au point que j'ai perdu toute conscience!
Même si venaient à moi les chefs des médecins,

mon coeur ne serait point soulagé par leur remède!
Même les prêtres-lecteurs n'y trouveraient solution !
On ne peut diagnostiquer ma maladie
Seul le fait de me dire : « la voici », me ferait revivre!
Son seul nom, voilà ce qui me relèverait !
Seuls les va et vient de ses messagers
pourraient faire revivre mon cœur!
La sœur m'est plus agréable que tout médicament.
Elle est plus importante pour moi que la somme médicale
Mon salut, c'est qu'elle vienne enfin de l'extérieur!
La voir enfin me redonnerait alors la santé.
Qu'elle ouvre les yeux et mon corps rajeunirait.
Qu'elle parle et alors je retrouverais la force.
Quand je l'embrasserai, elle écartera de moi la tristesse.
Mais voilà sept jours qu'elle est partie loin de moi!

ANEXO C - INTERVIEW DE YOPOREKA SOMET

Première partie

01-Quelle est votre formation en traduction des hiéroglyphes ?

Ma formation initiale est la philosophie (Doctorat) et la Sociologie (Licence). Ensuite, j'ai étudié l'Égyptologie (Doctorat) en commençant par l'étude de la langue hiéroglyphique pharaonique ; c'est cela qui m'a permis de savoir lire et écrire les hiéroglyphes, et donc de traduire parfois des textes de l'Égypte ancienne, écrits dans cette langue.

02-Depuis combien de temps traduisez-vous les hiéroglyphes ?

J'ai commencé l'apprentissage des hiéroglyphes en octobre 1996 à l'Institut d'égyptologie de l'Université de Strasbourg en France, il y a donc un peu plus de 26 ans. Puis j'ai soutenu ma thèse de doctorat en Égyptologie en octobre 2016 à l'Université Cheikh Anta Diop de Dakar au Sénégal. Entre temps, à partir de l'année 2003, j'ai donné des cours d'initiation à la langue égyptienne pharaonique (initiation aux hiéroglyphes). Donc, je peux considérer que mon travail de traduction des hiéroglyphes date de 2003, dans le cadre de mon enseignement.

03-Quels sont les principaux défis auxquels vous êtes confronté lorsque vous traduisez des hiéroglyphes ?

Les défis sont les mêmes que dans n'importe quelle langue ancienne qui n'est plus parlée de nos jours. Mais c'est assez différent cependant du latin et du grec ancien dans la mesure où il s'agit d'une langue plus ancienne encore, dont la compréhension a été perdue et oubliée pendant 15 siècles au moins, depuis l'édit d'interdiction de l'empereur romain Théodose en 380 AD jusqu'au déchiffrement des hiéroglyphes par Jean-François Champollion en septembre 1822. Le principal défi ici, c'est d'être bien sûr de comprendre véritablement le sens des mots qu'on traduit, en fonction de l'héritage culturel de cette civilisation. Or le plus souvent, les égyptologues ignorent généralement ce contexte culturel qui est proprement africain, car l'Égypte ancienne est une fille de l'Afrique.

04-Quelle est votre approche générale pour la traduction d'un texte en hiéroglyphes ?

J'essaie de tenir compte le plus possible du contexte culturel africain de cette langue. Il s'agit bien d'une langue africaine ancienne, comme l'a montré le déchiffreur des hiéroglyphes, Jean-François Champollion. Cela aide beaucoup de prendre en compte cet aspect, dans les traductions. C'est ce que je fais habituellement.

05-Comment prenez-vous en compte le contexte historique et culturel de l'Égypte antique dans vos traductions ?

Pour moi, la civilisation de l'Égypte ancienne est africaine et sa langue est aussi une langue africaine ancienne que l'on peut comparer avec les langues africaines actuelles. Ce travail a été fait par Cheikh Anta Diop et Théophile Obenga entre autres, en se servant de la méthode de comparaison linguistique utilisée pour comparer les langues indo-européennes entre elles. Ensuite, il y a les faits culturels qui sont encore présents dans les cultures africaines et qui sont d'un grand apport dans la compréhension des textes en général. On ne peut pas isoler une littérature du contexte culturel qui l'a produite.

06-Comment gérez-vous les éventuelles ambiguïtés ou difficultés de sens dans les textes en hiéroglyphes que vous traduisez ?

Comme dit précédemment, les faits culturels africains sont, dans ces cas de figure, les meilleurs arbitres. Donc, en cas d'ambiguïté ou de doute, je me réfère à la culture africaine pour trancher. Les faits culturels n'étant ni aléatoires ni éphémères, ils peuvent permettre de bien saisir l'esprit d'un peuple, même ancien.

07-Comment travaillez-vous avec les réviseurs et les éditeurs pour vous assurer que votre traduction est précise et cohérente ?

Il n'y a malheureusement pas beaucoup d'éditeurs qui connaissent l'égyptien hiéroglyphique pour être en mesure de juger de la justesse d'une traduction. Il y a bien sûr des éditeurs spécialisés, en très petit nombre, dont mon propre éditeur, qui a été mon étudiant en langue hiéroglyphique et qui est capable de m'interpeller quand quelque chose ne lui semble pas clair.

08-Comment gérez-vous les échéances et les délais dans votre travail de traduction ?

Généralement, le problème des délais ne se pose pas car on ne va vers une éventuelle publication que lorsqu'on est assez certain d'avoir bien mené son travail de traduction. C'est un travail de longue haleine, qui peut prendre plusieurs années avant d'être publié.

09-Comment restez-vous informé des dernières découvertes et des avancées dans le domaine de la traduction ?

En suivant régulièrement l'actualité égyptologique, je suis informé des publications qui paraissent en Europe, en particulier en français et en anglais. Je reçois régulièrement le catalogue de la principale librairie d'égyptologie en langue française.

10-Avez-vous déjà eu à faire des choix difficiles en matière de traduction ? Si oui, comment les avez-vous gérés ?

Oui, les exemples de choix ne manquent pas, mais je ne dirai pas que ce sont des choix difficiles. Justement on va généralement vers d'autres options quand celles qui sont proposées par les traductions précédentes ne sont pas totalement satisfaisantes. Alors, en ce qui me concerne, je me réfère à la culture africaine (à laquelle appartient l'Égypte ancienne) pour une traduction plus appropriée, culturellement.

11-Comment travaillez-vous avec les experts en hiéroglyphique pour vous assurer que votre traduction reflète fidèlement les écrits originaux ?

Ce que je fais généralement dans toutes mes publications relatives à l'égyptologie ou à la langue hiéroglyphique, c'est que je reproduis d'abord le texte authentique en hiéroglyphe avant de procéder à sa traduction. Cela permet à tous ceux qui savent lire les hiéroglyphes de contrôler ma traduction par rapport au texte ou au passage cité. C'est cette même démarche qui est suivie dans mes autres publications, notamment les livres comprenant des textes entiers.

12-Comment prenez-vous en compte les différences de syntaxe et de structure entre le hiéroglyphique et les langues modernes dans vos traductions ?

Ici je peux être confronté à un autre type de problème. Généralement, j'écris en français, et quelque fois aussi en anglais. Et donc les traductions de l'égyptien hiéroglyphique se font dans ces langues aussi. Ce qui peut comporter des écarts de sens par rapport à l'égyptien ancien, qui n'est pas directement lié au français ou à l'anglais. Ce serait évidemment très différent si les traductions se faisaient directement dans une langue africaine donnée. Du reste, avec un groupe d'amis, nous avons traduits des textes égyptiens anciens dans quelques langues

africaines. Je pense que nous sommes parmi les tout premiers à le faire, s'agissant de textes littéraires entiers.

13-Comment utilisez-vous les outils technologiques (comme les logiciels de reconnaissance de caractères hiéroglyphiques) dans votre travail de traduction des hiéroglyphes ?

Je n'utilise les outils technologiques que pour écrire et transcrire les signes hiéroglyphiques. Les logiciels de reconnaissance des caractères hiéroglyphiques ne me sont d'aucun secours pour l'instant.

14-Quels sont les sujets ou les domaines de la traduction des hiéroglyphes dans lesquels vous avez le plus d'expérience ?

J'ai beaucoup plus travaillé sur les textes plutôt philosophiques, religieux, littéraires et juridiques jusqu'à présent. J'ai aussi traduit quelques textes mathématiques et médicaux, mais en plus petit nombre.

15-Comment travaillez-vous avec des collègues traducteurs sur des projets de traduction des hiéroglyphes en équipe ?

J'ai travaillé pendant plus de cinq ans avec des collègues sur la traduction de textes littéraires égyptiens que nous avons ensuite publiés en édition multilingue (langues européennes et langues africaines). Pendant toutes ces années, notre équipe, dont les membres se trouvaient sur 3 continents (Afrique, Europe, Amérique) ne se sont jamais réunis physiquement. Cela signifie que le travail s'est entièrement effectué en ligne, depuis le choix des textes, jusqu'à leur publication, en passant par l'étape de la traduction dans différentes langues et la fabrication du livre. Cela a été une expérience unique au cours de laquelle nous avons quand même réussi à traduire et à publier 4 ouvrages dans une dizaine de langues. On peut trouver ces ouvrages aux éditions Per Ankh.

16-Dans quelle mesure la traduction des hiéroglyphes a-t-elle influencé vos préférences personnelles et vos croyances religieuses ?

Les différentes traductions de textes n'ont pas vraiment eu d'effet sur mes préférences ou croyances dans la mesure où je connaissais déjà les problématiques liées à ces textes avant de les traduire. Mais cet exercice m'a donné une meilleure compréhension des textes en question.

17-Comment travaillez-vous pour déterminer les besoins et les attentes du public cible en matière de traduction des textes de l'Égypte antique ?

Pour le choix des textes de l'Égypte ancienne ce qui est pris en compte c'est d'abord la disponibilité du texte original dans son intégralité. C'est la première condition : il faut que le texte soit entier, ou avec le moins de perte possible. Il faut ensuite que l'histoire racontée par le texte puisse parler aux gens d'aujourd'hui. En quelque sorte, il faut que les thèmes abordés trouvent un écho dans la vie réelle des gens d'aujourd'hui. Voici les critères qui inspirent le choix des textes.

18-Comment évaluez-vous la qualité de votre propre travail de traduction et comment vous améliorez-vous en continu ?

En principe, une fois que la traduction d'un texte est faite, elle est soumise à plusieurs lecteurs, dont certains ne connaissent pas l'égyptien hiéroglyphique. Ils ont donc à juger de la valeur littéraire du texte qui leur est soumis. Ensuite, ceux qui connaissent les hiéroglyphes peuvent donner une appréciation de la traduction. En général cela se passe toujours assez bien car il y a un travail de vérification et de relecture qui se fait en amont.

19-Quel est votre processus de travail pour la traduction d'un texte long et complexe ?

Le travail de traduction se fait très lentement, avec beaucoup de patience, comme dans le cadre d'un enseignement. La plupart des traductions que j'ai faites jusqu'à présent l'ont été dans le cadre de l'enseignement ou d'un groupe de travail. Dans les deux cas, on privilégie la compréhension de l'ensemble des membres à la progression de la traduction elle-même. C'est comme si on faisait une explication de texte entre collègues ou dans le cadre d'un enseignement. Donc, forcément, ça met un certain temps, mais le résultat final est très satisfaisant.

20-Dans le cas des traductions pour éditeurs comme Per Ankh, qui s'occupe de la sélection des textes à traduire ?

Les textes qui ont été traduits et publiés aux éditions Per Ankh ont tous été l'objet d'un choix collectif au niveau du groupe de travail SHEMESW BAK (les Compagnons du Devoir). Les principaux critères mis en avant étaient que le texte hiéroglyphique puisse être

disponible et qu'il soit complet. L'autre critère important c'est la pertinence de l'histoire pour notre temps et nos contemporains, quels qu'ils soient.

21- Vous avez mentionné que dans le cas de <SKHMKHT EA, On love Sublime>, vous avez traduit des hiéroglyphes vers le français. Pourquoi ne pas avoir traduit directement de l'hiératique ?

En fait, tous les textes égyptiens que j'ai pu traduire individuellement ou en groupe l'ont été à partir du texte hiéroglyphique et non pas hiératique. Car le hiéroglyphique est considéré comme l'état standard de la langue égyptienne pharaonique. C'est aussi cet état de la langue et cette écriture qui est le plus connue actuellement. C'est la raison pour laquelle le choix s'est toujours porté sur le texte hiéroglyphique plutôt qu'hiératique.

22- Pouvez-vous m'indiquer la source du texte en hiéroglyphes que vous avez traduit pour le livre ?

Pour SKHMKHT EA (« On Love Sublime »), le texte original écrit en hiératique se trouve dans le Papyrus Chester Beatty I, actuellement conservé au British Museum à Londres. Ce texte hiératique a été traduit en hiéroglyphes par l'égyptologue anglais Alan Gardiner et c'est à partir de cette version hiéroglyphique que nous avons fait notre propre traduction, en plusieurs langues : akan (Ghana), anglais, bambara (Mali, Burkina, Côte d'Ivoire), français, Hausa (Niger, Nigeria), Kikongo (Congo, Angola), Kiswahili (Tanzanie, Rwanda, Kenya, Zambie, Uganda), portugais, pulaar (Sénégal, Guinée, Mali, Burkina, Cameroun), wolof (Sénégal, Gambie), Yoruba (Nigeria), Zulu (Afrique du Sud).

Deuxième partie

1-Lorsque vous parlez du contexte culturel africain que les égyptologues ignorent généralement, sachant que l'Afrique est un vaste continent et d'une diversité culturelle et linguistique toute aussi vaste, à quelle culture vous référez vous particulièrement? Lesquelles ont le plus influencé vos choix durant le processus de traduction ?

Lorsque je parle du fait que les égyptologues, notamment européens et en particulier français font beaucoup d'efforts, à mon avis inutiles, pour essayer de séparer l'Égypte ancienne de son contexte culturel africain, je veux tout simplement exprimer un fait d'évidence et de bon sens. Si vous trouvez un fait culturel ou civilisationnel ancien en Inde, au Mexique ou au Brésil,

il ne serait pas logique de séparer cette culture donnée des habitants autochtones des pays cités. Pourquoi donc faire une exception dans le cas de l'Afrique ? Je crois que la raison principale de ce biais intellectuel tient essentiellement à l'idéologie raciste développée par l'Occident contre l'Afrique et les peuples noirs en général et qui continue, même encore aujourd'hui, à influencer et obscurcir l'esprit de la plupart d'entre eux. C'est la seule raison qui explique pourquoi l'Égypte ancienne est souvent considérée comme une anomalie sur le continent africain. Presque toutes les écoles du monde occidental classent l'égyptologie dans les études sur le Proche ou le Moyen Orient (en anglais Near-Eastern Studies). Or l'Égypte n'appartient ni géographiquement, ni culturellement, ni linguistiquement au Moyen Orient. L'Égypte ancienne est un pays d'Afrique, tout comme la Nubie, le Soudan ou l'Éthiopie.

Il suffit de comparer aussi bien la langue égyptienne ancienne, dont le dernier stade est la langue copte, avec les autres langues africaines contemporaines pour se rendre compte que l'égyptien ancien, le copte et les langues africaines contemporaines appartiennent à la même famille linguistique. On peut aussi vérifier cela à travers la culture matérielle de l'ancienne Égypte avec celle de la plupart des sociétés africaines actuelles : elles appartiennent toutes à la même culture. C'est tout cela que le racisme empêche malheureusement beaucoup d'égyptologues de voir...

2-Pouvez-vous m'indiquer des ouvrages de Cheikh Anta Diop et Théophile Obenga qui pour vous ont le plus de pertinence dans l'étude de l'Égypte ancienne et la compréhension de cette civilisation ?

Cheikh Anta Diop est et reste dans l'historiographie africaine un personnage à part, un nom incontournable. Vous ne pouvez pas comprendre l'histoire de l'Afrique, et même celle de l'humanité, sans biais colonial, si vous ne prenez pas en compte les travaux de ce savant. Je dis qu'il est un personnage exceptionnel au regard de son profil, qui est presque unique en Afrique, pour autant que je sache. Cheikh Anta Diop s'est donné d'une double formation scientifique et en sciences humaines. Il est titulaire de deux baccalauréats, obtenus la même année 1945, en mathématiques et en philosophie. A Paris, il a étudié d'abord les mathématiques, puis la philosophie, la linguistique, l'égyptologie, mais aussi la physique et la chimie nucléaires. Rentré au Sénégal après son doctorat d'état, il crée le laboratoire de datation au Carbone 14 au sein de l'Institut Fondamental d'Afrique (IFAN). Il fut aussi membre du Comité scientifique pour la rédaction de l'Histoire Générale de l'Afrique.

Voici pour le profil de Cheikh Anta Diop. Quant à ses œuvres, je peux dire qu'elles m'ont toutes inspirées. Je cite néanmoins ici les principales œuvres :

- 1) Nations nègres et Culture. De l'antiquité nègre égyptienne aux problèmes culturels de l'Afrique noire (1954)
- 2) L'Afrique noire précoloniale. Étude comparée des systèmes politiques et sociaux de l'Europe et de l'Afrique noire de l'Antiquité à la formation des États modernes (1960).
- 3) L'Unité culturelle de l'Afrique noire. Domaines du matriarcat et du patriarcat dans l'Antiquité classique (1960).
- 4) Antériorité des civilisations nègres. Mythes ou vérité historique ? (1967)
- 5) Parenté génétique de l'égyptien pharaonique et des langues négro-africaines (1977)
- 6) Civilisation ou Barbarie. Anthropologie sans complaisance (1981).

Quant à Théophile Obenga, il a été le premier intellectuel africain à comprendre la portée de l'œuvre de Cheikh Anta Diop. Pendant longtemps, il fut son principal disciple sur le plan de la recherche historique. C'est avec Théophile Obenga que cheikh Anta Diop a participé en 1974 à l'important colloque organisé par l'Unesco au Caire en Égypte, pour discuter de l'origine ethnique des anciens Égyptiens, de leur langue, de leur civilisation et de leur appartenance ou non au continent africain. Le compte-rendu de ce colloque se trouve dans le volume II de l'Histoire Générale de l'Afrique.

Venons-en maintenant aux principales œuvres de Théophile Obenga qui m'ont inspirées :

- 1) L'Afrique dans l'antiquité. Égypte pharaonique – Afrique noire (1974)
- 2) La philosophie africaine de la période pharaonique. 2780 – 330 avant notre ère (1990)
- 3) Origine commune de l'égyptien ancien, du copte et des langues négro-africaines modernes. Introduction à la linguistique historique africaine (1993)
- 4) La géométrie égyptienne. Contribution de l'Afrique antique à la mathématique mondiale (1995)
- 5) L'Égypte, la Grèce et l'école d'Alexandrie. Histoire interculturelle dans l'antiquité. Aux sources égyptiennes de la philosophie grecque (2005).
- 6) L'égyptien pharaonique, une langue négro-africaine (2010)

La liste exhaustive des écrits de Théophile Obenga, de même que ceux de Cheikh Anta Diop peut être consultée sur le site web : www.ankhonline.com.

3-Pouvez-vous m'envoyer une liste de vos publications et où je peux les consulter ?

Mes principales publications sous forme d'ouvrages peuvent être disponibles sur internet, auprès des éditeurs et certains sur Amazon. Vous pouvez aussi télécharger certains articles gratuitement sur le site web ankhonline.com.

Mes principaux ouvrages peuvent être consultés sur le site web de l'éditeur, Teham Éditions : <http://www.tehameditions.com/yoporeka-somet,14.html>.

Mon livre sur la philosophie égyptienne pharaonique est disponible chez Présence Africaine Édition : https://www.presenceafricaine.com/297_somet-yoporeka.

Quant aux ouvrages publiés avec le groupe de travail SHEMSW BAK, on peut les trouver sur : <https://stores.bbkwan.com/>.

4-Vous avez mentionné que 4 ouvrages ont été publiés dans une dizaine de langues. Mais sur le site de Per Ankh, je n'ai trouvé que <SKHMKHT EA, On love Sublime> qui suit ce format multi traductionnel. Quels sont les autres ouvrages ?

Les autres ouvrages publiés par le groupe SHEMSW BAK sont :

- 1- Sanhat: A Multilingual Story of an Official of Kemet (2015)
- 2- Smi n Skhty pn (The Story of the Peasant). Multilingual translation of a 4,000-year-old-African story (2016)
- 3- The Instructions of Ptahhotep. The world's oldest service guide for state officials (2019)

Tous ces ouvrages sont disponibles sur le site web suivant : <https://stores.bbkwan.com/>

5-Dans le groupe de travail SHEMESW BAK (les Compagnons du Devoir), combien de personnes comprennent et sont capables de déchiffrer les hiéroglyphes ?

Le groupe SHEMSW BAK est composé de 6 personnes qui, avec des niveaux très hétérogènes, peuvent lire, comprendre et traduire un texte hiéroglyphes. Je suis cependant le seul égyptologue professionnel de ce groupe, même si 2 autres personnes avaient un peu appris cette langue auparavant, dont l'un a été mon étudiant à Paris.

6-Le nom du SHEMESW BAK (les Compagnons du Devoir) semble impliquer une mission ou du moins une vision. Comment est né ce groupe ? Faites-vous partie de sa

création ? Sinon, à quel moment l'avez-vous intégré ? Quel est l'objectif de SHEMESW BAK ? Et comment est-ce que le groupe travaille à atteindre cet objectif ?

Le groupe SHEMSW BAK a été formé avec des membres tous volontaires dans le but d'étudier, de traduire et de publier des textes majeurs de l'Égypte ancienne dans différentes langues parlées majoritairement sur le continent africain, en incluant également les langues coloniales comme l'anglais, le français et le portugais. Plus tard, nous y avons aussi intégré l'arabe.

J'ai été présent, ainsi que les autres membres du groupe, depuis sa création. Mais l'idée de créer ce groupe n'est pas venue de moi mais de notre aîné, l'écrivain Ayi Kwei Armah. C'est lui qui, le premier l'a parlé de créer ce groupe de travail et d'étude. Il m'a sollicité en tant qu'égyptologue et connaisseur des hiéroglyphes. Ce que j'ai immédiatement accepté. La même démarche a été faite vis-à-vis des autres membres, y compris ceux qui ne connaissaient pas du tout les hiéroglyphiques et c'est ainsi qu'ils ont appris à l'intérieur de ce groupe.

La spécificité de ce groupe de travail, c'est que les membres ont essentiellement travaillé en ligne, sans jamais se rencontrer tous physiquement, même si nous nous connaissons tous. Ils étaient alors sur 3 continents : l'Afrique, l'Europe et l'Amérique. Mais cela ne nous a pas empêché de travailler avec une certaine efficacité, bien avant les moyens technologiques développés dans l'après COVID 19. Nous nous réunissons en ligne tous les dimanches et pendant 2 heures, nous travaillons sur un texte préalablement sélectionné. A raison de quelques lignes par semaines, nous ainsi réussi à traduire et à publier ouvrages, à partir de textes hiéroglyphiques authentiques égyptiens. Je peux dire qu'il s'agit d'une expérience unique dans le monde, car je n'en connais pas d'équivalent jusqu'à présent.

Enfin, je suis particulièrement fier qu'en dehors de toute institution ou structure universitaire, on ait pu traduire tous ces textes dans des langues africaines contemporaines. Cela est aussi quelque chose de bien rare également...